

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ESPORTE ESPETÁCULO:

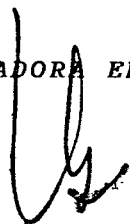
A MERCADORIZAÇÃO DO MOVIMENTO CORPORAL HUMANO

Ana Márcia de Souza

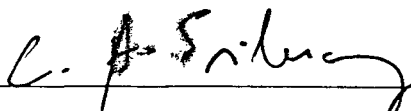
ESPORTE ESPETÁCULO: A MERCADORIZAÇÃO DO MOVIMENTO CORPORAL HUMANO.

Dissertação submetida ao colegiado
do curso de Mestrado em Educação
do centro de Ciências da Educação
em cumprimento parcial para a ob-
tenção do título de mestre em edu-
cação.

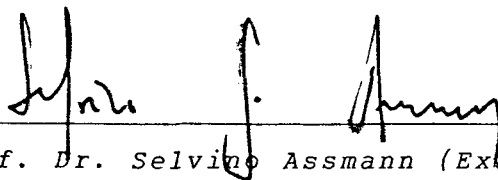
APROVADO PELA COMISSÃO ORGANIZADORA EM 20 / 12 / 91.



Prof. Dr. Paulo Ghiraldelli Júnior (Orientador)



Prof. Dr. Celestino Alves da Silva (Examinador)



Prof. Dr. Selvino Assmann (Examinador)

Ana Marcia de Souza

SOUZA, Ana Márcia de. Esporte
espetáculo: a mercadorização
do movimento corporal humano.
Florianópolis, UFSC, 1991.
(Dissertação de Mestrado).
151p.

Bibliografia.

CDU: 796.016:33

Quais são as reais possibilidades humanas?

ÍNDICE

I	Resumo	006
II	Abstract	007
III	Introdução	008
1.	Na tentativa de explicitar o referencial de trabalho	011
I		014
II		019
III		023
IV		033
V		047
2.	O esporte espetáculo: uma forma peculiar de mercadoria ...	057
2.1.	O esportista e sua força de trabalho	061
2.2.	O esporte como mercadoria não material	073
2.3.	O papel da ciência e da tecnologia	076
2.4.	O esporte fetichizado	085
3.	As alterações estruturais do esporte	091
3.1.	Basquetebol: uma perspectiva de sua mutação	098
3.1.1.	As alterações nas regras	105
3.1.2.	As alterações nos gestos técnicos	112
3.1.3.	As alterações nas táticas	132
3.1.4.	As alterações no treinamento	137
IV	Síntese final	142
V	Bibliografia	146

RESUMO

Este estudo, elaborado a partir das categorias postas pela "crítica à economia política" (Marx), faz uma análise do esporte inserido nas sociedades que têm como ordem econômico-social o capitalismo. Esta análise refere-se ao processo de transformação do esporte em espetáculo esportivo, no sentido da mercadorização deste fenômeno cultural.

A transformação por que passa o esporte é apontada em seus objetivos e características ao longo do tempo, considerando-o, desde sua criação, como fruto da sociedade industrial moderna. Sua mercadorização encontra limites advindos da própria natureza não material do movimento corporal humano. Através da ciência e da tecnologia, especialmente das ciências aplicadas e dos meios de comunicação de massa, as relações sociais capitalistas buscam materializar o esporte e, assim, alterar suas características básicas, para melhor atingir sua forma de espetáculo.

Discute-se, ainda, algumas questões importantes nesse processo, como a transformação do atleta em trabalhador assalariado, fato que se dá quase paralelamente à criação de alguns esportes. O fetiche que a mercadoria esporte espetáculo assume e o consequente efeito sobre os homens, também é aqui discutido.

// Para compreender tal processo, coloca-se neste texto uma análise das alterações ocorridas no basquetebol, em suas regras, seus gestos técnicos, suas táticas de ataque e defesa e em sua forma de treinamento. Essa análise visa estabelecer a origem, a procedência dessas alterações que tiveram como mediação a ciência e a tecnologia. \

ABSTRACT

Souza, Ana Márcia de:

Showsport: Die Vermarktung der menschlichen Körperbewegung

Diese Arbeit analysiert mit den von Marx in der "Kritik der politischen Ökonomie" entwickelten Kategorien den Sport in Gesellschaften mit einer kapitalistischen Wirtschafts- und Sozialordnung. Die Analyse bezieht sich auf die Vermarktung des kulturellen Phänomens Sport in dem Prozeß seiner Transformation zum Showsport.

Die Transformation, die der Sport durchläuft, wird in ihrer Entwicklung hinsichtlich der jeweiligen Ziele und Charakteristika erfaßt. Hierbei wird davon ausgegangen, daß der Sport von seinem Ursprung her ein Produkt der modernen Industriegesellschaft ist. Seine Vermarktung trifft jedoch auf Grenzen, die durch seine eigene Natur als nicht-materielle menschliche Körperbewegung vorgegeben sind. Mithilfe von Fachleuten aus Wissenschaft und Technologie - insbesondere aus den angewandten Wissenschaft und den Massenkommunikationsmitteln - suchen kapitalistische Sozialverhältnisse den Sport so zu materialisieren, daß sich seine charakteristischen Basiseigenschaften zur effektivsten Verwendung als Showspektakel eignen.

In diesem Zusammenhang werden weiterhin einige wichtige Aspekte dieses Prozesses wie die Transformation des Athleten in einen Lohnarbeiter diskutiert; ein Faktor, der sich quasi parallel zur Gründung von einigen neuen Sportarten herausbildete. Darüberhinaus wird die Fetischisierung thematisiert, die Vermarktung und Showsport bewirken, und deren unausbleibliche Konsequenzen für die Menschen abgeschätzt.

Zur Konkretisierung dieses Prozesses enthält die Arbeit eine Analyse von Veränderungen wie sie sich im Basketball im Rahmen seiner Regeln, Techniken, Angriffs- und Verteidigungstaktiken sowie bezüglich seiner Trainingsform ergeben haben. Die Analyse zielt darauf ab, Ursprung und Herkunft dieser Veränderungen zu erfassen, die durch Wissenschaft und Technik vermittelt wurden.

INTRODUÇÃO

No decorrer deste último século, o esporte tem se apresentado com diferentes objetivos e características. Este fenômeno da cultura é criação da sociedade industrial moderna, atendendo a seus modelos e formas de relação entre os homens.

O esporte teve, nos primeiros anos após sua formalização, no final do século passado, uma relação profunda com a classe média em ascensão. Servia, basicamente, para sua afirmação na sociedade que se estruturava e no novo padrão de vida que se estabelecia. Praticamente, ao mesmo tempo em que isso ocorria, já se podia perceber em torno de alguns esportes a organização de um comércio específico. Esse comércio explorava a venda, tanto de material esportivo quanto de outros artigos em dias de competição, aproveitando a presença do público. Não demorou muito tempo para que a própria assistência do público fosse comercializada e os atletas se transformassem em profissionais assalariados.

Com essa nova caracterização, o esporte vai sendo difundido por todo o mundo e seu estatuto de mercadoria acaba superando os outros objetivos potencialmente existentes.

Partindo dessa premissa, este estudo busca apontar indícios de que o processo de mercadorização do esporte não se dá apenas em sua conformação exterior. Transforma, também, o movimento corporal humano no interior do esporte, direcionando-o de maneira a adequá-lo ao caráter de espetáculo que o esporte precisa apresentar com vistas a sua colocação no mercado.

Para sustentar tal premissa, este estudo inicia, no primeiro capítulo, por uma discussão sobre a estrutura das sociedades

que têm como ordem econômico-social o capitalismo. Essa discussão é feita, basicamente, a partir do referencial da "crítica à economia política" e de suas categorias de análise. Isso porque, compreender a unidade básica do capitalismo - a mercadoria - e as inter-relações que lhe dão forma, tornou-se fundamental para compreender o esporte espetáculo e a significância desse fato para o movimento corporal humano em seu interior. Outro ponto importante discutido neste capítulo é a subsunção real do trabalho ao capital, apontando para a produção da ciência e da técnica também subordinada ao interesse do capital.

A discussão que segue no segundo capítulo busca compreender a nova forma de espetáculo assumida pelo esporte a partir das categorias de análise anteriormente explicitadas. Neste capítulo são revistos os objetivos iniciais aos quais o esporte serviu em sua criação, pontuando desde de então o comércio que se estabelece ao seu redor. A transformação do esportista em assalariado e o caráter de mercadoria não material são aqui discutidos. Destaca-se, ainda, a intervenção da ciência e da técnica nesse processo de mercadorização do esporte. Essa intervenção se dá tanto no sentido de materializar este produto na forma de vídeo-tapes e transmissões via satélite, ampliando sua reprodução e autonomia em relação a seus produtores, como no sentido de fundamentar um novo movimento corporal humano que se adapte melhor a forma de espetáculo, tornando mais fácil sua inserção no mercado e proporcionando a geração de um mais alto valor-de-troca. Por último, neste capítulo se discute o fetiche do esporte espetáculo e as decorrências disso sobre os homens que o produzem e o consomem.

O terceiro capítulo caminha na perspectiva de demonstrar concretamente o processo de mercadorização do esporte e a conse-

quente alteração do movimento corporal humano que o constitui. Para tanto, discute-se a influência das ciências aplicadas e dos meios de comunicação de massa sobre os vários esportes, apontando para a mediação que ambos têm exercido nesse processo. Neste capítulo, se faz uma genealogia (no uso corrente desse termo), dos vários aspectos do basquetebol. Busca-se estabelecer a origem das várias alterações que ocorrem nas regras, nos gestos técnicos, nas táticas de ataque e defesa e no treinamento deste esporte e sua possível relação com as ciências aplicadas e a tecnologia. Dentro desta relação, destaca-se a influência da televisão nestas últimas décadas e o mercado que se expande a partir dela.

É preciso salientar que não é uma preocupação deste estudo situar a discussão especificamente no Brasil, por entender que a caracterização atual da sociedade brasileira é, em maior ou menor grau, similar a todas as demais sociedades industriais modernas.

CAPÍTULO 1

NA TENTATIVA DE EXPLICITAR O REFERENCIAL DE TRABALHO

A história do homem na terra é marcada pela história do trabalho do homem, como produção material de sua existência. O trabalho, enquanto processo produtivo, é a forma que o homem tem de se relacionar com a natureza, transformando-a e adequando-a às suas necessidades; "é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas, é condição necessária de intercâmbio material entre os homens e a natureza; é condição eterna da vida humana, sendo antes comum a todas as formas sociais" (Marx, 1987:208).

Através do trabalho, o homem busca na natureza materiais de toda ordem que potencialmente podem vir a lhe ser úteis, emprega sobre eles seu esforço e capacidade dando-lhes uma forma utilitária de acordo com sua concepção. Consome os valores que a natureza possui ao transformá-los em novos valores úteis para sua subsistência ou para o início de um novo processo produtivo. Nesse processo, ao mesmo tempo que busca satisfazer suas necessidades materiais de subsistência, como alimentação, vestuário, proteção, entre outras, vai tratar de suprir também outras necessidades não materiais mas também concretas, como as de fundo psicológico, de divertimento, de relação e comunicação com os outros homens.

Todo homem possui essa capacidade que é constituída por suas possibilidades físicas e mentais e marcada profundamente por sua forma de ser e expressar sua subjetividade. Essa complexa composição de forças existente no interior de cada homem, produz va-

lores-de-uso muito específicos, pois possuem uma finalidade pré-determinada e são carregados de especificidades daquele que os faz. No trato com o objeto de trabalho, o homem não só emprega o conjunto de habilidades necessárias para transformá-lo num valor utilitário, como marca sobre ele a intenção que o move, tendo em vista não só o seu objetivo de uso, mas aquele para quem o faz - à si mesmo ou ao outro. É o próprio trabalho enquanto atividade que é um dos elementos constitutivos desse processo (Marx, 1987:202) além do objeto e meios de trabalho. O objeto pode ser extraído da natureza e após sofrer a ação humana, ser um produto pronto para utilização ou matéria-prima destinada a um novo processo produtivo. Essa ação se efetiva através de instrumentos de toda ordem, que fazem uma mediação entre o próprio trabalhador e o objeto de sua ação. O homem consegue, dessa forma, expandir sua capacidade para além dos seus limites, e os próprios instrumentos possuem como única limitação a capacidade do homem de aperfeiçoá-los. É exatamente por esse motivo que o grau de desenvolvimento dos meios de trabalho dá grandes indícios para a compreensão e distinção dos estágios de desenvolvimento de uma sociedade. Essa diferença entre objeto de trabalho/matéria-prima, meios de produção e produto não é rígida, podendo o mesmo produto (valor-de-uso) ocupar diferentes funções no mesmo processo de trabalho ou em processos diferentes; servindo em um como matéria-prima, em outro como meio de produção ou mesmo como produto pronto para utilização.

Mas o trabalho enquanto atividade humana se dá sempre no interior de uma gama de relações sociais que constituem uma sociedade que, enquanto tal, não é única, não tem um padrão ou modelo estável, é sempre constituída pelo conjunto de características que os homens lhe emprestam, sendo eles mesmos resultado dessas rela-

ções sociais.

Como este estudo tem relação com o trabalho contextualizado em países capitalistas, é necessário ter em vista sob que condições e em qual estrutura ele se desenvolve. Essa forma de organização econômico-social - o capitalismo - com sua configuração atual, tem como base histórica a transformação do trabalho em trabalho assalariado e do processo de trabalho em um processo paralelo de valorização.

I

No processo histórico dos últimos quinhentos anos, foram criadas as condições para o desenvolvimento de relações de produção especificamente capitalistas. São dois os pressupostos básicos que permitem o desenvolvimento dessas relações sociais. O primeiro deles, fundamental, é de que os trabalhadores, um dos componentes do processo de produção, estejam separados dos demais componentes, ou seja, das próprias condições objetivas do processo - os meios de produção - e não possuindo, por decorrência, os meios necessários à sua subsistência. O segundo pressuposto é de que esses meios de produção e de subsistência, pertençam a outros que não os trabalhadores, justamente aqueles que podem comprar a força-de-trabalho então posta disponível. Após a transformação do trabalho em geral para trabalho assalariado, é possível perceber dentro da esfera de produção, o fenômeno essencial para reprodução e ampliação do capital a níveis altíssimos, a capacidade do trabalho de não só produzir o valor de sua força-de-trabalho, mas produzir um excedente que valoriza o capital investido inicialmente "...na realidade do modo de produção burguês, o processo de trabalho em geral que em qualquer forma de vida associada e qualquer que seja o estágio de desenvolvimento das forças produtivas é aplicação do trabalho útil e concreto a objetos e meios de trabalho úteis e concretos - é inseparavelmente processo de valorização, de incremento de valor do capital adiantado" (Maffi, apud Marx, 1985:33).

Para melhor compreender esse processo, é necessário um aprofundamento no estudo da unidade básica do modo capitalista de produção e de sua riqueza - a mercadoria. Esta pode ser definida

como qualquer coisa, objeto material ou não, que possui qualidades e características que de alguma forma satisfaçam necessidades humanas de toda ordem. A mercadoria deve possuir, como característica essencial, a possibilidade de ser útil a alguém que não seja aquele que a produziu, tornando-se o que ficou conhecido como valor-de-uso social (Marx, 1987:46). Na medida em que o trabalho é empregado na produção de mercadorias que não sejam para utilização daquele que as produz e nem mesmo para aquele que as possui como produto final de um processo que se dá sob sua tutela e propriedade, essa mercadoria tem como objetivo final, não o valor útil que possui, mas sim o valor-de-troca que tem como destino a esfera de circulação e o retorno à forma de capital. Pode-se dizer, então, que nas sociedades capitalistas já desenvolvidas a mercadoria possui duas formas paralelas, a de ser produto do processo de produção capitalista e a de ser, ao mesmo tempo, forma necessária de existência do capital. Ela possui aqui, uma característica única, nunca detectada em organizações anteriores da sociedade, ela incorpora a forma geral de riqueza, comum a todos os valores úteis produzidos.

Os valores-de-uso nessa sociedade em questão possuem uma trajetória certa através da esfera da circulação, onde passam a ser considerados como valores-de-troca. O valor-de-uso nessa esfera possui a capacidade de ser trocado por outro valor-de-uso completamente distinto, sendo para isso necessário apenas efetivar uma relação quantitativa entre ambos, uma relação de proporções que se trocam. Por isso, esse valor é genérico e flutuante em cada época e em cada caso, sendo completamente independente das características concretas de cada valor-de-uso (esses variam em qualidade, enquanto os valores-de-troca apenas diferem na quantidade).

"A mercadoria tem um duplo aspecto: por um lado, é fragmento da natureza transformada pelo trabalho, e, enquanto tal, possui uma determinada utilidade, um certo valor-de-uso; por outro, é um valor (e, por isso, um valor de troca), ou seja, uma cota de riqueza abstrata, genérica, produzida pelo capital" (Napoleoni, 1981:26).

Esse duplo aspecto presente na mercadoria mostra, na troca, que suas qualidades úteis desaparecem em função de sua quantidade objetiva, que tem como fundamento último o trabalho humano dedicado à sua produção. O tempo necessário para produção dessa mercadoria, torna-se, a partir desse momento, o princípio fundamental para a efetivação da troca entre todos os gêneros de mercadoria, a despeito de todas as demais qualidades que elas possuam. O tempo socialmente necessário à produção de uma determinada mercadoria corresponde ao desenvolvimento social das forças produtivas, julgado pela análise ampla da sociedade, sem levar em conta o desenvolvimento dos produtores isolados envolvidos em cada caso. Como o tempo de trabalho humano é a única das características da mercadoria que permanece na esfera da troca, o valor dessa mercadoria é calculado sobre o mesmo tempo, sempre tendo em vista o desenvolvimento social geral e, portanto, o tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la, ou seja, "o tempo de trabalho socialmente necessário, que com um grau médio de habilidade e intensidade existente na sociedade, em condições normais, se produz um valor-de-uso qualquer" (Marx, apud Rubin, 1987:189) e diretamente relacionado com o grau de desenvolvimento das forças produtivas.

Esse aspecto das mercadorias e a igualação dos seus valores na troca, em função da quantidade de trabalho socialmente necessário à sua produção, traz uma consequente igualação dos traba-

lhos nelas corporificados. Pois parte-se do princípio de que, em existindo a troca e tendo-a como perspectiva, ambas as forças-de-trabalho tornam-se apenas produtoras de valor, de mercadoria em sua forma abstrata; os trabalhos realizados são, portanto, trabalhos também abstratos. Na medida em que há essa inversão durante a troca, quando seu valor-de-uso é desconsiderado pelo seu valor genérico, passando a ser quantificado apenas como trabalho humano dispendido, deixa de ser ele mesmo, trabalho humano privado, para ser seu oposto, trabalho humano diretamente social. Transforma-se assim de trabalho concreto em trabalho abstrato. Deixa de ser trabalho útil que se concretiza em valores-de-uso, inerente a condição humana como forma de expressão de sua subjetividade e relação com a natureza, passando a ser trabalho genérico, em sua forma social. "O homem, alienado de sua essência, não é mais o sujeito do qual o trabalho constitui o predicado essencial, mas, ao contrário, é o trabalho que foi elevado a substância independente; e os homens, em relação a ele, não são mais que simples veículos de realização; simples suportes materiais de sua explicitação"; "o trabalho abstrato é evidentemente um trabalho privado de qualidades, precisamente porque a única fonte possível de tais qualidades seriam aquelas subjetividades que foram suprimidas, tem, por isso, uma simples dimensão quantitativa, cuja medida é o tempo" (Napoleoni, 1981:20).

Considerando-se que na esfera de circulação, especificamente na troca, todas as mercadorias se igualam variando apenas a forma quantitativa expressa no valor que lhe é atribuído, qualquer mercadoria pode assumir a posição de equivalente geral das demais mercadorias, o que efetivamente ocorre ao longo do tempo, pelo hábito e popularização de seu uso (haja visto o exemplo do ouro e da

prata). Transforma-se de produto do trabalho humano privado que é, num equivalente a todos os produtos do trabalho social. E nessa igualação aos demais trabalhos sociais há o abandono de todas as características concretas e úteis do trabalho efetivo, reafirmando, como diz Marx, seu caráter elementar de dispêndio de força-de-trabalho humano. Já o valor, como sua representação, assume uma forma social do mundo das mercadorias (cf. Marx, 1987).

I I

Como já foi dito, uma das bases sobre a qual se assenta o modo de produção capitalista é a transformação do trabalho em trabalho assalariado, num processo que se dá pela separação do próprio trabalho das condições de produção, ou seja, dos meios de produção e de subsistência e a posse destes em mãos de outros que não o trabalhador. Essa transformação não é de forma nenhuma natural ou já vista em outros períodos e formas de organização da sociedade. Ela é fruto de um desenvolvimento anterior inédito na história e que revolucionou as formas de produção social.

A força-de-trabalho que o trabalhador possui, que se constitui no "conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie" (Marx, 1987:187), não tem autonomia, pois não mais possui as condições de levar a cabo seus objetivos. Para a força-de-trabalho resta procurar a única fórmula de constituir com os demais componentes, o processo de trabalho necessário à sua subsistência. O trabalhador, tendo como única posse a força-de-trabalho, vai à esfera da circulação onde a empenha, temporariamente, em troca dos meios para sua subsistência e reprodução. Na medida em que a força-de-trabalho é trocada por outras mercadorias (meios-de-subsistência) passa a possuir ela também esse valor genérico que a transforma em mercadoria e a iguala às demais. Por isso, o cálculo de seu valor é feito da mesma forma que outra mercadoria qualquer, baseado no tempo de trabalho necessário para a produção dos meios de sua subsistência, incluindo-se aí, além da alimentação, a habi-

20

tação, o transporte, etc, do trabalhador e de sua família, de acordo com a média reconhecida socialmente. Adam Smith define com clareza o salário a ser pago ao trabalhador, afirmando que há um patamar mínimo que não pode ser rebaixado pois "o homem necessita viver de seu trabalho, na medida em que os salários devem ser pelo menos, suficientemente elevados para mantê-lo. Na maior parte das ocasiões, é indispensável que ganhe um pouco acima do montante capaz de sustentá-lo; caso contrário, ser-lhe-á impossível manter uma família, o que impediria que a raça desses trabalhadores ultrapassasse a primeira geração" (Smith, apud Napoleoni, 1985:69). Ele reconhece, ao final, que o salário sempre tende a ser reduzido ao mínimo e por esse motivo o chama de "natural".

Há ainda outro componente a ser considerado no cálculo dos meios necessários à reprodução da força-de-trabalho: o grau de aprendizagem médio que possui essa força e o dispêndio financeiro dessa aprendizagem. É preciso verificar, portanto, se a força-de-trabalho em questão apresenta um trabalho simples, com um potencial que qualquer homem comum possui e sem nenhuma aprendizagem excedente que lhe dê conhecimentos diferenciados ou especiais, ou se é trabalho qualificado, tendo exigido um investimento no seu processo de aprendizagem para um trabalho específico, além de uma educação básica mais profunda e completa. Sobre essa questão da qualificação da força-de-trabalho é preciso fazer algumas considerações. A primeira, diz respeito ao trabalho simples, que trata do grau de qualificação possuído pela média dos trabalhadores, pelo homem comum. Além da aparência simples da questão, reside o fato de que esse grau médio de qualificação apresenta variações de acordo com o espaço e o tempo. Assim, em cada país ou mesmo em diferentes regiões de um país, pode-se encontrar variações nesse

grau de habilidade mediano, de acordo com a origem cultural e a familiaridade com a função específica, mas, basicamente, com o desenvolvimento das forças produtivas nesse país. Da mesma forma que os meios de produção demonstram o estágio de desenvolvimento de uma sociedade, eles acabam por influenciar e sofrer influência do grau de habilidade médio. Há que se considerar, ainda, que o desenvolvimento das forças produtivas apresenta-se de forma dinâmica, em constante processo de aprimoramento, fazendo variar dentro do próprio país, com o decorrer do tempo, essa média de habilidade do homem comum.

A segunda consideração no que diz respeito à qualificação do trabalho dentro de uma economia capitalista, é o efeito que ela traz na esfera da circulação. O valor pago por ela enquanto força-de-trabalho qualificada é maior que o valor pago pela força-de-trabalho simples e ainda, que o valor dos produtos do trabalho qualificado também são maiores que os do trabalho simples. Isso porque, em se tratando de trabalho qualificado, como aquele que necessitou de um aprendizado de maior duração para obter um conhecimento necessário para uma tal função ou especialidade, os valores de sua força-de-trabalho e de seu produto são aumentados por várias razões. Porque há um tempo de trabalho despendido no seu treinamento, que envolve o trabalho de seu mestre, o trabalho investido nos instrumentos utilizados no treinamento, além do próprio trabalho dele enquanto estudante nesse período. Além do mais, como os conhecimentos dos trabalhos qualificados não são facilmente atingidos, há sempre estudantes que ao longo do processo de treinamento acabam por ser excluídos, mas deixam uma parcela de trabalho despendido que deve entrar no valor dos produtos do trabalho qualificado.

E por último, outra consideração ainda a ser feita, diz respeito ao processo de troca que "elimina as diferenças entre as formas de trabalho; elimina simultaneamente as diferentes condições e converte diferenças qualitativas em quantitativas" (Rubin, 1987:174). Na troca, o produto do trabalho qualificado vê convertidas na forma de valor, todas as diferenças qualitativas provenientes do trabalho empregado e das condições de produção. Por isso seu valor se torna superior ao do trabalho simples, preservando a proporção estabelecida pelo equilíbrio entre os diferentes ramos de produção e os trabalhos neles existentes. Mais uma vez comprova-se a abstração do valor que, ao transformar qualidades em quantidades, transforma todo trabalho corporificado em mercadoria, em trabalho socialmente igualado.

I I I

O capitalista, adquirindo a força-de-trabalho passa a possuir, não uma mercadoria simples, mas uma mercadoria especial, que trará o componente variável para o seu produto. Mas o que o capitalista recebe em troca do valor empregado (salário), não é a força-de-trabalho e sim o trabalho vivo que essa força pode fornecer, o qual é maior que o trabalho objetivado nos meios de subsistência recebido na forma de salário. O processo produtivo nas sociedades capitalistas já incorporou a troca como objetivo final. Diferente de qualquer outro estágio de desenvolvimento da sociedade, o trabalho não é realizado com o objetivo de suprir necessidades humanas concretas, mas sim de produzir mercadorias, que além de seu valor-de-uso, têm um valor-de-troca. O processo produtivo no capitalismo busca, principalmente, obter um valor maior do que o empregado inicialmente na produção de mercadorias. Para tanto, e agora pode-se ver na plenitude as bases históricas dessa forma de organização econômico-social, além da transformação do trabalho em trabalho assalariado, é preciso transformar o processo produtivo em um processo paralelo de valorização. No processo de circulação há apenas a troca de equivalentes, representados por mercadorias ou mercadoria por dinheiro, que em última análise mostra que também é mercadoria. Nem mesmo quando a lei da troca é desrespeitada - ao se vender uma mercadoria acima do que vale ou comprá-la abaixo de seu valor - não há criação de novo valor, há apenas redistribuição do valor entre seus possuidores.

A despeito desse fato, a economia capitalista notadamente é produtora e reprodutora de valor em níveis cada vez mais eleva-

dos. A explicação para isto não está na esfera de circulação e sim na de produção, tornando possível compreender porque a força-de-trabalho se torna a mercadoria fundamental do capitalismo. Para efetivar essa reprodução do capital, há necessidade de transformá-lo em mercadorias. É com essa intenção que o capitalista compra a força-de-trabalho e a faz produzir um valor-de-uso, que para ele próprio não é necessário e se apresenta algum interesse para ele, é apenas na medida que veicula algum valor-de-troca. É preciso que seja um valor-de-uso que venha a suprir alguma necessidade humana e que por isso desperte algum interesse na troca. Mas para ele, enquanto proprietário desse produto, esse valor-de-uso é indiferente. A forma de calcular o valor dessa mercadoria é fato corrente. Calcula-se sobre "a quantidade de trabalho materializado em seu valor-de-uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção" (Marx, 1985:211). É preciso contar com o trabalho corporificado nos meios de produção, em todo aparato técnico-material do processo, incluindo-se aí a matéria prima, além do trabalho necessário para a produção de todos os meios de subsistência do trabalhador. Todo trabalho empregado na produção de todos os meios de produção (maquinaria, instalação, instrumentos, matéria-prima, etc) já está corporificado nestes próprios meios e representado por seus respectivos valores, ou seja, é trabalho já objetivado, é trabalho morto. O tipo de trabalho executado na produção desses meios, suas diferentes naturezas e qualificações são transformadas na troca que antecede esse processo, em trabalho socialmente necessário e, por isso, socialmente igualados na forma de quantidade que lhes dá seu respectivo valor. Com relação a força-de-trabalho, o processo é semelhante. Através do trabalho vivo em atividade e na relação com os meios de produção, ao longo de

certo período, vão sendo produzidos valores-de-uso que trazem a si incorporados o valor desse novo trabalho que lhes resulta num novo valor. Conclui-se, então, que o valor desse produto nada mais é do que a soma dos valores nele empregados, reunidos.

Até aí nenhum mistério se apresenta. Mas, na medida em que os produtos do trabalho são constituídos não para suprir a necessidade daquele que os possui e muito menos para que o capitalista troque seus produtos por valores equivalentes aos que empregou na produção, nessa medida, torna-se evidente que o objetivo do capitalista é ter como retorno, além do seu próprio capital inicial, um capital excedente. O capitalista atinge este feito ao fazer materializar-se em mercadoria mais trabalho do que o que pagou pela força-de-trabalho que a produziu. Isso é possível porque, ao contrário das outras mercadorias, o valor do trabalho objetivado nos meios de subsistência do trabalhador é diferente da utilização que se pode fazer da força-de-trabalho. "O trabalho pretérito que se materializa na força-de-trabalho e o trabalho vivo que ela pode realizar, os custos diários de sua produção e o trabalho que ela despende são duas grandezas inteiramente diversas. A primeira grandeza determina seu valor-de-troca, a segunda constitui seu valor-de-uso" (Marx, 1987:218). O trabalho executado por algumas horas gera um valor igual ao do seu salário, repondo ao capitalista, o valor adiantado. Mas como determina a própria lógica capitalista, a jornada de trabalho é sempre maior, produzindo neste período um valor muito superior ao salário pago ao trabalhador. Ao final de um certo período, a força-de-trabalho produziu mais mercadorias que o relativo ao valor do salário, e o capitalista, de volta a esfera de circulação e vendendo as mercadorias somente pelo seu valor real, atinge um capital superior a soma de valores por ele

empregada inicialmente no processo produtivo. Realizou-se, no mesmo processo, a produção de valores-de-uso, a produção de valor, que vai até o ponto em que o valor das mercadorias produzidas paga o valor da força-de-trabalho empregada, além de uma nova produção: a produção de um valor que excede ao empregado - a mais-valia.

Para compreender detalhadamente esse fenômeno - a produção da mais-valia - faz-se necessário analisar melhor os componentes do processo de trabalho que se dão no interior da produção. Para que efetivamente o processo de trabalho possa ocorrer, são indispensáveis os seus componentes, como os meios de produção e o próprio trabalho vivo desempenhado pela força-de-trabalho. Estes componentes são também aqueles que constituem o valor do produto ao final do processo. Isso se dá de uma forma única, através do trabalho vivo e útil que é realizado no processo, que além de conservar o valor dos meios de produção, acrescenta um novo valor, independentemente das características técnicas que esse trabalho tenha. Essa dupla capacidade do trabalho - produzir valor e conservá-lo - é fruto de sua natureza específica, da possibilidade dele (o trabalho útil), ao se debruçar sobre os meios de produção, exercendo sua própria qualificação, de criar um novo valor-de-uso. Marx desenvolve com clareza esta idéia, afirmando que "a velha forma do valor-de-uso desses objetos desaparece para reaparecer sob nova forma. Ao tratar do processo de produzir valor, verificamos que, ao consumir-se adequadamente um valor-de-uso para produzir novo valor-de-uso, o tempo de trabalho necessário para produzir o valor-de-uso consumido constitui parte do tempo necessário para a produção de novo valor-de-uso, sendo portanto tempo de trabalho que se transfere dos meios de produção consumidos ao novo produto" (Marx, 1987:225). Nesse processo é preciso lembrar que os

meios de produção, que já possuem um trabalho neles depositado durante sua produção (considerado agora como trabalho morto), possuem a dupla natureza das mercadorias na economia capitalista, são valores-de-uso e ao mesmo tempo, valor. Ao entrarem em novo processo produtivo e em contato com um trabalho útil que os transforma, transformando suas características materiais, perdem seu valor-de-uso anterior, mas não seu valor, que por sua natureza abstrata, independe das características do objeto que serve como veículo, passam para o novo valor-de-uso na mesma proporção com que são usados seus anteriores valores-de-uso.

Dentro do processo produtivo se faz necessária uma distinção quanto ao capital investido nos diferentes componentes desse processo e suas diferentes naturezas. Os meios de produção apresentam-se, de acordo com suas características e finalidades, com um tempo de duração diferente ao longo do processo produtivo. Alguns deles como edifícios, máquinas, fontes energéticas, etc, têm uma duração de anos, enquanto outros, como matéria prima, corantes, etc, são inteiramente gastos desaparecendo no produto. O mesmo acontece com a força-de-trabalho, que é sempre paga (salário) por um dado período não muito longo, precisando após isso, ser paga novamente. O critério para distinção entre essas diferentes formas assumidas pelo capital, que na verdade é um critério contábil, é chamar de capital fixo àquele investido em elementos do processo produtivo que tenham uma duração superior a um ano e de capital circulante àquele cuja duração é igual ou inferior a um ano, estando aí incluído os salários.

Essa caracterização do capital é necessária porque dentro do processo produtivo os meios de produção são utilizados em diferentes quantidades. Alguns, como a matéria-prima e instrumentos

menores, perdem por inteiro seu valor-de-uso inicial e por isso transferem também por inteiro seus valores ao valor final do produto. Outros, como a maquinaria, as instalações do local de trabalho, recipientes, etc, ao participarem desse novo processo produtivo não perdem suas características iniciais, apenas se desgastam ao longo do tempo e o valor que transferem ao produto desse novo processo é apenas relativo ao desgaste ocorrido nesse dado período. Em resumo, durante o processo produtivo, consome-se através do novo trabalho (trabalho útil) o valor-de-uso dos meios de produção, sendo seus valores originais preservados e transferidos ao novo produto, ao novo valor-de-uso concreto produzido.

O processo todo se dá unicamente porque um dos seus componentes (força-de-trabalho) possui, como já foi apontado, a natureza específica de, através da aplicação de trabalho útil, conservar os valores existentes e criar novo valor. Esse trabalho útil é responsável pela origem concreta do único novo valor criado dentro do processo produtivo, pois consegue através de sua própria qualificação, criar um novo valor-de-uso, por isso um novo valor. Num primeiro momento da sua jornada de trabalho, o trabalhador cria pela aplicação de trabalho específico, um novo valor a ser acrescentado ao valor final do produto, que diferentemente dos meios de produção, não existia até esse momento. Apesar disso, o trabalho executado até esse momento, apenas retribui o valor adiantado por sua força-de-trabalho. Mas como já é fato conhecido, a jornada de trabalho persiste para além desse momento, que é o tempo de trabalho necessário para a reprodução do valor pago pela força-de-trabalho. Ela continua por um número maior de horas a cada dia, o que traz embutido em si, além do trabalho necessário para produzir o valor da força-de-trabalho, um trabalho excedente, que produz um

valor maior que o valor do salário recebido. Esse trabalho excedente produz um valor excedente que se incorpora ao valor do produto como um "mais valor", como a mais-valia.

Essa caracterização dos componentes do processo produtivo que se dá dentro dessa ordem econômico-social, que busca nada mais que a reprodução do capital, é portanto a definição de suas funções enquanto reprodutores do capital, ou seja, produtores de mais-valia. Ao analisar o valor de um produto, pode-se dizer como Marx que "a parte do capital, portanto, que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, materiais acessórios e meios de trabalho, não muda a magnitude do seu valor no processo de produção. Chamo-a, por isso, parte constante do capital, ou simplesmente capital constante* (...). A parte do capital convertida em força de trabalho, ao contrário, muda de valor no processo de produção. Reproduz o próprio equivalente e, além disso, proporciona um excedente, a mais valia, que pode variar, ser maior ou menor. Esta parte do capital transforma-se continuamente de magnitude constante em magnitude variável. Por isso, chamo-a parte variável do capital, ou simplesmente, capital variável*" (Marx, 1987:234 e 235). Para que o capital possa viabilizar sua própria reprodução, é preciso que ele se configure como uma mercadoria na esfera de circulação e, portanto, na esfera de produção é preciso que ele assuma as diferentes formas dos componentes do processo de trabalho. A peculiaridade do processo capitalista está justamente no fato de que ao comprar a força-de-trabalho com o capital variável o que o capitalista está fazendo é obter seu valor-de-uso, apropriando-se dele com o capital constante. Ou seja, em todas as formas que assume, seu único objetivo é através do trabalho vivo,

* Grifo meu.

aumentar o valor, obter a mais-valia para sua reprodução. Com isso fica claro perceber que o trabalho útil serve apenas como meio ao capital constante para sua transferência, transformando a relação natural de que o homem utiliza o instrumento, para o seu contrário, o homem sendo utilizado pelo instrumento. E ainda, não mais o homem é fundamental no processo produtivo e sim o trabalho que desempenha, sendo ele importante apenas na medida em que é o meio material para explicitação desse trabalho. O trabalho é autônomo em relação a ele, comprovando, mais uma vez, a alienação na base da trabalho sob a forma de produção capitalista.

A partir dessa compreensão de que o capital assume diferentes formas no processo de produção, pode-se defini-lo aí como a soma do capital constante com o capital variável ($C = c + v$) e que ao fim desse processo, como já exposto aqui, possui um novo elemento que se constitui na mais-valia produzida, passando-se então a definir o capital como a soma do capital constante com o variável acrescentando a mais-valia apresentada ($C' = (c+v) + m$). Isso porque o capital (C') do final do processo não é o mesmo capital (C), é um capital maior porque acrescido da mais valia produzida.

Mas é preciso ter cuidado com essa formulação como se apresenta - pois a origem da mais-valia, componente diferencial das fórmulas de capital de início e final do processo - está diretamente relacionada com apenas um dos itens - o capital variável - e não com o capital global formado pelo capital constante mais o variável. A primeira vista, a diferença de relação entre a mais-valia e os demais componentes da fórmula, pode parecer simplória, mas ela esconde uma questão fundamental, que diz respeito a origem da mais-valia e ao grau de exploração da força-de-trabalho. Tendo-se em mente a composição do valor da mercadoria, fica bastante

claro que o capital constante empregado na produção da dita mercadoria transfere à ela unicamente seu próprio valor-de-troca já existente, não podendo ele próprio ser produtor de novo valor. Dentro do processo produtivo, essa capacidade de produzir um novo valor é exclusivamente do trabalho útil empregado, que como capital variável que é, despende mais trabalho do que o necessário para produzir o seu próprio valor, cria um mais valor, uma mais-valia. Esse fato diz respeito a origem da mais-valia, proveniente do capital variável e sem nenhuma relação com o capital constante, portanto, seu cálculo só pode ser feito em relação ao primeiro e não ao segundo.

Para esclarecer a segunda parte da questão - o grau de exploração da força-de-trabalho - pode-se partir da explicitação feita acima, concluindo-se que a mais-valia tem como origem o capital variável e não o capital constante; seu cálculo deve ser baseado na proporção em que aumenta este e não em relação ao capital total investido. O capital constante nada adiciona ou altera (em condições normais) a mais-valia, pode por isso, ser igualado a zero, evitando a armadilha do crescimento do valor global ser atribuído a ele erroneamente. Igualado a zero, a fórmula encontrada ($C' = v + m$) expressaria o real e redundaria num cálculo de taxa da mais valia ($t = m/v$) feito de forma correta e representando efetivamente a proporção de aumento do capital.

A partir dessa fórmula encontrada, pode-se ter mais clareza do que ocorre no modo de produção capitalista. Sendo o capital variável aquele que é adiantado para o pagamento da força-de-trabalho, que em contrapartida reproduz o seu próprio valor num tempo necessário, a mais-valia encontrada ao final do processo só pode ser atribuída ao trabalho excedente levado a cabo no restante

da jornada de trabalho. A taxa de exploração da mais-valia representa a exata proporção entre o trabalho necessário e o trabalho excedente, sendo por isso considerada o grau de exploração da força-de-trabalho. "Mas o capital variável é a expressão monetária do valor global de todas as forças de trabalho simultaneamente empregadas pelo capitalista. Seu valor é, portanto, igual ao valor médio de uma força de trabalho, multiplicado pelo número de força de trabalho empregadas" (Marx, 1987:347). Portanto, para calcular, não a taxa de mais-valia de um trabalhador, mas do número total de trabalhadores empregados pelo mesmo capital, deve-se multiplicar a taxa obtida por um trabalhador individual em média, pelo número de trabalhadores empregados, obtendo assim, a massa da mais-valia.

I W

Na composição da taxa de mais valia e no próprio valor da mercadoria, há elementos importantes que trazem uma outra compreensão das relações de produção e que Marx, no conjunto de sua obra, já tinha apontado. A partir do momento em que se estabelece uma ligação entre a mais-valia e o capital variável, a magnitude do grau de exploração da mão de obra é tanto mais favorável ao capitalista quanto maior for o seu índice. Para aumentar a taxa de mais-valia (o próprio grau de exploração da força-de-trabalho), são duas as formas, a princípio, encontradas pelo capital.

A primeira delas e a mais elementar é a de aumentar o trabalho excedente - criador de mais-valia - aumentando a própria jornada de trabalho, já que a condição técnica do conjunto dos setores da economia, impede a diminuição do tempo de trabalho necessário para repor os meios de subsistência adiantados na forma de salário. É necessário ressaltar que essa condição técnica, que a primeira vista teria que ser dada no conjunto das indústrias que produzem os meios de subsistência, deve ser ampliada para todos os setores da economia. As próprias indústrias produtoras dos meios de subsistência necessitam de outras indústrias que produzem não só a matéria-prima com que trabalham, mas também de outras que produzem o maquinário e os instrumentos acessórios, e estas, por sua vez, necessitarão de outras que produzam sua própria matéria-prima e maquinário, o que, por extensão, acaba envolvendo todos os setores da economia. Assim, para se obter o valor dos meios de subsistência e o tempo de trabalho necessário para reproduzir este valor deve-se levar em consideração toda a situação do conjunto

dos setores da economia. Sendo o valor do capital variável já dado por essa condição técnica, resta ao capital, para aumentar a mais-valia, aumentar a jornada de trabalho para obter um maior tempo de trabalho excedente. "Esse processo de aumentar a taxa de mais-valia mediante o prolongamento da jornada de trabalho, numa situação tecnologicamente dada para o conjunto do sistema econômico, é o processo que Marx chama de processo de formação da mais-valia absoluta*" (Napoleoni, 1981:79).

Diferentemente dessa primeira forma de aumentar a mais-valia, há outra que se concentra sobre o capital variável e seu valor. Para que ela ocorra é necessário que a condição técnica de um ou de vários setores da economia se altere, aperfeiçoando-se para que haja uma consequente diminuição da quantidade de trabalho embutida no produto (meios de produção ou de subsistência), acarretando um menor valor dos meios de subsistência necessários ao trabalhador e por isso um menor tempo de trabalho necessário para reproduzi-lo. Em suma, diminui o capital variável e o tempo de trabalho para reconstituí-lo, aumentando o tempo de trabalho excedente e a mais-valia produzida. O processo "mediante o qual - através de uma modificação tecnológica - tem lugar uma diminuição do valor do capital variável, e, por isso, por esse caminho, um aumento da taxa de mais-valia, esse processo é chamado por Marx de formação da mais-valia relativa*" (Napoleoni, 1987:79).

Essa modificação tecnológica citada acima, deve ocorrer nos instrumentos de trabalho e no próprio método de trabalho empregado, para que realmente haja uma mudança na produtividade. Esta é entendida como a capacidade de, através de uma mudança do processo de trabalho, diminuir o tempo socialmente necessário para produção

de uma mercadoria, produzindo por consequência, numa jornada igual de trabalho, uma quantidade maior de coisas. Dessa forma, o valor de uma mercadoria só irá alterar o valor dos meios de produção se o tempo para sua produção for o tempo socialmente necessário no conjunto da produção daquela mercadoria e não o tempo dos trabalhadores individuais. Se o feito de diminuir o tempo de trabalho necessário é atingido apenas por um capitalista, ele venderá a mercadoria não pelo valor atribuído por este tempo individual, mas sim pelo valor social da mercadoria, atingindo esse capitalista uma taxa de mais-valia maior do que a dos demais. Como sua produtividade é maior, possui ao fim de uma jornada de trabalho igual a de seus concorrentes, uma quantidade maior de mercadorias, precisando por isso ampliar suas vendas e seu mercado através da diminuição do valor de suas mercadorias em relação aos demais capitalistas, mas sempre acima de seu valor real. Isso faz com que os demais capitalistas sejam levados a aumentar sua produtividade pela adoção dessas ou de novas condições técnicas e sociais de trabalho, barateando também suas mercadorias. Essa tendência interna do capital de aumentar a produtividade em todos os setores da economia, especialmente naqueles ramos mais diretamente ligados à produção dos meios de subsistência, baixando constantemente os preços das mercadorias, sempre representou uma incógnita para a economia vulgar, mas se torna clara na medida em que o barateamento das mercadorias diminui na mesma relação, o valor da força-de-trabalho, contraindo por isso o trabalho necessário e dilatando o trabalho excedente e a mais-valia. Resumindo, "o valor das mercadorias varia na razão inversa da produtividade do trabalho. Comporta-se do mesmo modo o valor da força de trabalho, por ser de-

terminado pelos valores das mercadorias. Em contraposição, a mais valia relativa varia na razão direta da produtividade do trabalho" (Marx, 1987:367).

Nesta questão do valor da força-de-trabalho e sua relação com a taxa de mais-valia, é preciso considerar que o valor da primeira (força-de-trabalho) varia de acordo com as necessidades regionais ou de países, sendo calculada a partir destas variadas necessidades. As variações podem ter os mais diferentes motivos, que vão desde os fatores climáticos até o grau de desenvolvimento de uma dada sociedade que, quanto mais avançada for, maior número de necessidades terá. Mas esta quantidade é determinada numa dada sociedade em um certo período histórico, por isso, em geral, é considerada uma magnitude constante, variando apenas seu valor: lembrando ainda que a qualificação da força-de-trabalho e suas destrezas naturais (consideradas no conjunto da sociedade) também interferem nesse valor. Levando em consideração esses pontos, é preciso ter em mente que esta relação entre o valor da força-de-trabalho e a mais-valia produzida se altera de acordo com as mais diversas circunstâncias derivadas das diferentes combinações entre fatores básicos - a duração da jornada de trabalho, a intensidade com que nela ocorre o trabalho e sua produtividade, que é maior ou menor de acordo com as condições técnicas e sociais de produção.

O capital possui, ainda, outras formas particulares de aumentar a mais-valia relativa, utilizando dentro do processo produtivo, algumas estratégias para isso. Uma delas, a cooperação, se caracteriza por uma grande quantidade de trabalhadores ligados ao mesmo capital, que são envolvidos no mesmo processo de trabalho ou em processos relacionados. Aparentemente, esta forma do capital de ampliar sua força produtiva, não teria nada de extraordinário se

considerássemos que a massa da mais-valia seria a multiplicação da taxa individual pelo número de trabalhadores envolvidos. Mas há algumas questões que precisam ser melhor discutidas, como é o caso do capital constante investido. É evidente que, com o crescimento do número de trabalhadores empregados, é preciso que o capital atinja um montante capaz de dar condições de trabalho - meios de produção e salários - para todos. Mas, com certeza, o capital empregado nos meios de produção na cooperação, apesar de alto, é sempre inferior a soma dos meios de produção necessários para cada trabalhador, se o capital os mantivesse isolados. Essa utilização comum dos meios de produção é a primeira alteração que se vê no processo de trabalho sob o domínio do capital e que modifica a relação entre capital constante e capital variável dentro do capital global adiantado. Também reduz a parte que não é produtora de novo valor, além de baratear as mercadorias, por passar um valor inferior ao valor final destas, barateando por consequência o próprio valor da força-de-trabalho.

Outra grande vantagem do capital, ao empregar a cooperação no processo produtivo, é obter, a partir da interação dos trabalhadores entre si, um resultado mais positivo do que lhe daria o somatório dos trabalhos individuais. O capital joga aqui com o estímulo que surge dessa inter-relação; o contato constante entre os indivíduos num mesmo processo de trabalho faz com que a capacidade individual aumente, crescendo também a coletiva. Surge dessa inter-relação não um simples aglomerado de forças produtivas individuais, mas sim uma força coletiva diferente e superior a esse. Além do estímulo do contato interpessoal, a cooperação exige de cada trabalhador a correspondência ao ritmo coletivo, aumentando a intensidade do trabalho, fazendo com que o próprio elemento que

está sendo produzido percorra mais rapidamente as diversas fases de produção. Estes e outros fatores fazem com que a cooperação seja mais uma das formas do capital ampliar a mais-valia relativa, pois "a jornada coletiva tem essa maior produtividade ou por ter elevado a potência mecânica do trabalho, ou por ter ampliado o espaço em que atua o trabalho, ou por ter reduzido esse tempo em relação a escala de produção, ou por despertar a emulação entre os indivíduos e animá-los, ou imprimir às tarefas semelhantes de muitos o cunho da continuidade e da multiformidade, ou por realizar diversas operações ao mesmo tempo, ou por poupar os meios de produção em virtude de seu uso comum, ou por emprestar ao trabalho individual o caráter social médio. Em todos os casos, a produtividade específica da jornada de trabalho coletiva é a força produtiva social do trabalho ou a força produtiva do trabalho social" (Marx, 1987:378). A organização coletiva do trabalho traz benefícios diretos ao capital. Exceto pela resistência dos trabalhadores, que cresce com seu grande número e concentração, a qual o capital enfrenta com as diversas formas de gerência, este possui todas as vantagens apontadas acima, sem pagar por elas. Paga apenas aos trabalhadores individualmente, mas a força coletiva de trabalho que deles demanda, é novamente um acréscimo de mais-valia ao final do processo.

O grande número de trabalhadores subordinados ao mesmo capital e ao mesmo processo de trabalho acaba por funcionar através de uma divisão de tarefas no interior do processo, tornando-se mais uma das formas assumidas pelo capital para aumentar sua mais-valia. A divisão do trabalho na sociedade é bastante antiga e remonta ao princípio da vida humana em grupo. Obedecia, dentro da família, às diferenças de habilidades e capacidades baseada nas

diferenças de idade e sexo. Funciona também nessas bases quando cresce a população ou entre grupos ou tribos distintas, em função dos diferentes meios de produção encontrados em cada local. Com o passar do tempo já é possível ver diferentes formas de divisão social do trabalho, mas preservam o caráter de que cada trabalhador produz todo o seu produto, nas suas diferentes formas. Novamente é possível ver que, com a separação do trabalhador de seus meios de produção e a posse destes pelo capital, se dão as condições perfeitas para que o capital leve ao extremo a divisão do trabalho na manufatura.

O que a princípio se dava como uma cooperação simples, onde cada um mantinha seu ofício, acaba sendo subdividido inúmeras vezes pelo capital, transformando o trabalhador em um trabalhador parcial. Essa divisão que a princípio é acidental e tem origem no artesanato, logo mostra suas vantagens e vai progressivamente se fixando. Essa dinâmica de mercado imposta pelo capital não pode ficar submissa aos diferentes graus de habilidade, força e outras características do trabalhador individual. Subdividindo e separando cada uma das funções, antes encontradas num ofício, passa a ter um grau médio de trabalho social, que substitui com eficiência a destreza do trabalhador individual, aproveitando em funções simplórias o trabalhador desprovido de qualquer habilidade, tornando-o exímio na tarefa que lhe é destinada. Além de aproveitar das vantagens da cooperação, a divisão manufatureira do trabalho transforma aquele trabalhador individual, antes conhecedor de seu ofício, no executor de uma única tarefa limitada, que pela repetição lhe faz atingir índices altos de intensidade, portanto, útil ao capital. Essa uniformidade na execução da tarefa, sem perda de tempo ou energia na passagem de uma fase para outra de produção,

faz com que o próprio trabalhador consiga manter um ritmo normal por muito mais tempo, acarretando ao fim de tudo uma produtividade crescente. Porém, essa reprodução sistemática de um mesmo gesto ou tarefa por tempo prolongado, sem a reflexão teórica do processo inteiro de trabalho e sem a recuperação do estímulo necessário em qualquer atividade humana, vai, paulatinamente, obstruindo a capacidade criativa e expansiva do ser humano.

As duas formas de organização da manufatura, seja a heterogênea que se dá apenas pelo ajustamento dos diversos produtos de processos independentes, seja a orgânica que é a combinação de vários ofícios antes isolados numa sequência ordenada sem desperdício de tempo produtivo; são formas de adequar o processo produtivo a uma crescente produção de mais-valia. Mas esta segunda forma - a manufatura orgânica - é mais adequada e perfeita a este objetivo, pois as condições necessárias para que ela possa desenvolver-se, basicamente a intensidade e o tempo necessário e ritmado, trazem benefícios diretos ao capital. Desta forma pode-se planejar as diferentes etapas produtivas e equilibrar o número de trabalhadores necessários à cada função, montando o trabalhador coletivo perfeito. "A divisão manufatureira do trabalho simplifica e diversifica não só os órgãos qualitativamente diversos do trabalhador coletivo social, mas também cria uma relação matemática fixa para o tamanho desses órgãos, isto é, para o número relativo de trabalhadores ou para a magnitude relativa do grupo de trabalhadores em cada função particular" (Marx, 1987:397).

É mais uma vez o quantitativo e o abstrato imperando sobre tudo mais no modo de produção capitalista e diferenciando o seu trabalhador típico dos demais existentes em outros modos de produção. Agora, siquer o produto desse trabalhador se materializa

em mercadoria, somente o produto final desse processo composto por trabalhadores parciais adquire forma. Até mesmo a força-de-trabalho que antes era vendida somente pela carência dos meios de produção para atuar e produzir, hoje, com a divisão manufatureira do trabalho e sua mais completa subdivisão, não subsiste se não estiver atrelada ao capital e unida ao trabalhador coletivo, para então poder atuar.

A divisão manufatureira do trabalho, assim como a cooperação, necessitam de maior montante, quer de capital variável, quer de capital constante. O número de trabalhadores a contratar e, portanto, o capital global a ser investido é, até certo ponto, ditado pela divisão do trabalho naquele setor específico. O aumento da magnitude do capital investido é proporcionalmente retribuído pelo aumento da produtividade proveniente dessa mesma divisão do trabalho. Os trabalhadores parciais transformam-se em partes componentes, órgãos do trabalhador coletivo que apresenta em si próprio funções com graus de complexidade proveniente dessa mesma divisão do trabalho. Porém, a própria dinâmica da divisão do trabalho tenta, ao subdividir as funções, eliminar maximamente aquelas que exigem um aprendizado maior. Ao atingirem tal efeito, com a redução do capital empregado no tempo de treinamento, conseguem um aumento de mais-valia. Os diferentes valores pagos às forças-de-trabalho com diferentes qualificações geram internamente uma hierarquia entre essas funções que não diz respeito às pessoas que as desempenham e sim à abstração proveniente do valor que elas próprias conservam e criam, ficando, este, agregado ao produto final do processo.

Percebe-se que a lógica interna do capital é apropriar-se dos trabalhos e trabalhadores produtivos, aceitando os trabalhado-

res improditivos apenas na medida em que cresce a organização da classe trabalhadora e na medida em que o número total de desempregados, ao ser muito alto, pode ameaçar a própria manutenção do capitalismo. Isso porque, para perpetuar-se, o capital precisa não só manter os seus índices, mas reproduzir-se em níveis cada vez mais elevados. Tendo em vista essa organização econômico-social é possível considerar como trabalho produtivo apenas aquele que reproduz não só o valor que lhe é adiantado em forma de salário, mas o que produz um valor adicional, para além daquele que lhe foi pago. Para tanto, esse trabalhador precisa ser um assalariado vinculado a um capital, um trabalhador que, ao produzir um valor excedente, não se aproprie dele mas sim valorize o capital ao qual está vinculado. Nesta questão é preciso ter cuidado pois: "todo trabalhador produtivo é um assalariado mas nem todo assalariado é um trabalhador produtivo. Quando se compra o trabalho para o consumir como valor-de-uso, como serviço, não para colocar como fator vivo no lugar do capital variável e o incorporar no processo capitalista de produção, o trabalho não é produtivo e o trabalhador assalariado não é trabalhador produtivo" (Marx, 1985:111). Em certos casos, alguns bastante comuns, é possível ver o mesmo trabalho sendo executado em locais bastante próximos; em uns sendo produtivo - quando ligado ao capital - em outros sendo improditivo - quando feito por prazer ou por conta própria. Para distinguir ambas as formas que o mesmo trabalho e que o mesmo trabalhador podem assumir é preciso observar a sua forma de organização na sociedade e sua ligação com as relações de produção de forma capitalista. Com isso, derruba-se um equívoco presente em algumas análises onde se afirma que apenas o trabalho como produto material é produtivo ou ainda aquele que produz gêneros essenciais à vida humana, contra-

pondo-se ao improdutivo, como aquele que tem produtos não materiais ou artigos supérfluos. É de fundamental importância para este estudo esclarecer esta questão. O que determina a produtividade de um trabalhador é ver seu trabalho ligado a um capital e sendo pago por um capital, estando portanto atrelado à ele. Em resumo, é um trabalho produtor de mais-valia, de um aumento do capital.

Nesse sentido até mesmo o trabalho com produto não material pode ser produtivo e explorado de maneira capitalista. Sobre esse ponto, Marx aponta duas possibilidades: "1) O seu resultado são mercadorias que existem separadamente do produtor, ou seja, podem circular como mercadorias no intervalo entre a produção e o consumo; por exemplo, livros, quadros, todos os produtos artísticos que existem separadamente da atividade artística do seu criador e executante. A produção capitalista só se pode aplicar aqui de maneira muito limitada. Estas pessoas, sempre que não se tornem oficiais, etc; (...) trabalham para um capital comercial, como, por exemplo, editores livreiros, uma relação que constitui tão só uma forma de transição para o modo de produção só formalmente capitalista. Que nestas formas de transição alcance a exploração do trabalho um grau superlativo, tal não modifica em nada a essência do problema.

2) O produto não é separável do ato de produção. Também aqui o modo capitalista de produção só tem lugar de maneira limitada, e só pode tê-lo, devido à natureza da coisa, em algumas esferas. (Necessito do médico e não do seu menino de recados). Nas instituições de ensino, por exemplo, para o empresário da fábrica de conhecimentos os docentes podem ser meros assalariados. Casos similares não devem ser tidos em conta quando se analisa o conjunto da produção capitalista" (Marx, 1987:119 e 120).

É preciso esclarecer a idéia já exposta acima, de uma produção só formalmente capitalista e de sua evolução posterior nessa questão. No primeiro estágio dos moldes de produção capitalista, a partir das duas premissas já levantadas, (a separação do trabalho dos demais componentes do processo de trabalho e a concentração dos meios de produção e os de subsistência nas mãos de outros que não os trabalhadores), há uma exploração do trabalho por parte daquele que possui capital, transformando o próprio processo de trabalho num processo paralelo de valorização, submetido ao capital.

Esse tipo de processo, conhecido como subsunção formal do trabalho ao capital possui o capitalista como dirigente, que coordena a duração e a intensidade aumentando-as ao limite para que com isso aumente também a mais-valia produzida. Aparece, assim, sob a liderança do capitalista, uma das maiores características do processo de produção capitalista, (ainda que apenas formal) que envolve num único processo a ele vinculado, um número nunca visto de trabalhadores submetidos a um único capital.

Apesar dessa relação coercitiva para obter índices de produtividade e do número de trabalhadores envolvidos, o processo de trabalho em si ainda é o mesmo que em tempos anteriores ao capitalismo: a técnica e o instrumento também podem ser considerados como iguais aos anteriores a essa determinada época. Pouco resta ao capitalista, nesse estágio de desenvolvimento das forças produtivas, além de aumentar a jornada de trabalho para aumentar a produção de mais-valia e, portanto este estágio está vinculado diretamente à produção de mais-valia absoluta, como já visto anteriormente.

A passagem deste estágio a outro desenvolvido e atual da

produção pode ser atribuída a iniciativas individuais, aliadas à dinâmica do próprio capital e que transformam na base o processo produtivo. Capitalistas individuais conseguem diminuir o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria em especial. Ao conseguir tal feito, baixam o valor individual de sua mercadoria e aumentam, por consequência, a mais-valia advinda desse processo, o que motiva aos demais capitalistas a adotar tal procedimento. Essa descoberta - a diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário para produção de uma mercadoria - já mostra, ainda que de forma embrionária, um modo de produção especificamente capitalista.

A partir da divisão do trabalho, da cooperação, da aplicação da maquinaria e sobretudo da aplicação da ciência e da tecnologia ao processo produtivo, ocorre a diminuição generalizada do tempo de trabalho necessário e a efetiva produção da mais-valia relativa. Ocorre, então, a subsunção real do trabalho ao capital. Todo conhecimento armazenado pela humanidade passa a ser aplicado para a ampliação do capital, tornando-se o trabalho um dos componentes para a sua produção, profundamente modificado em sua técnica para favorecer ao sobrevalor, a mais-valia.

Diferentemente do estágio formal de subsunção do trabalho ao capital, onde a relação entre ambos - trabalho e capital - se dava no aspecto monetário e econômico, aqui, na subsunção real, a modificação no processo de trabalho pode ser observada também no aspecto material e concreto, como resultado da orientação e aplicação da tecnologia com o fim de preparar as condições materiais que viabilizam o aumento da mais-valia produzida.

"A princípio a ciência nada custa ao capitalista, visto que ele tão-somente explora o conhecimento acumulado das ciências

físicas, mas depois o capitalista organiza sistematicamente e ornamenta a ciência, custeando a educação científica, a pesquisa, os laboratórios, etc, com o imenso excedente do produto social que ou pertence diretamente a ele ou que o capitalista dispõe como um domínio total na forma de renda de tributos" (Braverman, 1981:138). A ciência (apesar de ser produto de trabalho humano), passa a ser incorporada ao capital e oposta ao trabalho. Essa lógica tende a se generalizar pelo fenômeno que ficou conhecido como complementariedade técnica (Napoleoni, 1981:84). Pois um setor não pode desenvolver-se aceleradamente sem que os demais setores também se desenvolvam, o que impediria que a troca entre os produtos dos diversos setores pudesse ocorrer na sua plenitude. Há uma necessidade de se generalizar o desenvolvimento das forças produtivas, para que um setor não impeça outro de avançar, bloqueando inclusive os mais desenvolvidos. O capital, por isso, investe na introdução da maquinaria e no desenvolvimento das ciências, até mesmo onde a princípio ela não seria produtiva, evitando bloqueios em outros setores e a dificuldade na esfera da troca.

O investimento do capital na ciência se dá também no sentido de gradativamente ampliar sua penetração em setores onde a exploração na sua forma plena, quer por dificuldades legais ou impedimentos relativos à natureza do trabalho e de seu produto, dificultavam tal feito.

Neste estudo importa retomar a conceituação de mercadoria, especialmente de mercadoria gerada por produtos com características não materiais, como já foi apontado anteriormente, para o entendimento do fenômeno em discussão. Pode-se encontrar comumente a noção de que um produto não material como resultado de um processo de trabalho, não pudesse se caracterizar como mercadoria, mesmo em condições especiais como as encontradas no seio do capitalismo. Vale lembrar que a característica de uma mercadoria é, antes de mais nada, ser produzida não para consumo próprio ou daquele que é proprietário dela enquanto resultado do processo de produção, mas sim a sua produção com destino à circulação. Em outras palavras, o produto do trabalho apresenta como objetivo preponderante o valor-de-troca, para o qual o valor-de-uso é apenas forma de sua explicitação.

Tendo isso claro, fica mais fácil de compreender que qualquer coisa que seja interessante ou necessária de alguma forma aos homens, pode se tornar mercadoria a partir de sua troca por outras mercadorias. Mesmo produtos não materiais, ao serem submetidos a troca, tornam-se mercadorias não materiais e, enquanto tal, passam a apresentar todas as qualidades e consequências destas.

Com o decorrer do tempo e com o fenômeno já amadurecido, percebe-se a inversão que se dá com o valor das mercadorias no nível da troca. Ele (o valor), que é na verdade uma criação social dos homens e fruto de uma igualação de diferentes trabalhos, assume o aspecto de característica dos produtos do trabalho, como se

fizesse parte de sua natureza. "Em outras palavras, os trabalhos privados atuam como partes do conjunto do trabalho social, apenas através das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, entre os produtores. Por isso, para estes últimos, as relações sociais entre os trabalhos privados aparecem de acordo com o que realmente são, como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas, e não como relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos" (Marx, 1987:81 e 82). Esse fenômeno sempre ocorrerá enquanto o trabalho só for transmutado para a categoria de trabalho social através da troca e não efetivamente no processo de produção, gerando isso que o autor acima denominou de fetichismo da mercadoria, que parece atingir forma social e vida própria. Essa concepção se fixa a tal ponto com o decorrer do tempo, especialmente com a introdução da forma dinheiro, que as variações de valor que ocorrem (e elas ocorrem sempre), independentemente dos produtores, passam a controlar seus comportamentos, inclusive na esfera de produção, invertendo por completo essa relação entre o homem e seu produto. Nem mesmo quando esses produtores estão de posse do conhecimento científico do segredo desse fenômeno - de que o valor é determinado pela quantidade de trabalho empregado - desaparece a sua manifestação material.

O fenômeno oposto a esse, o das relações humanas se traduzirem em relações entre coisas, também merece destaque, na medida em que atinge diretamente as relações de produção e, por consequência, todas as demais formas de relação do homem, inclusive consigo mesmo. Isso se dá porque, numa sociedade capitalista, as pessoas se defrontam nas relações de produção única e exclusivamente como proprietárias de coisas. Não existe nesse campo uma re-

lação direta entre os indivíduos, elas são sempre mediadas por coisas. De um lado, aquele que possui os meios de produção e de subsistência, e de outro, aquele que possui a força-de-trabalho; ou, ainda, em outra relação, se defrontam diferentes possuidores de mercadorias. Todos são levados a se inter-relacionarem somente porque possuem algo necessário a esse outro.

Esses tipos de relação de produção característicos de uma sociedade como esta, atribui às coisas um caráter social que se concretiza com o tempo e acaba por influenciar e dar forma à própria relação de produção na qual tiveram origem, ou seja, ambos os processos - de materialização das relações de produção entre as pessoas e o de relações sociais entre coisas - possuem uma profunda ligação entre eles, só compreendida numa análise das contradições do processo de produção, como o faz Rubin: "Todo tipo de relação de produção que é característico para a economia mercantil - capitalista infunde uma forma social específica às coisas pelas quais e através das quais as pessoas mantêm essa dada relação. Isto leva à reificação* ou cristalização de relações de produção entre as pessoas. (...) Dado que as coisas se apresentam com uma forma social determinada, fixada, começam por sua vez, a influenciar pessoas, moldando sua motivação e induzindo-as a estabelecer relações de produção concretas umas com as outras" (Rubin, 1987:38). Nem mesmo quando essa relação é interrompida, a coisa parece perder suas características adquiridas no processo anterior e o valor das mercadorias é amostra real desse fato. Como sua base de cálculo se dá exclusivamente sobre a quantidade de trabalho socialmente necessário à sua produção, igualando todas as mercadorias entre si, a produção dos homens é ao valor subordinada pela

* Grifo meu

50
exigência de participarem da troca e conhecerem de antemão esse destino. Esse fenômeno acaba por condicionar subjetivamente os indivíduos, fazendo com que nessa como nas demais esferas de relação as características expressas pelo valor - abstração e quantidade - passem a ser prioritárias.

Como a forma mercantil é generalizada por toda a sociedade, tornando-se a forma assumida pelo produto do trabalho, pela força-de-trabalho que o produz e, mais do que isso, como forma universal de riqueza, acaba por tomar uma dimensão surpreendente no seio desta própria sociedade. Lukács destaca esse fenômeno como decisivo dizendo que a "forma mercantil" precisa, por sua própria origem e objetivo - dar forma às diferentes expressões e esferas da sociedade e não apenas ter uma relação indireta com estes processos que aparentemente são autônomos em relação a ela. E completa dizendo: "Com efeito, só como categoria universal do ser social total a mercadoria pode ser compreendida na sua essência autêntica. Só neste contexto a reificação surgida da relação mercantil adquire um significado decisivo, tanto para a evolução objetiva da sociedade como para a atitude dos homens com relação a ela, para a submissão da sua consciência às formas por que se exprime esta reificação, para as tentativas que aqueles levam a cabo no sentido de compreenderem este processo ou de se libertarem da servidão da segunda natureza assim surgida" (Lukács, 1974:101).

No momento em que o produto do trabalho humano tem características que o próprio homem não lhe deu, e que esse produto não é efetivamente seu; no momento em que mascara a própria relação entre os seres humanos dando-lhe a forma de relação entre coisas independentes e autônomas; no momento em que eles passam a travar uma relação reificada entre si e com suas próprias realidades psi-

quicas; nesse momento a sociedade capitalista mostra uma de suas características principais, manifestando-a como fenômeno social: a alienação*. Esse é um fato dessa sociedade e, por isso, é um fenômeno social concreto, pois o trabalhador não só não controla mais o produto de seu trabalho, objetivamente, como também não controla o resultado desse processo que retorna determinando seu próprio comportamento, influenciando objetiva e subjetivamente sobre ele. O que interessa nesse momento não é a relação individual e direta do trabalhador e do produto de seu trabalho, ou o fenômeno da alienação do ponto de vista de cada trabalhador, apesar disso ser extremamente importante. O que interessa, prioritariamente, é que esse fenômeno expressa um tipo de relação social de produção e que o mundo criado pelo homem é estranho e oposto a ele. "O poder social, isto é, a força produtiva multiplicada que nasce da cooperação de vários indivíduos exigida pela divisão do trabalho aparece a estes indivíduos, porque sua cooperação não é voluntária mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas como uma força estranha situada fora deles, cuja origem e cujo destino ignoram, que não podem mais dominar e que, pelo contrário, percorre agora uma série particular de fases e estágios de desenvolvimento, independentemente do querer e do agir dos homens e que, na verdade, dirige este querer e agir" (Marx & Engels, 1982:49).

A sociedade que produz a alienação (termo que Marx utiliza para ser "compreensível aos filósofos") e os efeitos acima apontados, não poderia ter processos produtivos que não apresentassem eles mesmos, essas características. O processo produtivo e

* Sobre a questão da alienação é possível encontrar diferentes concepções, não só dentro do marxismo ortodoxo e de correntes daí derivadas, como em outras linhas teórico-metodológicas, porém, um ponto é comum a todas. O sentido de negatividade presente, ou seja, o que impede um mais completo desenvolvimento unilateral.

os meios de produção são separados do trabalhador e tornado opostos aos seus interesses, desempenham, apesar disso, um fator importante para ele, na medida em que a relação com aqueles é necessária para sua subsistência e acaba por ocupar uma parcela de tempo significativa em sua vida. Mas esta separação e a decorrente transformação dos meios de produção e do processo produtivo em algo autônomo e fora do controle do trabalhador só poderia produzir em seu interior um conhecimento também estranho à ele. Um conhecimento que também parece adquirir vida própria, praticamente desconhecido dos trabalhadores, mas oposto aos seus interesses, porque mais uma vez visa a produtividade necessária ao capital em detrimento dos seus interesses e necessidades.

(buscando atingir suas necessidades intrínsecas de expansão e reprodução que o capital acaba por criar uma ciência e uma técnica* adequadas a seus fins, conforme foi indicado por Marx na subsunção real do trabalho (e da ciência) ao capital. Como produto social, uma tecnologia precisa ter em vista uma perspectiva de homem e de sociedade e, em decorrência disso, a que tipo de necessidades deve responder; neste caso especial as necessidades da sociedade capitalista e do tipo de homem que está se formando em seu interior. "Um dado sistema tende a só colocar os problemas que podem ser resolvidos no âmbito desse sistema (ou mais exatamente: procura só propor os problemas de modo a poder resolvê-los sem pôr em perigo o equilíbrio ou a lógica do sistema). A tecnologia e as ciências se desenvolvem, em sua orientação de conjunto e em suas prioridades, em função das demandas da indústria e do Estado capitalistas, demandas que não são evidentemente do tipo de uma socie-

* A técnica pode ser entendida como um "conjunto de meios (ou procedimentos) que permitem a reprodução de um certo conjunto de fins" (Barbosa, 1988:120).

dade liberada" (Gorz, 1980:222 e 223).

Toda técnica criada no interior do capitalismo ou por ele adaptada, (apesar de ser fruto da contradição dessa sociedade), tem por base a organização do trabalho alienado no interior das relações de produção e da própria divisão do trabalho, buscando o aumento da produtividade. Dessa forma, seus objetivos, seus métodos e seus resultados trazem a marca capitalista. Como a tendência do capital é ampliar gradativamente as esferas produtivas e além disso, legitimar-se enquanto indispensável à modernização e ao progresso, visando sua própria estabilidade; pouco a pouco a lógica que impôs no processo produtivo, acaba por penetrar em outras esferas sociais. A esse processo Habermas intitula de mecanismo de "propagação permanente dos subsistemas do agir racional-com-respeito-a-fins" (característico desta técnica) e vêm em detrimento da "interação verbalmente mediatizada" (característico do mundo sócio-cultural). Essa forma de agir, para ele, "toma conta de todos os setores da vida, um depois do outro: do sistema militar e escolar, da saúde pública e mesmo da família, impondo tanto na cidade como no campo, uma urbanização da forma de vida, isto é, impondo culturas que exercitem o indivíduo na habilidade de poder, a qualquer momento, passar de uma contextura de interação para o agir racional-com-respeito-a-fins". E continua mais a frente, "(...) a isso corresponde do lado do sujeito, o fato de que a diferença entre o agir-racional-com-respeito-a-fins e interação desaparece da consciência, não apenas da ciência do homem, mas também da consciência do próprio homem. A força ideológica da consciência tecnocrática confirma-se no encobrimento dessa diferença" (Haber-

* A técnica pode ser entendida como um "conjunto de meios (ou procedimentos) que permitem a reprodução de um certo conjunto de fins" (Barbosa, 1988:120).

mas, 1980:333).

Entre os problemas atribuídos pelo autor citado, ao agir racional-com-respeito-a-fins, é que seus objetivos, ao já estarem estabelecidos em situações também preconcebidas, acabam extraíndo da racionalidade o que ela tem de mais característico: a "reflexão levando em consideração os interesses globais da sociedade" (Habermas, 1980:313). São regras e métodos baseados sobre conhecimentos empíricos, gerando formas instrumentalizadas de agir, que não levam em consideração os interesses e intenções globais da sociedade. As questões sociais e políticas são tratadas de forma técnica, visando condicioná-las e satisfazê-las apenas no interior dessa organização social, não ameaçando assim sua existência e permanecendo fiel à estimulação do consumo daquilo que pode produzir. A esse fenômeno ele chama de "realidade tendencial", ressaltando que ainda estaria longe de se completar. O que se destaca mais uma vez, é a impotência da ciência perante a realidade, levada a seu máximo e confirmada pela desconsideração aos interesses gerais. Ao não ser assumida pela ciência, fato já previsível, esta tarefa de "solução" dos problemas sociais fica a cargo do capital, que a encaminha de acordo com seus interesses.

Gorz*, em sua discussão sobre a divisão do trabalho, parece ir além desse ponto indicado por Habermas, fazendo uma crítica não só das consequências da técnica dentro e fora da esfera produtiva, mas apontando os próprios fundamentos da técnica e a possibilidade de sua reconstrução. Tal questionamento fica claro nesta sua posição aqui reproduzida. "Vê-se aí o capitalismo e a tecnologia desenvolverem-se um pelo outro, gerarem o reino e a

* O autor nesse texto citado, critica Marcuse no sentido de apontar para a estreiteza de sua perspectiva, ao não analisar as origens da construção da técnica e, por isso, condenando-a na construção de uma nova ordem social.

ideologia dos meios, sem enfrentar o que, para nós, é a questão de fundo: a indiferença às finalidades é própria da atividade técnico-científica em geral, em virtude da atitude específica (chamada objetividade, neutralidade-ética, *wertfreiheit* em alemão) que ela requer? Ou essa indiferença é determinada, no nível da atividade técnico-científica entre outras, pela separação, na divisão capitalista do trabalho, entre atividade, meios e finalidades, teoria e prática, ciência e povo; e pela produção sistemática (por seleção e adestramento) desse tipo de indivíduo, indiferença às finalidades que corresponde mais certamente à idéia que o capital faz da atividade técnico-científica do que à lógica interna desta atividade?" (Gorz, 1980:217). Essa perspectiva apresenta uma certa coerência que a impede de ser descartada a primeira vista, sob a alegação de que esta técnica é baseada sobre conhecimentos empíricos válidos e reconhecidos e por isso necessária e válida universalmente. Para se contrapor a tal argumento, o autor cita um exemplo interessante sobre as diferenças de concepção de "produtividade" apresentadas pelo capital e pelos trabalhadores. Como esse conceito é fundamental para a organização do processo produtivo, vale conferir. Ele diz: "...do ponto de vista do operário, a produtividade do trabalho só aumenta se ele pode produzir mais sem maior fadiga; do ponto de vista do capital, a produtividade aumenta cada vez que ele quiser impor ao operário um dispêndio maior de trabalho, sem aumentar-lhe o salário na mesma proporção" ou seja, "o tipo de controle e de disciplina que permite extorquir ao operário o máximo de sobretrabalho só raramente é compatível com o gênero de organização do trabalho que permite produzir o máximo de bens físicos com o mínimo de fadiga humana..." (Gorz, 1980:227 e 228). Em última instância, seguindo esse raciocínio, as técnicas

empregadas pelo capital e em especial a própria divisão do trabalho, podem ser muito mais ditadas pela necessidade de controle e gerência do processo produtivo por parte do capital, do que exigências internas da técnica produtiva de cada processo em questão. Isso para não citar o grau de exploração sofrido pelo trabalhador, submetido ao processo produtivo organizado pelo capital.

Essa concepção amplia o foco de análise à questão da ciência e da técnica e das suas possibilidades. Em se confirmando esta perspectiva levantada por Gorz, o que é possível apenas após uma profunda reflexão, se poderia dizer que não se trata de ter diferentes modos de agir para diferentes situações. Seria possível inclusive rever as bases sobre as quais se acenta a técnica produtiva e a lógica instrumental hoje existente, aspiração que pode ser observada também nos escritos de Gorz, quando diz que "é por isso que é permitido supor que as técnicas de produção, os modelos de organização e de divisão do trabalho seriam - e poderiam ser - muito diferentes se sua finalidade fosse não a exploração máxima e portanto o máximo controle hierárquico da força de trabalho mas - como sugeria a revolução cultural chinesa - a máxima iniciativa coletiva em vista a dar a máxima eficácia a um mesmo dispêndio de trabalho" (Gorz, 1980:229).

A "crítica à economia política", ao fazer uma análise das sociedades industriais modernas, levanta categorias básicas para o encaminhamento do presente estudo. Entre elas, algumas se tornam essenciais para a análise do fenômeno da mercadorização do esporte e algumas de suas consequências, como se discute a seguir.

CAPÍTULO 2

O ESPORTE ESPETÁCULO: UMA FORMA PECULIAR DE MERCADORIA

Um estudo mais atento da história do final do século passado, mostra, entre outras coisas, um fenômeno da cultura que rapidamente se difunde pelo mundo: o esporte*. "Formalizado em torno desta época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países" (Hobsbawm, 1988:255). Sua forma caracterizava-se, basicamente, pela competição e rendimento, firmemente assentada na era moderna que se instalava. É preciso, portanto, distinguir o esporte das atividades corporais existentes em períodos anteriores da sociedade, como alerta Parlebas: "A utilização do mesmo termo esporte mascara a nossos olhos, uma flagrante disparidade de práticas físicas profundamente diferentes, tanto na significação histórica, quanto na lógica motora. Entre os torneios da idade média, de maneira geral, entre os jogos físicos tradicionais do segundo milênio e o esporte deste último século, está instaurada uma ruptura" (Parlebas, 1986: 128).

Os objetivos aos quais o esporte serviu nesse primeiro período de sua existência, mostram uma relação profunda com os interesses burgueses que se destacavam por toda a sociedade. A prática do esporte é associada à classe média e à burguesia, que o elegeu como um dos critérios para a distinção de seus membros, daqueles provenientes do operariado e dos trabalhadores do campo.

* O termo desporto também é utilizado com a mesma atribuição, sendo que Lyra Filho (1974) acredita que a diferença deve ser atribuída apenas a sua origem inglesa ou francesa, ficando o termo à escolha de cada país.

Constituíam-se assim, numa atividade ociosa que caracterizava essas novas classes em ascensão (cf. Hobsbawm, 1988). Alguns esportes apresentavam um potencial, devido as suas peculiaridades, que se adaptavam ao novo modo de vida urbano, como é o caso do tênis. Os locais para a prática deste esporte podiam ser facilmente construídos, pois não necessitavam grandes espaços, possibilitando que os círculos familiares se ampliassem, na busca por parceiros em outras famílias. De maneira geral, o esporte também foi um forte veículo para a emancipação feminina e para um maior contato entre jovens de sexos diferentes (cf. Hobsbawm, 1988).

É preciso destacar ainda, a incorporação dos esportes aos melhores sistemas educacionais vigentes na Europa, naquele período. A tradição e a qualidade da escola pública, extremamente elitizada e rigorosa, adotou o esporte como uma de suas atividades principais, especialmente aqueles que lembravam as atividades da nobreza. "Os esportes constituíam a quarta característica distintiva das escolas públicas, após o isolamento rural, o regime de internato e a ênfase nos clássicos. Esportes como o rugby inventado em Oxbridge, treinava os membros dos grupos a combinar o esforço individual com o trabalho de equipe. Ademais, assim como as instalações campestres exaltavam a idéia de vida rural, do mesmo modo os esportes ao ar livre condiziam com as caçadas e corridas de cavalos da sociedade aristocrática" (Mayer, 1987:251).

Desde sua criação, o esporte se institucionaliza, não só na sua prática padronizada por regras, como na sua forma de organização associativa. As sociedades esportivas diferenciavam-se uma das outras, pelo esporte que elegiam, pela comunidade a qual pertenciam e, paralelamente, pela categoria social ou categoria profissional de seus participantes. O operariado, que rapidamente

aderiu e passou a praticar o esporte em grande número, também cria suas associações. Pierre Arnaud analisa essas sociedades esportivas e aponta para sua utilização como forma de disputa entre o campo e a cidade, representados por seus respectivos trabalhadores, que se tornavam adversários. Levanta, ainda, que essas sociedades indicam o avanço da aplicação da lei e dos regulamentos sobre a liberdade de associação entre as pessoas: "Ela representa enfim, a emergência de novas formas de relações humanas. Criar uma sociedade esportiva substitui para todos, o desejo de participar ativamente da vida social, de afirmar sua identidade (territorial ou local, profissional, ideológica...) e de exercer uma força solidária e segura face ao estabelecido pelo povo" (Arnaud, 1986:174). Salientando-se que o autor se refere ao regime republicano francês, recém instalado.

O esporte atendeu, até por volta do início deste século, as necessidades da nova sociedade que se estruturava e de sua ordem econômico-social. Paralelamente a isso, alguns fatos chamam a atenção e apontam para a gestação de novas formas de uso do esporte, no final do século passado.

Alguns esportes já eram praticados por milhões de pessoas em vários países, como é o caso do futebol. Outros já haviam se profissionalizado, como o basquetebol. Porém, o que se torna marcante e chama a atenção é o número de espectadores crescente em vários esportes. O ciclismo, um dos esportes pioneiros, é um bom exemplo dessa situação e de suas consequências sobre as características que o esporte irá assumir posteriormente. Nas competições ciclísticas de 1890, "falar em record é falar em recordman, como é chamado o campeão. Nos percursos, nas pistas dos velódromos, os campeões se destacam e se tornam estrelas - a palavra é rapidamen-

69
te adotada da América. Sem as estrelas não há público, não há renda, não há prêmio que incentive as performances, não há sensação, nem publicidade, nem vendas" (Weber, 1986:17).

Essa constatação de Eugen Weber indica o "comercialismo" crescente em torno do esporte. Indica a passagem gradativa deste fenômeno cultural, da prática simples para a prática com assistentes pagantes. Essa passagem confere ao esporte, uma nova caracterização, definitiva para sua prática e análise teórica - o estatuto de mercadoria.

2.1. O ESPORTISTA E SUA FORÇA-DE-TRABALHO

Um dos principais fatos que apontam para essa nova caracterização que o esporte vai assumindo é a profissionalização dos atletas em seu interior. Apesar de sua forma e uso serem, a princípio, ligadas a classe média, o esporte se difunde rapidamente por toda sociedade. Segundo Hobsbawm, "este fato incorporou ao esporte, um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes, a proibição ou estrita segregação da casta dos profissionais. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes, a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o rugby, o futebol americano - ainda um jogo dos estudantes da faculdade, apesar do esforço que exige - ou ainda os não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo" (Hobsbawm. 1988:256).

O processo de profissionalização no esporte inicia com os operários (Hobsbawm exemplifica dizendo que os clubes profissionais de futebol eram, geralmente, times de empresas inglesas "expatriadas" e de seus funcionários), mas acaba por se expandir. Com o avanço do mercado, esses critérios de classe vão sendo, pouco a pouco, dissolvidos. A profissionalização vai se tornando cada vez mais frequente nos esportes. Essa transformação do esportista em assalariado, levanta uma questão importante, também para os fenômenos culturais.

O trabalho humano em sua forma genérica, busca na natureza e através do contato com ela, produzir valores-de-uso necessá-

rios à existência humana, sejam essas necessidades materiais ou de caráter subjetivo (não materiais). Entre essas produções encontra-se as manifestações culturais enraizadas no tipo de vida e de homem de cada sociedade, nas diferentes épocas. Destacar esta compreensão é importante, porque há uma tendência a enquadrar como trabalho apenas aquele manipulativo e produtor de objetos utilitários em primeira ordem. Esta é uma caracterização que se aplica a toda forma de trabalho genericamente, porém, a questão deste estudo é o entendimento do fenômeno em uma sociedade específica, que tem o capitalismo como uma ordem sócio-econômica com características nunca encontradas em outros períodos históricos da humanidade. Isso é fundamental porque se considera que a "economia não é apenas produção de bens materiais: é a totalidade do processo de produção e reprodução do homem como ser humano-social" onde "o primado da economia não decorre de um superior grau de realidade de alguns produtos humanos, mas do significado central da práxis e do trabalho na criação da realidade humana" (Kosík, 1976:109 e 110).

Como a maioria dos trabalhadores, o esportista também se vê levado a vender sua força-de-trabalho, como única possibilidade de produzir sua subsistência atuando no trabalho que sabe fazer, envolvido com o esporte. Vende para o capitalista sua força-de-trabalho nessa área, que sob condições especiais, pode apresentar um desempenho necessário para o processo produtivo. A força-de-trabalho do esportista se apresenta de diversas formas, a partir da qualificação que possua. Diferentemente do que se tinha há algum tempo atrás, quando era limitada à figura do atleta e do treinador, hoje se encontram os mais variados profissionais, como o massagista, o preparador físico, o psicólogo, o médico e o administrador. Há também outros profissionais mais distantes do fenô-

meno, mas não menos numerosos e que fazem dele (o esporte) a fonte de seu trabalho, como: o sociólogo, o comentarista, o empresário, o pesquisador e o árbitro, entre outros. Noronha Feio também aponta para esse fenômeno da formação de diversos profissionais ligados ao esporte, dizendo que "o desporto-técnica impõe, em resumo, uma orientação política no que respeita à formação de quadros. Esta formação comporta vários aspectos, dependendo sobretudo do investimento que lhe for atribuído e da capacidade científica dos seus responsáveis". Continua mais a frente apontando para a origem disto, ao dizer que "com o desenvolvimento do desporto-espetáculo teria de surgir por arrastamento o movimento financeiro suscetível de o sustentar, de o promover e de lhe dar rentabilidade. A frequência das organizações do desporto-espetáculo, a qualidade e a diversidade do espetáculo a oferecer ao mercado de consumidores, não podia depender de personagens amadores pelo que a evolução para um profissionalismo não só é natural como imprescindível para a sua continuidade" (Noronha Feio, 1978:107 e 108).

Para todos, sem exceção, foi necessário um investimento num processo de aprendizagem que lhes deu uma série de conhecimentos e habilidades especiais no trato com o esporte. Cada um dentro de sua especialidade, mas todos necessitaram de um tempo razoável para obter seus conhecimentos, num treinamento específico, diferenciado da força-de-trabalho simples. Eles possuem, agora, conhecimentos gerais mais amplos e conhecimentos específicos de sua área bem mais aprofundados que a maioria dos homens; eles podem desempenhar depois desse processo de aprendizagem, um trabalho qualificado. Inicialmente esse processo era sobretudo empírico, obtido a partir do tempo de experiência na função escolhida, seja ela de atleta, treinador ou pesquisador. Porém, com o aumento do

nível de circulação do capital e, especialmente, com a introdução da ciência e da técnica ao processo de produção e circulação da mercadoria esporte espetáculo, a formação de seus profissionais tem sido cada vez mais rigorosa e ampla; tanto no sentido do tipo e quantidade de informações a serem aprendidas, como no tempo necessário para atingir uma tal qualificação, que permita ao profissional enfrentar o mercado de trabalho e produzir com eficiência.

Analisando, por exemplo, o trabalho de um atleta, é possível perceber o quanto tem modificado sua qualificação com o decorrer do tempo. A princípio, a qualificação do atleta era quase que integralmente baseada sobre sua habilidade, acrescida de alguns conhecimentos no que se refere às regras esportivas e a alguma tática de trabalho, especialmente se o esporte era coletivo. Porém, a técnica de seu gesto esportivo era baseada sobre os conhecimentos provenientes de sua própria experiência, sem que tivesse nenhum amparo científico ou alguma instrução sistemática. Com o desenvolvimento do fenômeno da mercadorização esse quadro tem se alterado sensivelmente. A habilidade inicial do atleta representa uma parcela relativamente pequena em sua performance. Esta performance é, atualmente, muito mais o resultado de um treinamento com bases científicas, que lhe fornecem uma série de outros conhecimentos e habilidades ligadas especificamente ao esporte em questão, do que aquela utilizada anteriormente. Várias alterações são observadas, como as formas de comportamento nas diversas fases do treinamento e do jogo e estratégias táticas adaptadas ao conjunto de atletas, local e adversários. Há também um conhecimento aprofundado das regras do esporte e da forma de utilizá-las e, principalmente, uma técnica de execução do gesto esportivo, muito diferenciada da anterior. Isso porque é baseada sobre outros prin-

cípios (provenientes da pesquisa aplicada à área biológica) e com outras finalidades, em que a eficácia e o espetáculo a ser exibido tornam-se fundamentais.

Com o treinador acontece um processo semelhante. Um rápido levantamento histórico desta função mostra que, em geral, ela era ocupada por um atleta, integrante ou não da equipe, ou quando muito, um ex-atleta. Só este fato já seria suficiente para esclarecer a origem dos conhecimentos apresentados por este profissional, baseada quase que exclusivamente na prática esportiva e no contato com o mundo esportivo. Não havia aí grande interesse em aprofundar esses conhecimentos, aperfeiçoando-os ao limite na busca de maior eficiência. Novamente, percebe-se que a mercadorização acirra essa necessidade e cria condições para que se efetive através de um processo de aprendizagem, que pode ser baseado numa experiência anterior, mas que tem seu enfoque nos conhecimentos científicos existentes. As demais profissões citadas têm sua origem na mercadorização do esporte e, portanto, já trazem em seu seio, a marca do mercado, não só em seu processo de qualificação, sistemático e cientificizado como efeito da complexificação da atividade, como também, em suas finalidades de colocação da mercadoria em circulação ou ligada às consequências dela na sociedade.

O que se deduz, é que o esportista desempenha um trabalho qualificado que não só gera uma mercadoria de valor mais elevado, como sua própria força-de-trabalho adquire um valor mais alto. Este valor mais elevado é derivado, principalmente, do fato de que seu processo de aprendizagem também necessitou de um trabalho despendido (da parte de seus professores, pesquisadores e pessoal técnico) e de uma série de equipamentos e instalações (de apoio didático, de implementos esportivos e técnicos, laboratórios e ou-

tros), tudo implicando em capital investido anteriormente. Além disto, o valor da mercadoria esportiva também precisa ser mais alto, porque em função do alto nível técnico exigido e de outras especificidades, como a disciplina de estudo e trabalho, boa parcela dos que iniciam o processo de aprendizagem e de treinamento são excluídos. Apesar de sua exclusão, deixam uma parcela de trabalho despendido que precisa ser incluída no valor da mercadoria esporte espetáculo. Para se ter idéia da extensão do período de formação do atleta, por exemplo, e do investimento feito, é preciso considerar o tempo de sua preparação desde a infância, em contato com o esporte na escola e nos clubes, passando por todas as fases, até chegar ao seu melhor desempenho, no esporte espetáculo. Se realmente o processo se concretiza desta maneira, é possível ter uma noção da quantidade de pessoas envolvidas em todo este período e do número de esportistas e atletas iniciantes que são testados, até que uns poucos sejam adequados às finalidades e superem as diversas formas de seleção existentes.

Na composição da mercadoria, (que em última instância é no que se transformou o esporte espetáculo), encontra-se um valor-de-uso, uma certa utilidade e um valor que, posteriormente, vai constituir o valor-de-troca na esfera da circulação. Para que esta mercadoria - o esporte espetáculo - possa ser trocada por outras mercadorias, representadas por dinheiro na esfera da circulação, precisa deixar de lado suas características utilitárias e específicas que impediriam a troca no capitalismo. O esporte, apesar de sua natureza de valor de cultura, não escapa a essa lógica capitalista. Seu valor cultural é secundarizado, senão desprezado, por completo quando assume a forma de mercadoria, enquanto espetáculo. O fundamental para a troca não é o fato dele ser expressão

de cultura, mas sim de ser portador de valor, que acrescido da mais-valia, é capaz de reproduzir e ampliar o capital investido. Para isso, basta apenas que se faça seu cálculo e como as especificidades que possui não podem ser quantificadas, a mercadoria em questão passa a ser considerada como as demais, fruto do trabalho humano e, como tal, pode ser igualada a qualquer outra mercadoria.

O que a primeira vista parece incoerente para a análise do espetáculo esportivo, ou mesmo indiferente para sua produção, passa com o decorrer do tempo a influenciar enormemente a todos aqueles envolvidos em seu processo produtivo. A troca, que anteriormente, até por volta da metade deste século, era apenas uma consequência do esporte de alto nível, torna-se, em seguida, seu objetivo maior. Os profissionais envolvidos com o esporte espetáculo passam a ter em vista a possibilidade de venda de sua mercadoria em todas as fases do processo, seja na escolha dos atletas, de seu treinamento técnico e tático, seja na organização dos campeonatos. A troca atinge tal importância para esse tipo de mercadoria, que em pouco tempo deixa de ser uma possibilidade, para ser uma necessidade deste processo, que já não é mais capaz de sobreviver autonomamente. Precisa ser mercadoria, assumindo todas as suas características e precisa ser vendido para sobreviver.

A primeira questão, que se torna presente neste fenômeno da mercadorização do esporte, é a transformação do trabalho envolvido em sua produção. Sendo a troca o objetivo da produção, para que ela se efetive, o trabalho passa a ter uma função inexistente em outros períodos históricos. Passa a funcionar como produtor de valor que pode ser igualado quantitativamente a qualquer outro trabalho despendido. Tornando-se predominante a sua função de pro-

dutor de valor, em detrimento da produção de valor-de-uso, transforma-se em um trabalho abstrato, em desconsideração ao trabalho útil em que se constituía. Enquanto trabalho abstrato produtor de valor, torna-se fundamental e independente, enquanto os próprios trabalhadores tornam-se secundários, meios, instrumentos para que ele ocorra. É o valor da mercadoria que o trabalho genérico e abstrato é capaz de produzir. É, desta forma, o valor-de-troca atingido pelo espetáculo esportivo que assume a supremacia, enquanto os trabalhadores que o produziram - os esportistas - tornam-se meios para que este valor da mercadoria esportiva se concretize e se reproduza. As demais qualidades que o esporte espetáculo possui e que o trabalho útil é capaz de produzir são subjugadas ao valor produzido. O esportista, que é o produtor de todas estas qualidades, também é subjugado por este valor, o qual acaba assumindo uma forma social reconhecida no mundo das mercadorias, como se fosse independente dos homens que o produziram.

Na análise da produção do esporte espetáculo, também se pode notar a presença das demais características do trabalho presentes em outros processos produtivos mais comuns e frequentes. Como qualquer processo produtivo, há um capital constante empregado nas instalações físicas (sejam elas ginásios de esporte ou laboratórios), equipamentos esportivos (implementos como bolas, barcos ou dardos), nos instrumentos utilizados no treinamento (bicicletas ergométricas, videos ou computadores), entre outras coisas. Esse capital constante traz em si mesmo corporificado um trabalho já realizado, passado, um trabalho morto. Para que esse processo se efetive, também é necessária a apropriação da força-de-trabalho através do capital variável. Sob a forma das diversas especializações já citadas (do atleta ao técnico, do administrador ao árbitro

e do massagista ao pesquisador) a força-de-trabalho do esportista é comprada para por em funcionamento todo o processo produtivo, através de seu trabalho vivo. Com ele, o esportista não só é capaz de conservar o valor dos meios de produção adquiridos com o capital constante, como também de produzir um novo valor, embutido no valor-de-uso que é qualificado para produzir, juntamente com os demais trabalhadores individuais. Isto faz compreender a perspectiva de Napoleoni ao examinar esta questão, onde afirma que "a troca é necessária para que o capitalista se aproprie de força-de-trabalho; mas a apropriação de força-de-trabalho não é senão o meio para a apropriação do trabalho vivo, do trabalho vivo que pode emanar precisamente da força-de-trabalho; e, enquanto a apropriação da força-de-trabalho se faz através de capital variável, a apropriação de trabalho vivo se faz mediante o capital constante" (Napoleoni, 1981:63).

Mesmo numa mercadoria com uma natureza tão especial como o esporte espetáculo, é possível perceber essa apropriação do trabalho vivo e útil pelo capital constante*. Também aqui o trabalho vivo dos esportistas qualificados para tal conserva o valor empregado pelo capitalista nas instalações e equipamentos em geral, e acrescenta ainda um novo valor produzindo uma mercadoria altamente interessante e comercializável.

* No limite do conceito de capital constante, poderia ser dito que o conjunto de gestos esportivos já existente e conhecidos pelos atletas e consumidores esportivos, representa um trabalho morto que pode vir a constituir parte do capital constante citado, a exemplo da análise feita para a linguagem. "Como material, instrumento e dinheiro, a língua constitui plenamente o capital constante de qualquer ulterior trabalho linguístico (...). O capital linguístico constante é algo morto se a ele não for acrescido um capital variável, constituído pela força de trabalho linguístico dispendida pelos homens que falam e entendem aquela língua, que nela se expressam e se comunicam - estejam eles na posição do falante, ou do escrevente, ou naquela do ouvinte; ou do leitor (em termos de comunicação, de emissor e de receptor) (Rossi-Landi, 1985:81 e 82).

Não mais o esportista é importante, mas sim o trabalho que desempenha no processo de seleção, treinamento, apresentação e comercialização do esporte. Este trabalho serve como "insumo" ou matéria prima para a produção dos grandes vídeo-tapes ou transmissões ao vivo do esporte espetáculo.

Sobre este ponto de vista, a força-de-trabalho é ainda mais explorada porque o valor-de-troca atingido pela mercadoria esporte espetáculo é muito superior ao valor-de-troca pago pela força-de-trabalho. Quando o valor-de-troca do esporte, (o montante arrecadado por exemplo em uma final de campeonato), era limitado a bilheteria do ginásio ou campo e somado a algum patrocínio, os esportistas já desempenhavam um trabalho não pago. Isso porque a arrecadação é sempre superior ao valor investido pelo capital. "Os espetáculos desportivos atraem multidões cada vez mais numerosas. As receitas arrecadadas nas bilheterias dos estádios ascendem por vezes a vários milhões. Os campeões são a causa direta deste afluxo de dinheiro; e se pobres ou não, não tiram disso qualquer proveito, não podem deixar de sentir a injustiça, o absurdo desta situação" (Dumazedier, 1961:60). A perspectiva do autor citado, apesar de limitada ao ponto de vista do atleta, demonstra bem o excedente produzido mesmo num estágio ainda inicial da mercadorização do esporte. Mas com a ampliação do mercado para o esporte espetáculo até um nível quase universal, pode-se dizer que por maior que seja o valor-de-troca da força-de-trabalho dos esportistas e do valor dos meios de produção, são apenas parcelas de um capital final, porque acrescidas da mais-valia produzida por esses próprios esportistas, através do trabalho excedente.

Como produtor de mais-valia, (e disso pode-se ter certeza ao ver que o capital final é sempre superior ao inicial no esporte

espetáculo), o trabalho do esportista é, de acordo com os parâmetros do capital, um trabalho produtivo. O espetáculo esportivo que produz é capaz de atingir um valor-de-troca muito superior ao seu valor real. Se acoplada a esta mercadoria, estiver a tecnologia, reproduzindo-a em vários lugares, em outro tempo e repetindo-a quantas vezes quizer, a mais-valia é também muitas vezes ampliada, agora também fruto do trabalho qualificado empregado nessa reprodução. O trabalho vivo despendido pelo esportista, passa a ser apropriado pelos meios de produção. Neste caso os equipamentos do processo de reprodução do esporte (para vídeo-tapes ou transmissões por satélite), este trabalho é transformado pela aplicação de outro trabalho vivo e útil (dos técnicos em reprodução e comunicação), também como produtor de mais-valia e como tal, também é trabalho produtivo.

No interior da produção do espetáculo esportivo também é possível perceber a divisão do trabalho existente. Esse fenômeno, apontado anteriormente, surge como consequência da complexificação da atividade, motivada por sua mercadorização. A divisão do trabalho no esporte tem sido acidental, sendo representada basicamente pela figura do atleta (trabalho manual) e do treinador (trabalho intelectual). Com a mercadorização dessa atividade, várias profissões são criadas, lembrando, ainda que de forma distante, essa mesma divisão. Um exemplo ilustrativo é a função que o antigo treinador ocupava anteriormente, que foi subdividida e agora é exercida por vários profissionais. Em algumas equipes, há um profissional especializado em dirigir o condicionamento físico, outro para coordenar o treinamento e ainda um último que dirige a equipe durante as competições. Em relação à pesquisa e a assessoria às atividades da equipe, ocorre o mesmo. A análise da atuação dos atle-

837

tas revela uma divisão do trabalho, presente nos esportes individuais, mas aparecendo com mais evidência nos esportes coletivos, onde se subdivide as funções de acordo com o grau de habilidade de cada um. Apesar do esporte ter atingido um tal nível em que todos os atletas devam conhecer todas as funções no interior da atividade, e se preciso, exercê-las, permanece uma especialização que é aperfeiçoada diariamente. Assim, numa equipe de voleibol, no iatismo, no futebol ou no polo aquático, cada atleta tem um papel a desempenhar de acordo com seu melhor rendimento, lembrando neste processo produtivo o que ocorre "naturalmente" com outros processos, onde o capital não pode ser submisso aos diferentes graus de habilidade que os trabalhadores possam ter. Ao subdividir uma atividade em função de seus objetivos, o capital passa a explorar o que há de melhor em cada trabalhador individual, obtendo um grau médio de trabalho social e compondo de certa forma, o trabalhador coletivo mais eficaz e produtivo, porque atinge maiores índices de habilidade e competência (aumentando o valor-de-uso do espetáculo) e torna mais fácil sua mercadorização (aumentando seu valor-de-troca).

2.2. O ESPORTE COMO MERCADORIA NÃO MATERIAL

O esporte enquanto fenômeno da cultura, é expressão da ludicidade, sociabilização e comunicação que, uma vez na forma esportiva, permitem ao homem efetivação e aferição da auto-superação de suas capacidades humanas. A partir do momento em que assume a forma de espetáculo, praticado para uma assistência pagante e ligado a um capital comercial, com vistas a reprodução deste mesmo capital, o esporte passa a ter características de uma mercadoria e a possuir um valor-de-troca que será determinante para sua história. Esse fenômeno da mercadorização já foi observado também em outras áreas relacionadas à cultura, como pode ser constatado neste depoimento de Alfredo Bosi, que diz: "a festa, exibida mas não partilhada, torna-se espetáculo. Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando o seu teor original de enraizamento" (Bosi, 1987:11).

A caracterização do esporte, (ainda que com especificidades em relação a cultura), praticado em condições especiais comuns a esse tipo de sociedade industrial, assumindo a forma de espetáculo e tendo a troca como objetivo, começa pouco a pouco por secundarizar o seu valor-de-uso. A possibilidade de ser trocado por dinheiro, na medida em que supre necessidades de diversão e entretenimento de terceiros, vai se sobrepondo aos objetivos de potencialização harmônica das capacidades humanas aludido acima. Em relação ao esporte, o fenômeno da mercadorização foi sendo registrado por muitos pesquisadores do assunto (Melo de Carvalho, 1979; Dumazedier, 1961; Cagigal, 1981, entre outros), como pode ser exemplificado com a afirmação: "para além de começar a preparar o

futuro mercado do tempo livre, nova zona de exploração a que os trabalhadores iriam ser solicitados, preparam-se, subordinados à permanente visão elitista da escola fascista, os futuros campeões a lançar como ídolos da juventude e das populações, tudo isto criando o grande mercado do negócio capitalista do desporto espetáculo" (Melo de Carvalho, 1979:27). A perspectiva de análise desses autores, apesar de captar a mercadorização, não percebe a relação desse fenómeno (a mercadorização) com as próprias características do capital e as consequências desse processo.

Como o movimento corporal humano, que é o substantivo do esporte, é por sua própria natureza um produto não material, impõe ao fenómeno da mercadorização do esporte uma peculiaridade. O movimento corporal humano não se objetiva de maneira totalmente independente de seu produtor, isto é, sua produção é concomitante ao seu consumo, tanto por quem o executa, como por quem o observa. No âmbito do esporte, o gesto esportivo é produzido pelo atleta e não pode se objetivar para além do próprio atleta, portanto consome-se no ato de sua produção.

Como consequência desta característica não material do movimento corporal humano e, em última instância, do próprio esporte espetáculo, sua exploração de forma capitalista só pôde ser feita de uma maneira limitada até algumas décadas atrás, pois a mercadoria dependia dos seus produtores de forma imediata para ser comercializada. Assim, a venda de um espetáculo esportivo tinha como limitação o próprio número de pessoas que era possível colocar na assistência do mesmo. Dependia, também, da presença e disponibilidade dos atletas, o que sem dúvida foi mais fácil de ser resolvido com o surgimento da profissionalização esportiva. Com essa particularidade, mesmo que fosse possível comercializar um

evento para milhares de pessoas (e a maioria dos locais não possibilitava isso), o capital envolvido era sempre limitado e insignificante para a circulação global de capital. Por isso é possível dizer que no primeiro período de mercadorização do esporte espetáculo sua relação com o capital era exterior, já que realizado sob a coordenação do capitalista. Mas isso não chegava a afetar o interior do processo, alterando, de alguma forma, as características do esporte. O que se pode perceber é que também nessa esfera, inicialmente de lazer, de tempo livre, o processo de produção passa a ser um processo paralelo de valorização; o processo de produção de valores-de-uso passa a ser um processo de produção de valores-de-troca, também no que se refere ao esporte.

2.3. O PAPEL DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Um dos fatores inerentes ao próprio capital, é sua necessidade de reprodução e expansão em níveis cada vez mais frequentes e elevados. Dessa forma, esferas da vida social que a princípio eram improdutivas ou que tinham apenas uma produtividade limitada, passam a representar mais uma possibilidade de ampliação do capital e, para isso, "o capital deita por terra todos os impedimentos legais e extra-econômicos que dificultam a sua liberdade de movimento entre as diferentes esferas de produção" (Marx, 1985:80). Com o esporte não foi diferente.

A ciência, como uma importante força produtiva a serviço do capital, acaba por derrubar alguns desses impedimentos extra-econômicos aos quais Marx se referia. Possibilita a materialização do esporte espetáculo através da tecnologia do video-tape e das transmissões via satélite. Os meios de comunicação de massa, também resultado da ciência aplicada, possibilitam a mercadorização em larga escala do esporte espetáculo e vencem o impedimento posto pela própria natureza não material do movimento corporal humano. Com a concretização e difusão desses recursos, surge um dos setores mais produtivos deste final de século - a indústria cultural esportiva*.

Um dos objetivos (e consequência real), é a ampliação a níveis altíssimos da mais-valia produzida, porque consegue extrapolar a exploração da força-de-trabalho de forma imediata, como estava sendo feita, para projetá-la a nível mundial, como pode ser

* Frequentemente esse setor da sociedade industrial tem batido records de circulação de capital em diversos países ocidentais, destacando-se os Estados Unidos da América, Alemanha Ocidental e Inglaterra, colocando-o entre os primeiros setores em produtividade.

17
constatado atualmente. Uma tal amplitude pode ser observada no espaço concedido pelo meios de comunicação de massa ao esporte espetáculo e confirmada no depoimento de Cagigal a respeito. "O volume informativo em torno de um acontecimento desportivo supera tudo o que se poderia imaginar a cerca de trinta e cinco anos. Somente a informação política - a internacional mais a nacional - supera esse volume. A informação desportiva é como uma sopa diária, uma canção que vai se acomodando em nossos ouvidos e da qual dificilmente poderíamos prescindir. Semanalmente centenas de milhares de páginas dos periódicos saem as ruas; há milhares de revistas especializadas em informação desportiva. Nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, houve mais de 4.000 periodistas credenciados. Eles facilitavam a informação in loco; por trás de cada um deles, toda uma organização estava pendente, durante os dezesseis dias do máximo evento desportivo; eram várias dezenas de milhares de profissionais consagrados exclusivamente ao desporto" (Cagigal, 1981:12). A quantidade de representantes dos meios de comunicação de massa envolvidos em eventos esportivos, conforme apontado acima, cresce a cada ano, dando uma idéia dos bilhões de consumidores espalhados pelo mundo e da incalculável soma de capital envolvido.

Nesta, como nas demais mercadorias produzidas pela sociedade industrial, a quantidade de consumidores é fundamental para o aumento da mais-valia, como fruto da reprodução ampliada do produto do trabalho excedente. Sua natureza de bem cultural não lhe afasta dessa circunstância, pelo contrário: "Além da divisão de trabalho, a indústria cultural partilha com as demais empresas a tendência ao máximo consumo. É a mola econômica que, em última instância, move as companhias cinematográficas, as emissoras de rádio, os canais de TV, as editoras de jornais, de revista, de qua-

drinhos, de livros de bolso. O objetivo nesta perspectiva é o lucro que compensa o investimento e que só o alto consumo pode proporcionar" (Bosi, 1986:54).

A aplicação da ciência, neste caso, não se limita a esfera da circulação, como já foi apontado. A ciência passa a ser incorporada também ao processo de produção visando torná-lo mais eficiente. Todas as fases do processo passam a ser analisadas cientificamente e todas as técnicas são propostas a partir de conhecimentos empiricamente "corretos" e verificáveis. O condicionamento físico do atleta e a execução de gestos esportivos passam por um crivo profundo feito pela pesquisa aplicada. A partir de conhecimentos biomecânicos, anátomo-fisiológicos e psico-sociais produzidos, são elaboradas novas formas de treinamento e execução técnica. A partir desta compreensão, são criados os mais diversos instrumentos de auxílio ao processo de treinamento, que vão desde pequenos implementos, (como halteres individualizados) até sistemas inteiros de computadores de análise do movimento. Os métodos de treinamento são propostos não só de acordo com o esporte em questão, mas de acordo com os próprios atletas e suas individualidades, atingindo-se uma eficácia até então inédita. Para tanto, aplica-se, também neste caso, a cooperação e a divisão do trabalho, já observadas em outros processos produtivos, visando não só corresponder a esta nova fase científicizada do treinamento, como também, aproveitar as inúmeras vantagens já anteriormente observadas em outros casos, na obtenção de mais-valia. É preciso subdividir o trabalho em inúmeras funções e especialidades, buscando o aperfeiçoamento do gesto técnico ao seu máximo. O treinador, que foi o primeiro especialista a ser incluído, acaba por abrir espaço para outros domínios que o aperfeiçoamento técnico exige. Surgem

outros profissionais com essa mesma finalidade como: o médico esportivo, o massagista esportivo, o psicólogo esportivo, o preparador físico, o administrador esportivo, entre outros, sem citar os demais profissionais que surgem paralelamente a este fenômeno. Do funcionamento deste trabalhador coletivo composto pelas vários especialistas, entre os quais o atleta é apenas mais um, surge a mercadoria mais apurada porque mais eficiente e, por isso, mais vendável.

Como o restante do processo produtivo capitalista, a eficiência e a produtividade passam a ditar as normas no esporte e em toda produção científica ligada a área. Gorz (1980) já salientava, que a pesquisa que pode ser "capitalizada" e "valorizada" desenvolve-se muito mais depressa do que outras que não tem esse objetivo. Pode-se observar tal fato buscando apenas os temas mais pesquisados e abordados em Encontros Internacionais, como Bouchard o fez: Doping, altitude e performance, as bases da performance, a fisiologia submarina, as doenças coronárias e o exercício, o desporto nos estudantes, as instalações desportivas, a bioquímica do esforço, a traumatologia dos desportistas, a motivação no desporto, a documentação em educação física, o desporto e os deficientes, a morte súbita durante o esforço, as bases científicas do treino, o desporto e o envelhecimento, a aprendizagem motora, a organização do movimento, etc. (apud Noronha Feio, 1978). Essa realidade tem se acentuado nas últimas décadas, quando a pesquisa aplicada ao setor produtivo tem superado enormemente outras iniciativas não ligadas a esse interesse.

Com o desenvolvimento do esporte, constata-se a transformação do processo de trabalho, (neste caso mais claramente denominado por treinamento esportivo e espetáculo esportivo), em um pro-

cesso diferenciado do período anterior em que havia apenas uma Li-gação externa com o capital. O esporte passa a estar inserido no processo de mais-valia relativa instalado em toda sociedade. Há a concretização da mercadorização, não só pelo que o espetáculo esportivo pode arrecadar, mas também pelo espaço e imagem que ele pode veicular. O primeiro caso pode ser constatado nesta afirmação de Cagigal sobre a transformação ocorrida no interior do esporte. Para ele, o desporto espetáculo se constitui numa nova substância que é parte da sociedade do rendimento, do êxito. Uma sociedade que acelera seus resultados a partir do impacto da informação, do lazer comercializado, da diversão que se divulga e vende. O autor também acredita que a sociedade de consumo necessita, entre outras coisas, consumir desporto, consumir espetáculo desportivo e que, essa nova dinâmica na qual o desporto ingressa, constitui-se numa nova realidade (cf. Cagigal, 1981).

Na questão da mercadorização do esporte, é preciso considerar o espaço que lhe é concedido não só pelos meios de comunicação de massa, mas também pelo próprio interesse que desperta nas pessoas, tornou o esporte fundamental para a veiculação também de outras mercadorias. Esse potencial do esporte é explorado pelo comércio, desde o século passado. A esse respeito, Eugen Weber registra que por volta de 1890, o "comercialismo" usufruía das competições ciclísticas. Os fabricantes de bicicleta criaram os auxiliares de percurso nas competições, se serviam do esporte para atingir a imprensa e fazer sua publicidade, batizavam velódromos e lançavam provas de velocidade e de fundo. O comércio construía velódromos que empregavam grupos de controladores, de caixas, de agentes e de garçons, entre outros empregados. Segundo este autor, o comércio provocava um efeito do ciclismo (e mais tarde também do

automobilismo), sobre o estado das estradas e da hotelaria e sua restauração, através de campanhas do Touring Club. O comercialismo vem acompanhado de fabricantes e de compradores, de mecânicos de bicicleta e de suas locações. (A cidade de Bordeaux na França, no final do século XIX, tinha 8 clubes, 16 representantes de grandes marcas que vendiam de 25 a 30 mil bicicletas por ano, mais de 40 mecânicos, 22 pontos de aluguel e 2 velódromos). Observava-se também, a existência de indústrias auxiliares que exploravam o ciclismo. Estas indústrias produziam peças para reposição e acessórios de bicicletas, todos os tipos de vestimenta específica, alimentação apropriada, aperitivos e bebidas especiais para ciclistas, entre outras coisas (cf. Weber, 1986).

Desde o século passado é registrada a comercialização em torno do esporte. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a ampliação do número de pessoas envolvidas com o esporte (praticantes, técnicos ou espectadores), cresce consequentemente, o potencial do esporte que pode ser explorado. Nesta questão, há três coisas a considerar:

a) A primeira delas é que para que a prática do esporte se concretize na forma mercadoria, são necessários diversos equipamentos, que vão desde o vestuário do atleta até aqueles ligados ao esporte propriamente dito, como bola, rede, trave, relógios, etc. O que acontece é que com a complexificação da atividade ditada pela especialização, cresce enormemente a quantidade de materiais necessários à prática do esporte de alto nível, especialmente daquele que se torna espetáculo. São dezenas de especificações de sapatos tipo tênis, uniformes, implementos para treinamento e prática, atingindo em grande escala também os locais de prática esportiva, tornando-os diferenciados de acordo com a categoria dos

atletas que o utilizam e com o tipo de prova a que se destinam. No rastro das equipes de alto nível que competem e se apresentam, desenvolve-se toda uma indústria de equipamentos esportivos voltada, não só para estes componentes do esporte espetáculo, mas para o público em geral, que acaba adotando os seus moldes e modos. Ao mesmo tempo que há a ampliação da pesquisa na área dos equipamentos esportivos, visando dotá-los de melhores condições para acompanhar o aumento da eficácia necessária ao espetáculo esportivo, há também a diversificação e popularização desses equipamentos na busca pela ampliação do consumo e reprodução do capital. "Desta forma desenvolveu-se o comércio e a indústria especializados em desporto. O comércio dedica-se fundamentalmente ao equipamento ligeiro e a indústria, além da fabricação do mesmo, apoiada nas conquistas da ciência do desporto, aperfeiçoa constantemente a fabricação do equipamento ligeiro e lança, em grande escala, o equipamento pesado normalizado, de acordo com as regras da prática desportiva e com as exigências da competição. Os técnicos transformam-se, muitas vezes, em "consultores" comerciais ou industriais. Surge uma investigação aplicada" (Noronha Feio, 1978:124). Outros ramos da indústria são criados no esporte e largamente difundidos através dele, até o ponto em que não se acredita poder praticar um esporte, sem estar "corretamente vestido", ou seja, dentro dos padrões que a própria indústria propõe, de acordo com o que ela mesma produz.

b) Durante a realização de um espetáculo esportivo há, atualmente, não só a assistência das pessoas que se encontram na-

aquele tempo e local, como também de todas as demais que a ele têm acesso pelos meios de comunicação de massa, o que perfaz um número representativo de possíveis consumidores. Tal mercado desperta a atenção de diversos setores da indústria, iniciando com o fenômeno que ficou conhecido como a "propaganda no esporte", aliada a "propaganda do esporte", até o ponto em que fica difícil definir o limite entre uma e outra. São instalados nos locais de competição toda forma de propaganda dos mais variados tipos de mercadorias. Sob a forma de placas, out-doors, camisetas, pessoal de marketing, mas principalmente, em torno da figura do atleta, seja no seu vestuário, em sua bebida, nos objetos que utiliza ou no local em que descansa, tudo lembra as diversas marcas e mercadorias. É um novo espaço na veiculação da propaganda até agora inexistente e que em função das próprias características do esporte (sua relação com o prazer, saúde e beleza), acaba se tornando um potencial valioso especialmente para a indústria cultural esportiva*.

c) Para que o atleta atinja um alto nível de desempenho e possa ser utilizado no esporte espetáculo, é evidente que o seu condicionamento físico e sua capacidade de desempenho no gesto técnico específico devam ser ótimos. Como os padrões apresentados por eles (atletas) estão acima da média, populariza-se uma imagem ao redor do atleta e do esporte que expressa, entre outras coisas, saúde, realização pessoal e potência sexual. Esta imagem é larga-

* Os grandes campeonatos mundiais de alto nível têm, entre suas exigências, que as equipes que dele participem, devam permitir a propaganda nos locais de competição, criando condições para que isto seja feito. Um país que não tem o mercado entre seus princípios, como é o caso de Cuba, teve que admitir a publicidade em volta das quadras, para que seu time de Voleibol pudesse participar do Campeonato da Liga Mundial neste ano de 1991 (Folha de São Paulo, 17.10.90, esportes D-8).

mente incentivada pelo marketing dos produtos diretamente relacionados ao esporte e de outros produtos, que a primeira vista não teriam uma relação imediata com ele (produtos de perfumaria, imóveis, alimentos, turismo, etc). O esporte passa a auxiliar na reprodução ampliada de capital, neste, e em outros setores da indústria não diretamente relacionados a ele, tornando-se altamente produtivo. Além desse fato, o rendimento e as comparações objetivas que fazem parte das características do esporte, trazem a necessidade de explicitação da sexualidade dos atletas e sua definição a partir de padrões anteriormente determinados. Para tanto, testagens bioquímicas são feitas, categorizando os atletas em "femininos e masculinos" a fim de evitar "distorções da normalidade", o que impede uma opção pessoal do atleta nessa questão. A determinação da sexualidade também deixa de levar em consideração, que em grande medida essas "anormalidades" hormonais, são causadas pela própria mercadorização do esporte e pela profissionalização do atleta. Ao mesmo tempo em que essa categorização atende a uma convenção cultural predominante, torna-se efeito de marketing para a exploração posterior pelos meios de comunicação de massa.

2.4. O ESPORTE FETICIZADO

O esporte espetáculo, assumindo a forma de mercadoria, sendo produzido em função de seu valor-de-troca, acaba adquirindo uma relativa autonomia em relação a seus produtores. As características que apresenta para a troca, com o tempo vão se ampliando e concretizando, fazendo com que as próprias pessoas envolvidas no processo produtivo, não as reconheçam como resultado de sua atividade. O esporte passa a se apresentar como tendo características suas, com objetivos em si mesmo e como se tivesse vida própria. O esporte espetáculo produzido para a troca adquire autonomia e é feticizado. Em vez de ser resultado da produção humana, reconhecido como tal, passa a ditar as formas de comportamento em seu interior, tanto para aqueles que o produzem, como para aqueles que o consomem. O homem perde a autonomia perante a autonomia do objeto. "As obras que sucumbem ao feticchismo e se transformam em bens de cultura sofrem, mediante este processo, alterações constitutivas. Tornam-se depravadas. O consumo, destituído de relação, faz com que se corrompam, (...) o processo de coisificação atinge a própria estrutura interna" (Adorno, 1980a:174 e 175). No caso do esporte, acima ainda mais sua relação com a lógica do capital, alterando o movimento executado e as relações em seu interior.

O esportista profissional, frente ao fetiche do esporte espetáculo e as suas determinações, produz exatamente aquilo que é aceito como "o melhor" pelo mercado, que se confunde com o próprio desejo de atuar naqueles moldes. Os espectadores (consumidores), por sua vez, também procuram aquilo o que lhes é condicionado pelo mercado, através de ofertas constantes. Há, inclusive, técnicas de

apresentação das mercadorias como se fossem reivindicações das pessoas e essas reivindicações correspondem exatamente às mercadorias que se quer vender (cf. Adorno, 1980a). A análise sociológica da música assemelha-se àquela passível de ser feita no esporte, pois "as reações dos ouvintes parecem desvincular-se da relação com o consumo da música e dirigir-se diretamente ao sucesso acumulado, o qual, por sua vez, não pode ser suficientemente explicado pela espontaneidade da audição mas, antes, parece comandado pelos editores, magnatas do cinema e senhores do rádio. (...) Esta seleção perpetua-se e termina num círculo vicioso fatal: o mais conhecido é o mais famoso, e tem mais sucesso. Consequentemente é gravado e ouvido sempre mais, e com isto se torna cada vez mais conhecido" (Adorno, 1980a:171).

(Adorno apresenta em sua análise mais um componente fundamental para a reflexão. Em seu entendimento, os próprios sentidos e órgãos humanos são fetichizados, são independentizados do corpo do homem e de suas funções únicas que lhes dão significado, para terem vida própria, como aspectos de uma mercadoria.) Características de um atleta, como por exemplo, a força de seus músculos dorsais, a precisão de seu arremesso ou a rapidez de seus reflexos, tornam-se qualidades a serem perseguidas e admiradas, acrescentando um novo valor à mercadoria esporte, independente e destituída de relação com aquele atleta. O espectador, da mesma forma, responde com entusiasmo a um estímulo, também determinado pelas leis do sucesso acumulado no mercado, sem qualquer relação ou compreensão com o todo. As emoções dos esportistas são fetichizadas pelo mercado, como que independentes daqueles que as sentem. O fetiche dos sentidos humanos e das qualidades físicas, que se tornam modelos a ser seguidos, somados com a desconexão do todo e a incapacidade

dade para compreender um conjunto de fatos, levam o esportista a tomar atitudes extremas e desconhecidas até pouco tempo. Levando-se em consideração sua necessidade objetiva (profissional) e subjetiva (desejo) de vencer, fenômenos como o doping esportivo tornam-se relativamente comuns no esporte espetáculo. O famoso código vitória-derrota também mostra relação com essa problemática, na medida em que é uma exigência da produção e consumo da mercadoria esporte espetáculo, chegando mesmo a ser independente da situação em que ele ocorre. Tanto o atleta como o espectador se rendem a determinação desse código, como força externa a eles. "O código vitória-derrota que rege o esporte espetáculo é imune aos apelos éticos e moralistas do tipo fair play, as idéias de amadorismo e olimpismo que foram literalmente postas fora de ação" (Bracht, 1989:73). Esse tipo de ocorrência vai se tornando gradativamente mais comum, extrapolando até mesmo o nível do esporte espetáculo e do profissionalismo, atingindo a outros tipos de prática esportiva*.

O avanço da tecnologia possibilita a materialização do esporte e do movimento corporal humano em seu interior. Nessa constatação há dois elementos importantes, no sentido que não só o produto do trabalho não pertence aquele que efetivamente o produziu, como também a tecnologia o transforma em matéria prima, insumo de outro processo produtivo. O primeiro elemento diz respeito ao aspecto objetivo de que o produto do trabalho não é da posse do trabalhador, trazendo consequências para ele e tendo como base uma

* Nas "6 horas ciclísticas" (competição européia), frequentemente ocorrem reclamações de algum ciclista que rompe o pelotão em busca da vitória, desarmando os esquemas de uma equipe. Quando o torneio é amador, isso ocorre com menos frequência. Cagigal acrescenta que mesmo nessa categoria (amador) é possível que o espírito de equipe não persista por muito tempo (Cagigal, 1981:59).

relação alienada (cf. Marx, 1980). O segundo elemento indica o aspecto subjetivo, que vai além da divisão entre trabalho manual e intelectual existente no interior do processo produtivo. Escapa ao conhecimento do esportista, mais uma vez, as novas características que vão ser impressas ao esporte espetáculo e que não serão derivadas de sua subjetividade. No retorno ao processo produtivo, essas novas características lhe serão, de certa forma, impostas pelo mercado.

O que se acompanha nesse processo são as diversas alienações de fundo econômico que o esportista sofre. Desde a privação do trabalho enquanto auto-realização, do produto desse trabalho e até mesmo do conhecimento global do processo produtivo, ocorre uma coisificação do homem. Esse processo que extrapola o nível material é "...o fenômeno social fundamental da sociedade capitalista: a transformação das relações humanas qualitativas em atributo quantitativo das coisas inertes, a manifestação do trabalho social necessário empregado para produzir certos bens como valor, como qualidade objetiva desses bens; reificação que conseqüentemente se estende ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo" (Goldmann, 1979 : 122). As características da mercadoria (abstração e quantificação), difundiram-se a partir do modo de produção capitalista para todas as esferas de vida do homem. As expressões artísticas e culturais, ao serem dominadas pela indústria cultural como é o caso do esporte, reforçam direta (ao se tornarem produtivas) e indiretamente (ao funcionarem com a mesma lógica) essas características.

As normas e regras existentes no esporte, altamente so-

fisticadas e definidas, exigem o condicionamento até a automatização dos gestos esportivos. Como essas normas e regras são preconcebidas, submetem o homem a algo que está externo a ele. Como o esportista obedece a essas normas e regras sem questioná-las ou refletir sobre elas, tornam-se um poder acima dele. Como resultado, o esporte praticado nesses moldes leva o esportista a um comportamento cada vez mais limitado em sua liberdade de agir e refletir e em suas possibilidades de escolha. Pelo contrário, em função de sua consciência reificada, se esforça por reproduzir (cf Lukács, 1974).

No caso dos administradores esportivos, ou ainda num universo mais amplo, daqueles que comandam o esporte, é comum o argumento de que se esforçam por oferecer ao público a possibilidade de ver o melhor espetáculo esportivo, o gesto ou o movimento corporal na melhor performance e que isso é exatamente o que as pessoas querem ver. Na verdade, uma análise mais profunda deixa claro que há todo um processo anterior que faz as pessoas reivindicarem a possibilidade de executar ou apreciar exatamente aquele gesto ou espetáculo. Há, ainda, o fato para o qual Adorno (1980a) chama atenção: que os próprios produtores por acreditarem que comandam esse processo e que fazem a sua escolha e direção, têm também sua consciência reificada.

A partir do momento que se concretiza a mercadorização do esporte, as possibilidades de sua utilização com outros fins que não os do mercado vão se tornando, gradativamente, mais difíceis. É, talvez, uma das mais fortes demonstrações de sua fetichização. "A influência do desporto-espetáculo sobre o desporto-prática traduz-se numa pressão constante exercida pelos órgãos da informação que, se por um lado tem contribuído para a propaganda, publicidade

e divulgação do desporto, tem igualmente provocado uma alienação crescente do próprio desporto, bem como dificultado a ação educativa que desde sempre se desejou exercer através do desporto-prática" (Lima, apud Noronha Feio, 1978:104). Apesar da perspectiva desse autor ser diferente da apresentada por este estudo, reafirma-se a independência adquirida pelo esporte enquanto mercadoria, que se manifesta mesmo quando os objetivos são diferenciados. O trabalho desenvolvido com o esporte no interior da escola, também pode apontar no sentido da sua fetichização. A disciplina de educação física, ainda que com objetivos relacionados ao processo educacional, reproduz, quase que de maneira inquestionável, o modelo do esporte espetáculo, tornando-o um dos seus conteúdos programáticos de maior destaque.

A universalização das regras esportivas, de seus espaços e tempos se dá tanto no sentido daqueles que os praticam, como daqueles que os assistem, tornando-os semi-especialistas. Dessa forma, as normas e condutas estão a tal ponto interiorizadas que, em geral, não chegam a ser questionadas. Mesmo quando isso acontece, as alternativas de trabalho são dificultadas pelas padronizações do espaço e do tempo esportivo que já se difundiram. O mercado, ao generalizar a troca por toda a sociedade, com suas características de abstração e quantificação, acaba gerando um outro elemento, fundamental para a cultura e para a própria vida do ser humano. O caráter mercantil acaba gerando o princípio da indiferença que vai, entre outras coisas, eliminando a capacidade de identificação com o outro, seja com seu esforço ou com seu sofrimento. O ser humano vai tendo uma crescente dificuldade de se "enxergar" no outro e, por isso, a construção coletiva e o próprio repensar do cotidiano vão se tornando cada vez mais distantes.

claro que o capital constante empregado na produção da dita mercadoria transfere à ela unicamente seu próprio valor-de-troca já existente, não podendo ele próprio ser produtor de novo valor. Dentro do processo produtivo, essa capacidade de produzir um novo valor é exclusivamente do trabalho útil empregado, que como capital variável que é, despende mais trabalho do que o necessário para produzir o seu próprio valor, cria um mais valor, uma mais-valia. Esse fato diz respeito a origem da mais-valia, proveniente do capital variável e sem nenhuma relação com o capital constante, portanto, seu cálculo só pode ser feito em relação ao primeiro e não ao segundo.

Para esclarecer a segunda parte da questão - o grau de exploração da força-de-trabalho - pode-se partir da explicitação feita acima, concluindo-se que a mais-valia tem como origem o capital variável e não o capital constante; seu cálculo deve ser baseado na proporção em que aumenta este e não em relação ao capital total investido. O capital constante nada adiciona ou altera (em condições normais) a mais-valia, pode por isso, ser igualado a zero, evitando a armadilha do crescimento do valor global ser atribuído a ele erroneamente. Igualado a zero, a fórmula encontrada ($C' = v + m$) expressaria o real e redundaria num cálculo de taxa da mais valia ($t = m/v$) feito de forma correta e representando efetivamente a proporção de aumento do capital.

A partir dessa fórmula encontrada, pode-se ter mais clareza do que ocorre no modo de produção capitalista. Sendo o capital variável aquele que é adiantado para o pagamento da força-de-trabalho, que em contrapartida reproduz o seu próprio valor num tempo necessário, a mais-valia encontrada ao final do processo só pode ser atribuída ao trabalho excedente levado a cabo no restante

conhecimentos científicos, o aumento do rendimento e da performance que o tornam mais atraente ao consumo.

O desenvolvimento das ciências aplicadas que mantém alguma relação com o esporte, dá indícios dos novos objetivos impostos pelo processo de mercadorização do esporte. Hochmuth, tratando da história da biomecânica, relata que os objetivos desta, no final do século passado, eram determinados pelas exigências da ortopedia, da fisiologia do trabalho e da indústria. Com a mecanização e automação da indústria, a biomecânica limitou-se a tratar dos problemas da ortopedia. Este autor acrescenta que, "com a restituição dos Jogos Olímpicos de nosso tempo, cresceu fortemente o interesse por aperfeiçoar a técnica desportiva, ou seja, querer aproveitar mais eficazmente as leis mecânicas nos movimentos desportivos. No princípio deste novo impulso (por volta de 1900) não houve grandes exigências de estudos profundos destes temas. Nas especialidades desportivas particulares, os desportistas comprovavam intuitivamente, que conjunto de movimentos lhes levava a alcançar melhores êxitos. (...) Com o tempo apareceram os limites destas imitações. (...) O conhecimento empírico puro era substituído, cada vez mais, nas especialidades desportivas particulares, por um conhecimento racional" (Hochmuth, 1973:11). Concomitante, às exigências de um gesto esportivo mais eficiente, novos objetivos vão surgindo nas ciências aplicadas. A partir da II Guerra Mundial, a biomecânica do movimento desportivo toma novo impulso (cf. Hochmuth, 1973). Nesse período é registrado, também, um rápido desenvolvimento de outra área de estudo - a aprendizagem motora - que se destaca com uma produção de qualidade, principalmente a partir dos anos sessenta (cf. Magill, 1984).

O conjunto desses conhecimentos propicia, não só de forma

genérica, mas especificamente em cada esporte, em cada gesto técnico e, em alguns casos, para cada jogador individualmente, a solução relativa ao "melhor" a ser feito. A necessidade de aperfeiçoar a técnica desportiva acaba gerando uma "relação especial" entre a prática do desporto e a biomecânica, como afirma Hochmuth. Assim, "mediante as investigações científicas da anatomia, da biomecânica, da fisiologia, da psicologia e da cibernética, puderam se fundar as bases científico-naturais para um verdadeiro treinamento técnico. Todas elas, sob a denominação de Metodologia Desportiva, formam o complexo científico de investigação do movimento" (Hochmuth, 1973:12).

Quanto maior o nível de rendimento e performance ao qual o esporte deve corresponder, maior é a exigência de conhecimentos científicos que seus esportistas devem dominar. O esporte espetáculo mostra uma profunda relação com as ciências aplicadas, responsáveis, em grande medida, pelo rendimento apresentado e pelas possibilidades de sua melhoria. "O simples conhecimento das bases científicas do aprendizado motor proporciona, aos professores e ao treinador, os meios de fazer um julgamento sólido sobre os métodos de instrução, duração, frequência, natureza do desempenho, etc. Assim como um conhecimento básico de fisiologia habilita-o a fazer acertados julgamentos sobre a quantidade e a qualidade do treinamento a ser prescrito em determinado caso. Os conhecimentos da biomecânica armam o técnico para a escolha da técnica de execução apropriada e para descobrir a causa das falhas mais importantes, permitindo melhorar o desempenho atlético" (Hay, 1981:04). Para essas ciências aplicadas, o máximo rendimento desportivo passa, nestas últimas décadas, a ser uma de suas principais preocupações. A busca pelo melhor desempenho é priorizada em relação aos demais

objetivos anteriormente existentes, como no caso da biomecânica (cf. Hochmuth, 1973).

Assim como as ciências aplicadas, os meios de comunicação de massa desempenham um papel importante no processo de alterações por onde passam alguns esportes, na sua adequação à forma espetacularizada de mercadoria. Paralelamente à materialização do esporte, na forma de fotografias, artigos especializados, gravações de audios e, posteriormente, de vídeos esportivos, criava-se outra possibilidade: a reprodução de um único espetáculo esportivo para bilhões de pessoas simultaneamente, ou seja, a ampliação quase ilimitada deste mercado específico.

Benjamin Rader, em sua análise a respeito na sociedade norte-americana, comenta que a ascendência do espectador no esporte foi vastamente expandida pelo mercado. Para tanto, criou-se um "clima" mais favorável para a busca de divertimentos comerciais, através de um ataque concentrado aos valores vitorianos, além do crescimento da população, do salário real e do tempo livre (cf. Rader, 1983). Esse autor comenta, que após 1950, o cenário esportivo americano passou por mudanças significativas, relacionadas à televisão. Até 1950, milhões de americanos nunca haviam visto um jogo de uma grande liga de baseball, de futebol americano ou de basquetebol. Nessa época, menos de 10% das casas construídas nos EUA possuíam aparelhos de televisão que possibilitassem assistir aos grandes grupos esportivos. Nos anos sessenta, esse número cresce vertiginosamente e 94% das famílias americanas possuem um ou mais aparelhos de televisão. Em 1970, segundo esse autor, um típico final de semana para 20 milhões de americanos, consiste em assistir campeonatos de futebol. "Com o advento da televisão, os fãs em casa, diferentemente daqueles que vinham ao estádio, são os

últimos árbitros do esporte americano. Antes de 1950, jornais, revistas e o rádio, tinham estimulado o interesse pelo esporte, mas a televisão permitiu a milhões de pessoas que nunca tinham visto um grande jogo da liga de baseball, ou um jogo de futebol americano ou os jogos olímpicos, ver e ouvir, confortavelmente em suas casas" (Rader, 1983:243).

A reprodutibilidade de um espetáculo esportivo, através da tecnologia de transmissões via satélite prevê, somente para a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Barcelona 1992, 4 bilhões de espectadores em mais de 160 países. A rentabilidade financeira de um evento desse porte, também apresenta números expressivos. Seul em 1988, apresentou um lucro líquido de 360 milhões de dólares, Barcelona prevê 500 milhões de dólares em 1992 e Atlanta, com os jogos olímpicos de 1996, estima lucrar 1 bilhão de dólares. Tudo isso, com um evento de 16 dias de duração (cf. Comissão Pró-Olimpíada 2000, 1991).

Esse potencial do esporte mantém uma relação muito próxima com a televisão, gerando redes exclusivas para sua transmissão. "Em 1979, viciados no esporte alegraram-se com o lançamento nacional de uma nova corporação, a Entertainment Sports Programming Network (ESPN), a primeira rede de transmissão esportiva 24 horas. Usando 625 sistemas de televisão a cabo e a transmissão por satélite, a ESPN pode alcançar 20% dos telespectadores nacionais. As redes não encontram dificuldades em recrutar patrocinadores" (Rader, 1983:250). Não são apenas eventos esporádicos e de grande repercussão mundial, é o esporte colocado no dia a dia de um número expressivo de pessoas.

Com esse efeito, a televisão passa a atuar por outra via, nas alterações que o esporte vai sofrendo. A televisão, ao mesmo

tempo em que materializa o esporte, o reproduz onde, quando e quantas vezes quiser, dita alterações no interior do esporte para melhor adequá-lo aos seus objetivos. "A televisão compeliu o esporte profissional e o colegial a alterar a natureza dos seus jogos. Em certa época, as necessidades da televisão requisitaram pequenas modificações nas regras e tradições do esporte" (Rader, 1983:245). Este autor lembra que a televisão forçou o futebol a assumir mudanças no ritmo e nas sequências de tempo deste esporte. No golf houve a introdução do tie-breaker para regular o final do jogo. Com o tênis e o baseball não foi diferente. "A televisão induziu, direta ou indiretamente, grandes ou pequenas, mudanças sutis na nação esportiva" (Rader, 1983:245).

Além das mudanças que provoca nos esportes, a televisão transmite preferencialmente aqueles que são mais dinâmicos (mais atraentes ao público) e com um desenvolvimento no espaço esportivo que possa ser captado pela câmara. Ao fazer isso, reforça o fetiche do esporte perante os telespectadores direcionando seu gosto. Os telespectadores, por sua vez, reificados perante o mercado, exigem, principalmente, estes esportes mais televisionados. Exigem, ainda, que sejam praticados naqueles moldes que eles conhecem pelas transmissões. Os espectadores que assistem as partidas ao vivo (um número muito menos expressivo), pouco são levados em consideração. "Depois de 1950, os fanáticos por televisão e os magnatas esportivos aumentaram a mercadorização dos esportes espetáculos, por intermédio da audiência da televisão, em detrimento daqueles que assistiam a vivo" (Rader, 1983:243). A televisão veicula esse desejo dos telespectadores, de uma prática esportiva da forma como eles conhecem e acaba, no retorno da informação aos jogadores e técnicos, por determinar a sua prática naqueles moldes. Fazendo

isso, reforça seu papel de mediação nas alterações ocorridas nos esportes.

Para se perceber as alterações acima levantadas, que se dão a partir do processo de mercadorização, se faz necessário re-tornar os vários esportes, numa análise atenta de suas caracterís-ticas ao longo do tempo de sua existência. Para este estudo, em especial, elegeu-se o basquetebol para esta análise, por ser um esporte que tem sua origem nesta ordem econômico-social e por ter atingido grande destaque na atualidade.

3.1.1. BASQUETEBOLE: UMA PERSPECTIVA DE SUA ORIGEM

Para a compreensão das alterações que se dão no interior do basquetebol, é preciso ter presente alguns fatos que ocorreram ao longo de sua história.

O basquetebol foi criado na última década do século XIX, nos Estados Unidos da América (EUA), por um professor de educação física. "O basquetebol é, provavelmente, o único desporto atlético conscientemente inventado para uma necessidade reconhecida" (Bee, 1955:15). Deveria suprir a deficiência de atividades físicas passíveis de serem praticadas no inverno. Tal fato já pressupõe uma série de condições relativas ao mundo moderno. Esse esporte surge a partir da organização das cidades, do sistema escolar e da existência de tempo livre, que possa ser utilizado na prática esportiva. Sua criação visava os jovens norte-americanos que não aceitavam exercitar-se nos métodos de ginástica sueca, dinamarquesa ou francesa. O novo esporte criado, deveria ser basicamente competitivo, para ter boa aceitação (cf. Bee, 1955). Outro dos requisitos para sua criação era de ser científico, para, dessa forma, poder despertar o interesse dos adultos (cf. Lotufo, 1953). O basquetebol traz, não só por seu local de origem, mas por sua forma e objetivos, a marca da ordem econômico-social capitalista.

Este esporte difundiu-se rapidamente, tendo como base a Associação Cristã de Moços (ACM), dentro da qual foi criado e que mantinha colégios por todo o continente. Em 1896, cinco anos após sua criação, surgem os primeiros atletas profissionais e em 1926, são 15 milhões de praticantes nos EUA (cf. Lotufo, 1953).

Até o início da década de trinta, o basquetebol era con-

siderado um esporte que tinha seus interesses centrados nos jogadores, muito mais do que em seus espectadores (cf. Rader, 1983). Porém, uma situação particular provoca algumas mudanças. O box, um dos esportes mais populares no país até então, tinha grandes arenas espalhadas por dezenas de cidades. Com a depressão econômica e o declínio de sua popularidade em 1930, procurou-se outro esporte que pudesse aproveitar esses locais, sem grandes alterações. O basquetebol foi adotado para tanto, fazendo com que sua atividade passasse a ser centrada nos espectadores (cf. Rader, 1983). Outro fato contribuiu para essa alteração, voltando o esporte para seus espectadores. Em 1934, jornalistas esportivos organizaram uma competição de basquetebol, buscando superar os efeitos da grande depressão sobre o setor. Auxiliados pela imprensa da qual faziam parte, conseguiram reunir 16 mil espectadores nessa competição. Como o interesse foi muito grande, especialmente em Nova York, um desses jornalistas continuou a organizar essas competições a partir de 1936, transformando-se num dos empresários mais famosos da história do basquetebol. Suas competições conseguiam alcançar uma média de 25 mil espectadores por temporada, até que, em 1950, atingiu o número de 600 mil espectadores, trabalhando exclusivamente com times colegiais (cf. Rader, 1983).

Alguns fatores colaboraram com a difusão deste esporte, não só nos EUA, como também por todo o mundo. A criação da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), representou um marco importante, principalmente porque a partir de então, unificaram-se as regras do basquetebol a nível internacional. Isso possibilitou a realização de competições entre diferentes países, que conheciam o basquetebol, seja através das escolas da AECM, no continente americano, seja através dos soldados americanos durante a I

Guerra Mundial na Europa (cf. Lotufo, 1959). Nesse mesmo ano da criação da FIBA (1932), o basquetebol é incluído nos jogos olímpicos de Los Angeles, como esporte de demonstração e quatro anos mais tarde é admitido oficialmente no jogos realizados em Berlim.

Esse conjunto de fatos criou as condições para que o basquetebol ingressasse, efetivamente, numa nova era. Nos anos vinte, havia se instalado um "romance" entre o público e o esporte, através da imprensa escrita, especialmente o jornal. A década de trinta é marcada pela introdução do rádio no esporte, com programas pioneiros que tiveram grande aceitação. Porém, "quase simultaneamente ao escândalo de 1951, o basquetebol entra para a era televisada do esporte" (Rader, 1983:277). O escândalo a que Rader se refere é outro dos sintomas do avanço da mercadorização do basquetebol. As Universidades recrutavam e subsidiavam financeiramente aos atletas, mantendo-os numa situação irregular. A luta por elevar o rendimento dos times colegiais, iniciava por extrapolar os objetivos originais para os quais o basquetebol foi criado.

O destaque que este esporte vai atingindo nos EUA, motivou inclusive a mudança nos programas escolares da ACM. Esta instituição, depois da II Guerra Mundial, resolve desestimular o futebol e incentivar o basquetebol. Essa alteração, segundo Rader, ocorre em função do fato de que "o basquetebol, que iniciou simples e inexpressivo, tornou-se centro das atenções nacionais" (Rader, 1983:279).

A expressividade que o basquetebol atinge, tanto em relação ao número de praticantes, como de espectadores e de circulação de capital, acarreta as primeiras alterações internas no esporte, ainda na década de cinquenta. Os observadores e teóricos do basquetebol nesse período comentam: "hoje pouco há da concepção ini-

cial, posto que tudo tem sido aperfeiçoado e submetido a alterações, segue entretanto, sob os cuidados da Federação Internacional de Basquetebol" (Gladman, 1953:49). A preocupação com a imprensa também é crescente nesse período, reafirmando a posição de que o basquetebol passa a ter seus interesses centrados nos espectadores, assumindo, gradativamente, a posição de esporte espetáculo. O depoimento dos técnicos da época alertavam para o fato de que "ter amigos jornalistas é importante. Levantam a moral dos jogadores. É muito melhor para a pressão arterial, ler coisas agradáveis do que ler críticas ou não ler nada. Um treinador nunca deve estar demasiado ocupado para receber os jornalistas, ainda ao mais nocivo. Quem pode dizer se este não chegará a ser chefe de desportos? Alguns jornalistas são bondosos, outros generosos e outros são sarcásticos ou personalizam suas críticas. Uma brincadeira pode ser tomada a sério e ter repercussão em todo país" (Bee, 1955:55 e 56).

Deve-se salientar ainda, outro fato importante para compreender a procedência das alterações ocorridas neste esporte. O basquetebol profissional mantém, desde sua origem, uma relação muito próxima com os meios de comunicação de massa. A Liga Nacional de Basquetebol (NBL), no final da década de quarenta, passava por sérias dificuldades financeiras. Para reergue-la, além da venda de ações, foi instituída uma ampla rede publicitária e uma campanha nacional por todo o país. Com este feito, emparelhou a luta contra a Associação de Basquetebol da América (BAA), o que acabou motivando a fusão de ambas. Surge, então, a Associação Nacional de Basquetebol, a poderosa NBA, conhecida até hoje. A criação de uma empresa como a NBA trouxe ao basquetebol nacional fatos decisivos. Um deles foi o primeiro investimento de vulto, por parte de uma

empresa privada, para um time de basquetebol. O "Orandaga County War Memorial", em 1951, ofereceu apoio financeiro em larga escala ao "Nats", uma das equipes da NBA, que passou a contar também com um time feminino e a apresentar espetáculos de primeira categoria, antes dos seus jogos e nos intervalos dos mesmos, batendo recordes de bilheteria (cf. Anderson, 1956).

Outro fato importante provocado pela criação da NBA, foi a sistematização dos contratos com a televisão. A primeira partida transmitida pela televisão foi no ano de 1940, entre Pittsburg e Fordham, do Madison Square Garden, em Nova York (cf. Duarte, 1986). Depois disso várias outras competições haviam sido televisionadas, porém nenhum vínculo maior havia se estabelecido entre este esporte e as redes de televisão. O "Nats" inaugura essa nova era. "Com o apoio dos aficcionados, com a colaboração da imprensa e do rádio, os esforços da direção, com um bom calendário, com a participação do Nats nos programas da televisão (em 6 dos 13 sábados), com um excelente grupo de novatos reforçando aos já brilhantes veteranos, a temporada 1953-54 parecia sorrir em Syracuse" (Anderson, 1956:152).

A década de cinquenta é acompanhada por uma relação entre o esporte e a televisão bem mais próxima. A primeira alteração, ditada literalmente pela televisão e por seus espectadores, é a relativa as regras que tratam da dinâmica do jogo. Acontecimentos como os relatados em 1939, pelo criador do basquetebol, seriam incompatíveis com o entretenimento buscado pelo telespectador e o tempo disponível pela televisão. "O doutor Naismith dá conta de uma partida no campeonato da A.A.J., onde os ganhadores conservaram a posse de bola 14 minutos consecutivos, durante os quais realizaram, segundo dados certos, 345 passes seguidos sem tentar en-

cestar" (Ree, 1985:20). Esse tipo de situação precisava ser evitada e na mesma temporada em que o "Nats" firma contrato com a televisão, ocorre uma mudança na regra. "Pressões dos fãs e da NBC televisão, induziram a NBA em 1954 a adotar a regra dos 24 segundos" (Rader, 1983:296). Esse problema da retenção da bola e consequente perda de ritmo e diminuição do placar, preocupava a todos. A solução não veio dos técnicos ou mesmo da imprensa, ainda que esta tenha pressionado decisivamente na adoção dessa nova regra. É de outro setor, largamente interessado na expansão do basquetebol, que surge essa solução - o comércio. Lima, comentando a respeito, reafirma o período citado como fundamental para a ocorrência das alterações do basquetebol. "A aceleração do processo de modificações frequentes se produz a partir da década de cinquenta. Em 1954, o dono de uma loja de artigos esportivos em Siracuse (N.Y.) Danny Biasone, idealizou, após uma simples operação aritmética, a regra dos 24 segundos (na FIBA é a regra dos 30 segundos). O que hoje pode parecer muito simples, foi uma genialidade. Havia sido salvo o basquete-espetáculo, ameaçado pela retenção abusiva da bola" (Lima, 1988:33).

Esse processo de difusão (e mercadorização) do basquetebol via televisão, iniciado na década de cinquenta, é pequeno em relação a outros esportes, como o futebol. Centrava-se no basquetebol colegial, em função dos custos de produção serem menores. A partir de 1970, há um investimento maciço da televisão neste esporte e, nessa mesma temporada, o número de espectadores é estimado em 150 milhões de americanos. Para que tal feito ocorresse, o esporte passou por transformações profundas, para além das mudanças de regras como acima exemplificado. Novos gestos esportivos, novas características corporais e novos padrões de desempenho foram ins-

talados, buscando melhor aceitação por parte do público. "Novos modos de jogo também ajudaram na popularização do basquetebol para a era televisada. As destrezas dos jogadores aumentaram notadamente. Por volta de 1970, dúzias de jogadores de seis pés (aproximadamente 1,90m) de altura eram encontrados e estes atingiram maiores índices de destreza e coordenação do que os jogadores mais baixos da era pré-1940" (Rader, 1983:278).

Os novos objetivos do basquetebol, impostos por seu processo de espetacularização, transformaram profundamente este esporte, de forma que "para os fãs que tinham observado o basquete na era pré-1940, o basquete dos anos setenta parecia um esporte inteiramente diferente" (Rader, 1983:279).

Compreender as alterações porque passa este esporte, buscando estabelecer suas origens a partir das mediações desempenhadas pela ciência e pela técnica, além dos meios de comunicação de massa, é a tarefa a ser desenvolvida. Como esse processo de alterações é complexo e multifacetado, se fará uma divisão genérica na forma de abordagem. Será tratado primeiramente, das alterações nas regras do basquetebol, depois, das alterações nos seus gestos esportivos, em seguida, as alterações nas táticas de ataque e defesa e, por último, nos métodos de treinamento propostos.

3.1.1. As alterações nas regras:

James Naismith criou o basquetebol com a "noção cristã do amor ao próximo", de acordo com suas próprias palavras. Sua idéia baseava-se na tentativa de eliminar a violência no jogo, já que os atletas não poderiam caminhar ou correr com a bola, manter contato corporal entre si ou ainda usar os pés para deter a bola. Buscava a eliminação da força e a valorização da habilidade. Das treze regras propostas por seu criador inicialmente, pouco se reconhece. São elas:

"1. A bola utilizada terá a forma esférica.

2. A bola pode ser atirada em qualquer direção com uma ou duas mãos.

3. O jogador não pode correr com a bola. Ela deve ser atirada do lugar em que recebeu. Só haverá uma certa tolerância com o atleta que der alguns passos tentando parar, depois de receber a bola com velocidade.

4. A bola só pode ser tocada com as mãos. Os braços e o resto do corpo não devem ser usados para auxiliar seu recebimento.

5. Não é permitido empurrar, segurar, trançar os pés ou mesmo tocar nos adversários. Na primeira infração será marcada uma falta. Caso haja reincidência, o jogador faltoso ficará fora da quadra até que uma cesta seja marcada. Se ele entrar com a nítida intenção de machucar um adversário, será expulso da partida, sem o direito de ser substituído.

6. A bola só pode ser batida com as mãos abertas. Bater a bola com os punhos cerrados será considerado falta.

7. Se os jogadores de uma mesma equipe cometerem três

faltas consecutivas, serão punidos com a marcação de uma cesta a favor do adversário. São consideradas faltas consecutivas aquelas em que o adversário não tiver cometido nenhuma falta em seus intervalos.

8. A cesta é válida quando a bola é atirada do campo para dentro da cesta.

9. Quando a bola sair da quadra, será devolvida pelo jogador que primeiro se apoderar dela. Em caso de discussão ou bola presa, o árbitro deve jogar a bola no meio dos dois jogadores. O atleta que vai repor a bola tem 5 segundos para fazê-lo ou perderá a posse de bola. Todo retardamento voluntário do jogo será penalizado com uma falta.

10. O fiscal deve controlar os jogadores, anotando o número de suas faltas. Deve informar o árbitro, que desclassificará os jogadores de acordo com a regra 5.

11. O árbitro decidirá, sozinho, quando a bola está em jogo e se as cestas são válidas. Suas decisões são sempre soberanas.

12. O tempo de jogo será de dois períodos de 15 minutos cada um. O intervalo será de 5 minutos.

13. O time que fizer o maior número de pontos durante esse tempo será declarado vencedor. Em caso de empate, será prorrogado até uma cesta de desempate" (Duarte, 1986:15 e 16).

Para o estudo relacionado as alterações ocorridas nas regras do basquetebol, se fará uma contraposição entre aquelas em vigor em 1940* e as regras atuais, propostas para o quadriênio 1989-1992, pela FIBA.

* Tomou-se o ano de 1940 como base, não só porque era o mais antigo material disponível, como porque é anterior ao período de grandes modificações provocadas pela mercadorização deste esporte em larga escala.

Entre as diversas alterações relacionadas as dimensões que o jogo envolve, duas chamam a atenção. A dimensão da tabela, anteriormente de 1,20m de largura, passa a ter atualmente 1,05m, de onde se retirou 15cm da parte inferior. Essa diminuição ocorre com vistas a evitar acidentes com jogadores de grande estatura, para os quais o esporte é quase completamente dirigido. As formas de preparação e treinamento tem ajudado a criar este tipo de jogador, através do controle hormonal e proteico. A existência de duas categorias de jogadores em 1940 (onde na primeira eles não deveriam exceder a 1,90 e na segunda, a altura era ilimitada) é efetivamente derrubada. Essa categorização que visava evitar o confronto entre os atletas "normais" e os "agigantados" (expressões da regra) não resiste a competitividade e o selecionamento cada vez mais acirrados. As regras refletem tal fato, na medida em que deixam de proteger os "normais", passando a serem elaboradas àqueles que se tornam os modelos de atletas.

Em relação a dimensão, ainda é possível encontrar na bola uma alteração peculiar. Seu peso e tamanho, respectivamente 600 a 650g e de 0,75 a 0,80cm a décadas atrás, é substituída por uma menor, com 567 a 650g e 0,74 a 0,78cm. O que torna essa alteração interessante, é o fato dessa dimensão recentemente adotada ser a dimensão da bola utilizada pela NBA no basquetebol profissional. Demonstra que as alterações da regra caminham muito mais no sentido do amador seguindo os moldes do profissional, do que o inverso. Essa nova dimensão permite ainda, um melhor desempenho, a exemplo do considerado melhor e mais lucrativo basquetebol do mundo - o profissional norte-americano (DUARTE, 1986:43).

As diversas alterações relativas ao tempo também merecem destaque. A execução de um lance livre tinha como tempo máximo

10seg, devendo a bola tocar o aro, a tabela ou o chão antes de ser tocado por um outro jogador, dando continuidade ao jogo. Atualmente, o tempo de execução do lance livre está restrito a 5seg, sendo que a regra prevê que a bola deve tocar o aro ou ser evidente que não o tocará, antes de ser pega por outro jogador. Tal alteração demonstra uma tendência a agilização do jogo, tanto na diminuição do tempo como nas condições para a continuidade deste. Essa tendência a agilização e aumento do dinamismo do jogo se torna mais perceptível com o surgimento das limitações de 3seg na área restritiva, de 30seg para o ataque, sendo 10seg para sair do campo de defesa e dos 5seg para passar a bola.

Os técnicos da década de quarenta começavam a perceber a importância do público para este esporte. "As ações da zona de defesa são agora tão rápidas que sem dúvida têm agradado ao espectador. As regras dos dez e dos três segundos têm sobrevivido por sua necessidade, mas manter ou eliminar qualquer delas tem pouca importância. O fato de que ultimamente não se tem feito mudanças importantes nas regras, significa que o basquetebol, tal como se joga hoje, satisfaz a maioria dos aficionados, jogadores, treinadores e dirigentes" (Bee, 1955:16). É importante frisar que, apesar da data desta ser de 1955, ela é feita a partir da edição americana de 1942, sem revisões. Isso mostra que seu autor, apesar de dar importância aos espectadores, não percebeu o quão fundamental eles se tornariam para o basquetebol. E mais, que as regras, a partir da década seguinte, sofreriam alterações frequentes, visando adaptá-las as diversas fases deste esporte.

Nas reposições de bola, previa-se o tempo máximo de 5seg e após a cesta ou lance livre, o árbitro deveria pegar a bola, entregá-la à defesa e então apitar, autorizando o reinício do jogo.

O que se prevê nas regras atuais em relação a reposição de bola, é bastante diferenciado. O árbitro só toca na bola se for para tornar a reposição ainda mais rápida, não sendo mais necessário apitar. A tendência indicada por essas alterações, é a de aumentar o ritmo de jogo, tornando-o não só mais produtivo, com escores bem mais altos, como também tornando-o mais atraente ao público consumidor desses espetáculos.

O número de pessoas envolvidas - os oficiais - também é alterado ao longo do tempo. Naismith previa apenas um árbitro e um fiscal para encaminhar a partida, mas já em 1940 encontrava-se a previsão de mais um apontador, um cronometrista e um delegado da Federação. Hoje, temos a inclusão de um operador dos 30seg e um comissionado técnico para a supervisão. Ao crescer o número de pessoas envolvidas, qualificadas e algumas até tornando esta a sua profissão, percebe-se o aumento da necessidade de controle do esporte e a subdivisão de tarefas em seu interior.

No que diz respeito as violações, uma questão chama especial atenção. Há cinquenta anos atrás, expressões como "honestamente", "lealmente", ou o seu contrário, "desonestamente", "deslealmente" eram frequentemente utilizadas. Nos textos que tratam das violações, hoje, essas expressões desaparecem, cedendo lugar à outras como: "comportamentos legais previstos ou condutas antidesportivas". Essas novas expressões deixam perceber uma alteração nas normas morais que envolvem o esporte. As questões subjetivas de julgamento moral são transformadas em questões objetivas com previsão legal. Acrescenta-se a isso, o fato do número de faltas também ser ampliado. A proposta inicial do jogo feita por Naismith, em sua regra de número cinco, admitia duas faltas, sendo que na terceira ocorreria a exclusão. Em 1940 esse número já é de qua-

tro faltas por jogador e atualmente, cinco faltas são admitidas. Ainda que tal ampliação não continue ocorrendo, ela é fruto da alteração dos gestos esportivos realizados e das táticas de jogo empregadas. Ambas as coisas, consequências da mudança nos objetivos do jogo. Não mais educativo, visando desenvolver os músculos (Duarte, 1986:11), mas dinâmico e eficiente, com vistas a sua transformação em espetáculo.

No caso das faltas, é interessante observar que, além de serem utilizadas taticamente, algumas são planejadas a partir de bases científicas. Um exemplo desse fato pode ser encontrado nas recomendações de Baise (1980), para que o defensor, ao chocar-se contra o pivô, deverá fazê-lo contra o ombro interior deste (o mais próximo do aro). Isso será feito de maneira a girar, ficando na posição interior, mais próxima a defesa. Essa recomendação toma como base, o conhecimento de que, "uma força cuja linha de ação não passe pelo centro do corpo no qual ela age, é chamada de força excêntrica. Tais forças causam, ou tendem a causar, simultaneamente uma translação e uma rotação neste corpo - que é um movimento generalizado" (Hay & Reid, 1985:14). A sofisticação de que é tomado o esporte, a partir de seus novos objetivos, instala efetivamente uma nova perspectiva para os gestos esportivos e a relação entre os homens nessa prática.

Nesse sentido também pode ser compreendida a alteração no número de substituições, até 1940 limitado, passando atualmente a ser ilimitada, tanto para a equipe no total, como para cada jogador individualmente.

É interessante observar a regra que previa um tempo de jogo especial para os jogos de crianças: Eram 4 tempos de 6min,

com intervalos de 2min, para os menores de 14 anos e 4 tempos de 6min com 1min-de intervalo entre o 1º e 2º tempo e o 3º e 4º. Entre o 2º e o 3º tempo, eram 10min de intervalo. Atualmente, apesar de se prever 5 categorias de jogadores (mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto), o tempo de jogo previsto é de 2 tempos de 20min, com 10min de intervalo para todas as categorias. A única exceção é feita ao mini-basquete, para crianças de até 12 anos, onde o cronômetro não é travado no transcorrer dos 20min. Percebe-se nessa alteração que a difusão do esporte espetáculo leva progressivamente à adoção de seu modelo por todos os praticantes, independentemente de seus objetivos, lembrando mais uma vez a forma fetichizada que assume perante a sociedade. "Quando algo não funciona, quando as defesas e ataques parecem demasiadamente beneficiadas pelo regulamento vigente, quando a espetacularidade do jogo cai, se modificam as regras" (Lima, 1988:33).

3.1.2. As alterações nos gestos técnicos:

Em relação aos gestos técnicos do basquetebol, muitas alterações podem ser observadas. Na literatura mais antiga a respeito (FRYMIR, 1928; MEISSNER & MEYERS, 1940; RUPP, 1948; GLIDMAN, 1953; VALDÉS, 1967;), pode-se encontrar não só gestos técnicos diferenciados dos atuais, como outros completamente estranhos a este esporte.

Entre os movimentos básicos do basquetebol, a recepção e o domínio de bola se destacam como essenciais em um bom jogador. Porém, já nesses movimentos simples ocorrem alterações. A recepção ideal da bola era indicada (Frymir, 1928:48) como sendo aquela em que se esperava a bola com os braços e mãos relaxados, sendo que estas deveriam estar voltadas para cima. Com o decorrer do tempo, são recomendadas algumas mudanças, onde a posição correta se caracterizaria por "ir ao encontro da bola", com os braços e dedos estendidos (Valdés, 1976:143). A posição dita como ideal na atualidade é diferente desta. "Na recepção as palmas das mãos devem estar voltadas para fora, com os polegares se tocando" (Brown, 1987:22). É um novo movimento corporal que se delineia, ditado pela eficiência que precisa ter.

A parada brusca após a corrida, também é realizada hoje de uma forma diferente da encontrada há anos atrás. Nesse gesto, como em outros, a alteração ocorre em função das pesquisas científicas específicas que ditam um novo movimento. São princípios científicos diferentes que apontam para um movimento com diferentes objetivos, porque situado em outro contexto. A técnica atual contraria a antiga que dizia: "é quase impossível prever eficaz-

111
mente uma parada bem executada (...). O pé direito se fixa sobre a quadra com toda a força de arrasto para impedir o deslizamento e permitir uma rápida parada. Para um bom equilíbrio, manter o corpo abaixado" (Dean, 1972:183) Para esse autor, na parada busca os pés deveriam ficar voltados para a frente e a perna de trás flexionada no mesmo sentido. A técnica atual, embasada em outros conhecimentos e buscando a melhoria da performance, trabalha com um movimento diferente. "Para parar, um jogador deve exercer forças horizontais contra o solo na direção em que se está deslocando. Se ele faz isto corretamente, a reação a essas forças reduz o movimento de seu centro de gravidades a zero, antes que ele passe além dos limites da base formada por seus pés. Esta reação também faz com que o jogador rode na direção em que se está deslocando. Contudo, este efeito rotacional pode ser combatido se o jogador posicionar o seu corpo de modo que a componente vertical da reação do solo crie um torque na direção oposta" (Hay, 1981:213).

O drible é, por si só, uma inovação neste esporte, já que não foi previsto por Naismith. Coincidentemente, seu surgimento se dá no mesmo ano (1896) que ocorre a profissionalização dos jogadores de basquetebol. Seu surgimento é concomitante a necessidade de dinamizar o esporte. De início era possível driblar com duas mãos, com uma única mão, alternando entre direita e esquerda, ou apenas com uma das mãos repetidamente. A batida na bola era feita a distância de um braço e a frente e no centro do corpo. O jogador olhava alternadamente a bola e o restante do jogo (Frymier, 1928:118). Esse tipo de movimento, além de dificultar o deslocamento do jogador, era bastante instável.

O impedimento da regra do uso de duas mãos, reflete um movimento que precisa ser mais eficiente, evitando o descontrole

da bola e as frequentes perdas de sua posse. Com isso, a bola passa a ser driblada ao lado e ligeiramente à frente do jogador, sendo protegida pelo braço oposto. O domínio chega a ser tal, que se tornou praticamente desnecessário olhar a bola, mostrando um movimento altamente aperfeiçoado e que necessita reagir prontamente às situações de jogo. O corpo deve estar abaixado, com o centro de gravidade próximo ao chão, joelhos flexionados, enquanto a bola é impulsionada com uma flexão de pulso, secundarizando o movimento das articulações de ombro e cotovelo antes fundamentais (Cunha, sd:26). As recomendações vão mais longe. "Não driblar e segurar. Driblar somente nas três situações: quebrar pressão, infiltrar para a cesta e melhorar o ângulo de passe" (Brown, 1987:21). O movimento do drible inclui ainda uma pequena condução da bola antes de sua nova impulsão. Tal condução aumenta o controle do atleta sobre a bola e diminui o tempo em que esta fica desprotegida. Pesquisas realizadas a partir de fotografias estroboscópicas mostram que a mão de um driblador eficiente fica em contato com a bola mais tempo do que se supõe, acompanhando-a não só em direção ao solo, mas também quando o seu movimento é para cima e portanto, mais lento. Este acompanhamento é registrado em 75% do tempo do drible alto. Como a intenção de um drible baixo é de obter maior controle da bola, a proporção de tempo de acompanhamento da mão do driblador é ainda maior (Hay, 1981:206). Esta constatação determina um tipo de movimento bastante específico, utilizado em situações limitadas e pré-determinadas.

Encontra-se ainda o drible aéreo que é o "poder de iniciar o drible batendo a bola no ar uma única vez, com uma das mãos, tocando-a novamente antes dela tocar o chão" (Melo Jr. 1940: 80). Esse movimento era basicamente utilizado frente a um jogador

de defesa, encoberto o com um "chapéu". A partir de 1981 esse movimento não é mais permitido pelas regras, porém, antes disso, já era raramente utilizado. As referências encontradas a esse movimento (Frymir, 1928; Melo Jr. 1940; Meissner & Meyers, 1940) é de que era realizado por jogadores com originalidade e ímpeto e que possuíam uma faculdade especial de domínio de bola. Todos esses autores são unânimes em dizer que o drible aéreo era facilmente interceptado, especialmente quando há mais de um jogador na defesa. Na literatura posterior a esse período, praticamente nenhuma referência é feita à esse tipo de movimento. O desenvolvimento e a padronização deste esporte dificilmente poderiam estar submetidos a gestos tão instáveis em sua eficácia. O treinamento técnico tem dado ênfase "a exercitação analítica que tem como objetivo específico, aumentar a força e a elasticidade dos principais músculos motores fixadores e equilibradores das principais ações motoras envolvidas em uma partida" (Trachelio, 1985:14). Com isso, a força de impulsão de um jogador pode facilmente, interceptar um drible aéreo, sem esquecer que a altura média de um jogador hoje, é muito superior a da década de quarenta. É preciso lembrar ainda, que os sistemas defensivos têm sido em muito aperfeiçoados, estruturando a equipe de forma a evitar esses lances originais.

Há diferentes tipos de passes no basquetebol. Entre eles, um dos mais utilizados é o passe de peito, executado com ambas as mãos e com uma trajetória direta. Apesar dessa descrição genérica identificar o gesto técnico conhecido de muito tempo, um detalhamento maior mostra algumas diferenças entre o movimento atual e o executado há anos atrás. Os comentários sobre esse tipo de passe na década de vinte (cf. Frymir, 1928) são bastante interessantes. Além de preverem uma trajetória curva ao movimento da bola, o que

é estranho à trajetória atual, apontam que deve ser raramente utilizado, já que sua coordenação não é natural. Ao contrário dessa previsão, esse é um dos passes mais utilizados no basquetebol, porém com alterações significativas ao longo do tempo. Dean afirma que "a correta posição das mãos sobre a bola exige que estas estejam estendidas sobre o eixo superior da bola e ligeiramente atrás. Com as mãos corrigidas, todos os dedos apontam para cima, menos os polegares que estão diretamente para a parte de trás da bola" (Dean, 1972:139). Acrescenta-se a isso, a previsão de que um impulso não é contido, gerando um passo a frente, como aponta Valdês (1967). Para o passe de peito atualmente recomendado, a descrição é outra. O passo, apesar de ser resultado de um movimento que pretendia ser forte, acaba ocasionando uma perda de tempo e de controle momentâneos e, portanto, não se torna recomendável para um esporte que é altamente dinâmico e que precisa de reações imediatas. Agora, "no passe, os polegares devem estar voltados para baixo, no momento final do passe. Não se deve passar e dar um passo à frente. Os polegares voltados para baixo dão à bola: maior velocidade, direção e precisão" (Brown, 1987:22). Com essa posição dos dedos, imprime-se à bola um giro que tem por objetivo, tornar o passe mais direto e eficiente. Um tipo de giro determinado que exige um movimento também determinado para a sua execução. "Com a maioria dos passes esse é um giro para trás que tende a diminuir o grau de velocidade com que a bola cai sob a influência da gravidade. Contanto que a quantidade de giro para trás não seja tão grande que faça com que o recebedor tenha dificuldade em agarrar a bola, a sua existência pode somente ser vista como desejável, pois permite à bola seguir uma trajetória ligeiramente mais direta do que seria possível de outro modo" (Hay, 1981:194). Dessa forma,

surgiu um novo movimento que se adapta melhor a esse novo objetivo.

Revisando os documentos de algumas décadas no basquetebol, encontram-se diversos tipos de passes, alguns desconhecidos na atualidade e outros muito pouco utilizados. Entre os primeiros está o passe tipo arremesso de peso. Sua descrição é a seguinte: "ao iniciar o passe, o jogador destro leva a bola com a ajuda da mão esquerda a uma posição próxima da orelha direita. Ao chegar a bola nesta posição, retira a mão esquerda, enquanto a mão direita e os dedos desta bem estendidos sustentam totalmente a bola. Ao iniciar o passe, o peso do corpo deverá cair sobre o pé direito com a mão esquerda estendida para exercer o contrapeso e o calcanhar esquerdo sem tocar o chão. Quando se está a ponto de realizar o passe, produzem-se todas as ações simultaneamente: adianta-se o pé esquerdo e o peso se distribui sobre o mesmo ao avançar; o braço direito envia a bola diretamente desde a posição anterior, soltando a bola com um ligeiro giro buscando lhe dar um efeito com a ponta dos dedos no último instante de contato" (Dean, 1972:144).

Há ainda os passes laterais, com uma ou duas mãos, nos quais esta(s) fica(m) abaixo da altura do cotovelo. O movimento da perna do mesmo lado do passe, acompanha o movimento em que este é realizado vindo para a frente. Em função das alavancas utilizadas e deste movimento ser realizado quase com o corpo inteiro, a precisão do passe é muito pequena. Ocorre ainda, o fato de que a bola fica desguarnecida na posição inicial deste lançamento, afastada do corpo, sendo facilmente interceptada pelo adversário. Entre as recomendações para o uso deste tipo de passe, consta que é especialmente bom para jogadores baixos (Frymir, 1928:52). Como tais jogadores são gradativamente afastados do esporte espetáculo, aliado as instabilidades já levantadas, esses passes acabam sendo

substituídos por outros mais eficazes, baseados em estudos mais aprofundados.

Outro passe hoje ultrapassado em seu uso, é o passe com duas mãos acima do ombro. Sobre ele encontra-se o seguinte comentário: "Este passe é útil quando as circunstâncias do jogo obrigam o atacante a mudar a bola que está controlada com as mãos, até um dos ombros na altura da orelha, como por exemplo, a bola recebida de costas para evitar a marcação estreita" (Valdés, 1967:153). A previsão do uso deste passe nesse tipo de situação já mostra uma limitação crescente em função de suas características. Algumas décadas antes de sessenta, os técnicos previam o uso generalizado deste passe, pois era facilmente executado, se ajustando a todos os jogadores (Frymir, 1928:153). Apesar de manter a bola em uma certa segurança, este passe tem um grau de precisão muito baixo, com a desvantagem de não ser de forte impulsão, não correspondendo a posição em que as alavancas dos membros superiores são mais efetivas. Os passes como este ou os anteriores, onde um dos braços passa a frente do corpo, acabam deixando de ser utilizados. Em função de sua ineficiência e pouco uso, tornam-se neste esporte, sinônimos de movimentos feios e desqualificados. É preciso ressaltar ainda, que tendo o basquetebol tal nível de eficiência e espetacularidade em sua profissionalização, a seleção dos atletas se torna mais rigorosa a partir desse nível que o esporte precisa manter. Assim, não são os movimentos que precisam se ajustar a qualquer tipo de jogador, como em 1928, mas o contrário. Agora são uns poucos jogadores que são escolhidos para executar estes padrões de movimento mais eficientes..

Entre os passes não mais utilizados, encontra-se aquele executado com uma mão em direção à lateral. Sua principal função

era possibilitar ao jogador sair de uma marcação, usando uma "finta". Projetava seu corpo para a esquerda e à frente e lançava a bola para a direita (Meissner & Meyers, 1940:11). Neste mesmo estilo e com a mesma finalidade, está o passe para trás ou para o lado, executado por sob o braço contrário, com ênfase no movimento de pulso (Frymir, 1928:66). Ambos os passes descritos acima, trazem a desvantagem de serem lentos e terem sua direção para fora do campo de visão do jogador executante. Essas características os colocam entre os de maior índice de perda da posse de bola. Na dinâmica do jogo atual, dificilmente estes passes deixariam de ser interceptados pelo adversário. Assim sendo, acabam por ser excluídos do jogo atual.

Existe também descrito na literatura o passe com duas mãos a frente do corpo e na altura do quadril. A descrição deste passe aponta para o tronco inclinado à frente no ato de passar a bola, sem um movimento destacado para os membros inferiores. A articulação principalmente responsável por este passe é a de ombro, que impõe à bola uma fraca impulsão e uma trajetória curva. Com estas características, a bola, ao percorrer uma distância média (recomendada para este tipo de passe) pode ser facilmente interceptada. O seu uso atual é muito pequeno, sendo restrito a curtas distâncias, quase mão à mão. Com essa mesma trajetória curva também pode-se encontrar na literatura, o passe com uma só mão por sobre a cabeça. A bola é levada atrás, quase com o braço estendido, passando em seguida acima da cabeça, dando início à trajetória. Essa posição preparatória do braço, além de inadequada para o início do movimento, dado que começa com um ângulo bastante grande entre os segmentos, ainda possibilita a perda da posse de bola com facilidade. Concentrando o movimento na articulação do ombro, sua

trajetória termina por ser curva. A utilização deste passe no basquetebol moderno é feita com alterações. A angulação inicial entre braço e antebraço é de no máximo 90°, concluindo o movimento com uma quebra do pulso que imprime à bola uma rotação sobre si mesma, tornando-a mais difícil de ser interceptada e diminuindo a ação da gravidade. Mesmo com essas novas características, seu uso vai deixando de ser recomendado. As situações de contra-ataque que exigem passes de longa distância eram aquelas em que este passe era o mais utilizado. Brown (1987) recomenda que mesmo para o contra-ataque, o passe por cima da cabeça com duas mãos deve ser o escolhido, não só em função do controle de bola que possui, como da força e precisão que é capaz de obter pela soma de vetores de ambos os braços.

A preferência pelo uso das duas mãos é observada também no passe picado. É comum encontrar-se descrições (Meissner & Meyers, 1940; Martins, 1968) deste passe sendo executado com uma única mão; situação que não pode ser captada atualmente, nem na literatura, nem na observação empírica. Especialmente com uma mão, era tido como um passe lento, concentrando o movimento na articulação do cotovelo. Duas alterações na situação de jogo fazem com que não seja mais utilizado. A posição recomendada como ideal para os jogadores de quadra, especialmente para os de defesa, é mais baixa, com uma flexão mais acentuada nos joelhos. Nessa posição, frente a um passe picado lento, o jogador pode interceptar a bola com facilidade. "Os jogadores da defesa, tanto no futebol americano como no basquete, geralmente usam posições de maneira a localizarem a linha de gravidade próxima do limite posterior de sua base de maneira a poderem facilmente responder ao movimento de seu adversário" (Hay & Reid, 1985:129). Acrescenta-se a isso, o fato dos

estudos científicos terem apontado a articulação de pulso como a mais efetiva para estes movimentos. Desta forma, subsistiu o passe picado com duas mãos, acrescido deste movimento de pulso que imprimiu uma força maior à bola, tornando o passe mais rápido. A recepção deste passe também é alterada. O jogador que recebe a bola deve avançar com a perna do lado mais próximo ao jogador adversário, protegendo a bola. A posição dos dedos para receber a bola deve ser a de tê-los voltados para baixo, facilitando sua apreensão (cf. Cunha, s/d).

A escolha dos tipos de passes mais executados atualmente, tem uma influência direta das pesquisas realizadas na área da biomecânica. Estes novos conhecimentos determinam os movimentos a serem executados para a obtenção de um rendimento maior. "Como o êxito depende em grande proporção de se completar as ações envolvidas antes que a defesa possa reagir ou interceptar o passe, é importante que se dê prioridade às forças musculares que podem ser exercidas mais rapidamente. Assim, as forças musculares que produzem a flexão dos dedos, a flexão do punho e a extensão do cotovelo devem ser as primeiras a serem recrutadas. Somente quando essas forças são insuficientes (como por exemplo, quando é necessário um passe longo para iniciar um contra-ataque rápido), devem ser utilizadas as forças disponíveis mas menos rápidas do tronco e das pernas" (Hay, 1981:193). Essas constatações são definitivas, não só para a escolha dos passes, como para as alterações nos próprios movimentos, como se observa nos jogos atuais.

Os arremessos à cesta também sofrem diversas alterações, sendo que alguns são excluídos. Entre os excluídos, encontra-se o lançamento com as mãos iniciando o movimento à frente do corpo (na altura do quadril), com ambas as pernas flexionadas, o tão conhe-

cido arremesso tipo lavadeira era considerado o mais natural dos arremessos (Frymir, 1928). O argumento utilizado pela autora para tal qualificação, é de que esse movimento é realizado com a flexão dos braços, o que para ela é preferível aos movimentos de extensão, utilizados pelos demais arremessos. Esta autora aponta ainda, para o fato de que "um número menor de músculos também menores são usados na execução do tiro, tornando-o de maior controle e precisão" (Frymir, 1928:74 e 75). A descrição deste tipo de arremesso vai sofrendo alterações com o decorrer dos anos, até encontrar-se observações do tipo: "Este tiro parece estar perdendo a difusão, a não ser nos tiros livres. É um tiro natural, o que é motivo para que se utilize mais do que qualquer outro dos tiros livres. Seu emprego atravessa um declive porque é facilmente obstruído" (Dean, 1972:175). A avaliação deste último autor, consegue captar uma situação específica e real do esporte naquele período. Com o avanço da dinâmica de jogo, a movimentação da defesa torna-se mais eficaz e consegue, com mais facilidade, a posse da bola, seja tomando-a ou interceptando-a. O que este autor não percebe, apesar de detectar o declínio no uso deste tipo de arremesso, é que o próprio movimento já sofre alterações buscando superar essas deficiências. A descrição do arremesso tipo lavadeira por este autor, mostra a alteração na posição das pernas, sugerindo que o jogador coloque uma a frente da outra para obter mais equilíbrio e ainda, apontando a necessidade de voltar os dedos para baixo em volta da bola, para lhe empregar um movimento de rotação no ato do arremesso. Estas alterações porém, não são suficientes para evitar o desaparecimento deste tipo de arremesso, apesar da importância que o autor atribuía ao fato dela ser natural. O período de espetacularização pelo qual o basquetebol passa, após essa data, tem o subsídio da

ciência e esta aponta para outro tipo de movimento mais eficaz.

A literatura mais antiga aponta para a existência de outros tipos de arremessos executados com duas mãos, que atualmente não são mais utilizados. Encontra-se o arremesso com duas mãos executado acima da cabeça, com uma mecânica próxima ao passe do mesmo tipo. É recomendado especialmente quando o jogador de defesa for mais baixo do que o arremessador (cf. Frymir, 1928). Seu uso já nesse período, não era grandemente recomendado, por ser lento e facilmente interceptado (cf. Meissner & Meyers, 1940). Outro desses arremessos não mais executado, é o lateral com duas mãos. Era um arremesso recomendado quando o jogador estava próximo a linha lateral e sem possibilidade de executar um jump. Em função dessa localização em quadra, tanto o movimento do arremessador, como a trajetória da bola são na diagonal. O arremesso inicia com a bola ao lado do quadril, sendo impulsionada simultaneamente, pela extensão dos braços e pelo giro do tronco. Este último giro ocorre em função da posição inicial do jogador não ser voltada para a cesta, necessitando inclusive que a perna mais próxima a ela, esteja um pouco a frente da outra (cf. Frymir, 1928). A dificuldade na execução deste tipo de arremesso só parece ser superada pela dificuldade de atingir alguma precisão e eficácia com ele. Como seu uso só é recomendado em situações em que não haja outra possibilidade, seu pequeno rendimento já devia ser percebido na época, o que pode ser comprovado na literatura imediatamente posterior, que sequer o referencia.

O arremesso com duas mãos na altura do peito ainda pode ser visto no basquetebol atual, porém, com rara frequência. Esse arremesso era fundamentalmente executado com a bola partindo da altura do peito e passando a frente dos olhos em direção à cesta,

impulsionada pela extensão dos braços, num movimento circular à frente do corpo e produzindo uma trajetória curva depois de lançada. Era um arremesso recomendado para médias e longas distâncias (cf. Frymier, 1928). Outras observações são encontradas a respeito desse tipo de arremesso e que levantam questões importantes para a discussão. Dean faz algumas observações sobre o seu uso nos Estados Unidos. "Este vem sendo a rigor, o mais executado pelas equipes, exceto aquelas que empregam o arremesso com uma mão como sendo sua arma principal (...). A correta posição dos pés vem sendo imposta pela sensação de naturalidade que experimenta o jogador. Se o estilo do leste, com os pés juntos lhe parece mais natural do que o do oeste (pés separados), então esta deve ser a forma correta para o jogador em questão" (Dean, 1972:171 e 172).

O uso dessa expressão "natural", é comum na literatura esportiva de décadas atrás. Isto denota o quanto o gesto esportivo ainda tinha espaço para movimentos mais individualizados, segundo o gosto e a escolha dos seus praticantes. O desaparecimento desse tipo de expressão se dá, concomitantemente, à necessidade mais acirrada de novos padrões de eficiência para os movimentos. A pesquisa científica que sustenta esses novos padrões de eficiência restringe cada vez mais essa individualidade na escolha dos gestos a serem executados, como pode-se perceber em outros esportes além do basquetebol.

O arremesso de gancho também apresenta em sua história, algumas alterações. O que parece ser mais significativo, é o fato de se encontrar referências a este tipo de arremesso com duas mãos (cf. Meissner & Meyers, 1940). No arremesso executado atualmente, encontra-se movimentos antes inexistentes. Um deles é o uso da flexão da perna contrária ao pé de impulsão, auxiliando na altura

atingida no salto. Há ainda a indicação do giro do corpo no ar, simultaneamente ao lançamento da bola, caindo de frente pra a cesta e tendo com isso, maior precisão no arremesso (Cunha, s/d:28). Aparecem novas características no gesto esportivo, que o tornam mais adequado a um esporte que precisa apresentar índices de rendimento mais elevados. Recomenda-se para isso, movimentos novos, tendo por base, estudos científicos detalhados. Neste caso, "chegando perto do ponto mais alto de seu vôo ascendente, ele se encontra numa posição característica de arremesso - corpo totalmente estendido, ombros altos e a bola sobre a cabeça. Desta posição ele flexiona seus joelhos de tal maneira que suas pernas ficam perto da linha horizontal assim que ele atinge o ponto mais alto de seu salto, abaixando-as assim que começa a fase descendente (...). Em resumo, o jogador literalmente pára no ar. Se, além desse movimento das pernas, o jogador ajustar as posições das mãos e da bola, a distância que o centro de gravidade abaixa ou levanta dentro do corpo é aumentada e o espaço de tempo em que o corpo pára no ar é aumentado" (Hay & Reid, 1985:121 e 122).

Outro dos arremessos não mais encontrado neste esporte é tiro inglês. Arremesso executado com uma única mão ao lado do ombro do mesmo lado, cotovelo flexionado à frente e levemente ao lado, de onde a bola é empurrada ou lançada em direção a cesta. Era considerado um "explêndido tiro para ser usado na sequência do dribble" (Frymier, 1928:83). Nas descrições deste tipo de arremesso encontradas na década de quarenta, ele apenas é recomendado para quando o arremesso for executado próximo à cesta e não mais a médias distâncias como anteriormente. Porém, a mecânica do movimento permanece sendo a mesma, centralizando o arremesso na articulação do cotovelo, estando a bola ao lado do ombro. Na literatura poste-

rior a esse período, não há mais referências ao tipo inglês. Os arremessos com uma única mão na lateral, são completamente diferentes, aproximando-se do tipo conhecido atualmente.

O arremesso com uma única mão descrito na literatura das décadas de cinquenta a setenta, apresenta um movimento diferenciado deste descrito acima. A posição da bola passa a ser ligeiramente acima e a frente do ombro, sendo que a outra mão auxilia na sua sustentação. Diferentemente daquele movimento descrito por Frymier em 1928, o braço deve ser estendido verticalmente e de nenhuma forma com propensão à lateral (cf. Dean, 1972). Esta autor comenta que "em 1928, Coleman Griffith da Universidade de Illinois predisse que dentro de poucos anos, o arremesso com uma mão só ultrapassaria o arremesso com duas mãos. Naquela época, o atual estilo de arremesso com uma mão já era empregado. Supõe-se que Coleman baseou seu prognóstico no aspecto psicológico, pois é necessário menos ajuste e coordenação na execução do arremesso com uma mão. Seu prognóstico só se concretizou quanto ao basquetebol da Costa do Pacífico. A equipe da Universidade de Stanford nunca marca mais do que três ou quatro cestas com arremessos de duas mãos. Os preparadores da Costa do Pacífico consideram que o arremesso com uma mão é muito mais preciso e que o tem adotado completamente. Em outras partes da Nação, o estão adotando a marcha forçada" (Dean, 1972:168). Estas observações podem ser de grande importância para a análise que se pretende. Delas se depreende que Dean era capaz de perceber o fato de que, pouco a pouco, o arremesso com uma só mão iria suplantiar os demais, na medida em que registrou as idéias de Coleman e se dispôs a justificá-las. Porém, não foi capaz de perceber o quanto a precisão deste tipo de arremesso ditaria o seu uso quase exclusivo na atualidade. A produção científica no perío-

do histórico deste autor, apenas indicava as vantagens e facilidades deste tipo de arremesso, sendo possível inclusive compreender esta sua nova afirmativa: "existem três estilos geralmente empregados de arremessos livres, quais sejam o arremesso por baixo, o arremesso com uma mão e o arremesso de peito com ambas as mãos. Há discrepância de critérios sobre qual é o melhor método. De novo as atitudes individuais e a naturalidade da execução serão o fator determinante" (Dean, 1972:176). Apesar desta sua afirmativa já apontar para uma diminuição no número de possibilidades a escolher, indica dois tipos de movimentos praticamente inexistentes no basquetebol atual. Mais do isso, o terceiro tipo de arremesso com uma só mão - é hoje diferente daquele descrito pelo autor.

Sobre os arremessos, em função do papel de destaque que ocupam no jogo, há todo um estudo científico detalhado a respeito. O sucesso do arremesso é fundamentalmente mais importante, do que em qualquer outro gesto esportivo realizado no jogo. Para tanto, os estudos que tratam da trajetória da bola e do ângulo de entrada na cesta são metódicos. Indicam que "parece razoável sugerir que um ângulo de soltura entre 49° e 55° provavelmente irá fornecer ao arremessador uma maior possibilidade de sucesso do que qualquer ângulo fora destes limites. (...) está claro que ângulos ótimos de soltura geram trajetórias com um arco pequeno invés de um arco médio ou arco alto defendido por muitos escritores do assunto" (Hay, 1981:199). Apenas os arremessos que podem se adequar a tais recomendações passam a ser incentivados e executados, não sendo o caso de dois dos arremessos citados por Dean.

O movimento recomendado e sustentado pela pesquisa biomecânica mais atual, inclui a bola situada no centro do corpo e acima da cabeça, concluindo o arremesso com a extensão completa do

braço, a flexão do pulso e o último contato com a bola, sendo feito através da ponta dos três dedos médios da mão (Cunha, s/d:28). Há um detalhamento minucioso do gesto esportivo, com uma justificativa para cada um dos movimentos que se traduzem em recomendações para todos os jogadores indiscriminadamente, como aponta Brown, em relação ao lance livre: "O jogador deve fazer o seu ritual, ter os ombros alinhados com a tabela, pés um à frente do outro, cotovelo apontado para a cesta e acima da linha dos olhos. Não tirar o pé atrás do chão" (Brown, 1987:24). O jogador não tem as possibilidades de escolha apontadas por Dean em 1972, na medida em que este movimento descrito acima, é o único encontrado em toda a literatura atual e utilizado com exclusividade nos jogos. Sua execução é descrita e treinada minuciosamente, não considerando as atitudes individuais e a naturalidade que eram fatores determinantes há décadas atrás. O que se constitui efetivamente como determinante, é a eficácia que o gesto esportivo ditado cientificamente é capaz de obter, suplantando quaisquer outros argumentos, inclusive aqueles que o próprio jogador poderia ter.

Um outro gesto esportivo que chama a atenção no basquetebol é o rebote. Esse movimento de tomar posse de bola após um arremesso, tem poucas referências na bibliografia mais antiga. As observações a respeito são genéricas, restringindo-se a dizer que "um jogo melhor é possível, se as garotas forem instruídas sobre quando e como saltar, para, no ar, segurar a bola" (Frymier, 1928:104). A não existência da tabela e do garrafão naquele período e o desenvolvimento ainda inicial do esporte, tornava quase que indistintos os saltos de início de jogo ao centro (em implantação); o salto para a recepção de um passe ou um salto após o arremesso. A importância dada a este movimento e suas especificidades

só parece surgir no final da década de cinquenta. "Quando se efetua o arremesso, o jogador de defesa se vira e fica olhando a cesta. Se volta no trajeto do jogador e vigia, tanto o que ocorre com a bola, como as intenções do adversário, utilizando um bom movimento de cabeça (...). Quando a bola bate na tabela, deverá saltar e pegá-la no ar e no ponto máximo de elevação. Deve direcionar-se quando saltar e cair com os pés bem assentados, os joelhos dobrados e sustentando bem a bola com os braços estendidos a frente" (Dean, 1972:269 e 270). Tanto a atitude do jogador que busca o rebote, como o gesto por ele executado, parecem profundamente alterados na forma atual.

Autores mais recentes fazem observações interessantes a respeito deste gesto esportivo. Para Marques, "a luta e a disputa pela bola no rebote é no jogo de basquetebol a sua parte mais dura e ao mesmo tempo mais perspicaz. Nem sempre, na disputa de um rebote, levará vantagem aquele jogador que saltar mais ou que porventura seja mais alto (...). Mas de nada valerão essas duas virtudes, se o atleta ainda não dominou toda a sua técnica e todas as nuances que o movimento exige" (Marques, 1980:37). Esse autor salienta que há três coisas a transmitir para transformar os jogadores em excelentes "reboteiros" - a técnica, o trabalho em conjunto e a malícia. Há portanto, uma nova conotação para este gesto esportivo no basquete atual. As qualificações de luta e disputa para o momento do rebote, parecem ser adequadas para o que ocorre em quadra, mas o que precisa ser destacado é que esta violência não é circunstancial, proveniente do calor do momento. Ao contrário do que se quer fazer crer, o gesto esportivo ensinado e praticado, vai sendo paulatinamente alterado, apresentando hoje componentes que determinam esta situação de violência. Isto pode ser percebido

em algumas características que o rebote apresenta. "Ataque a bola com determinação e vontade; queda ao solo com proteção total da bola; cotovelos abertos lateralmente; pernas afastadas; tronco ligeiramente flexionado" (Marques, 1988:37). Nesse novo gesto, a proteção à bola ganha destaque. Não mais a frente, com os braços estendidos, mas próximo ao peito e tendo o tronco flexionado. A necessidade de escores mais alto e em especial, de obter a vitória, torna-se cada vez mais forte. Mas é a posição dos cotovelos e das pernas que chama mais a atenção nesse gesto. A recomendação de manter as mãos para o alto na queda é completamente superada, mesmo permanecendo a interpretação da regra sobre o espaço cilíndrico que o jogador teria direito de ocupar. Descer com os cotovelos abertos pode provocar uma falta, inclusive com sérias lesões corporais. Apesar disso, esse é o movimento corporal determinado pelos técnicos e executado pelos jogadores, fazendo com que o modo da agressão física determine o afastamento dos demais jogadores das proximidades daquele reboteador, o que por sua vez, acaba incentivando-o a repetir tal movimento.

A regra mostra sua impotência perante os novos objetivos deste esporte, que forma em seu interior, uma nova relação entre os indivíduos, a partir de novas regras morais.

Outro exemplo nesse sentido, são as recomendações da movimentação dos jogadores de defesa, após o rebote: "depois do arremesso, estabelecer contato com o atacante, de frente ou de costas e depois partir para o rebote. Pode provocar muitas faltas; ou: após o arremesso, o defensor recua dois passos e aguarda a ação do atacante. Aí ele bloqueia de costas. O passo atrás é dado com a perna atrás, sem cruzar o passo" (Brown, 1987:23). A eminência de cometer falta no ato do rebote é suplantada pela neces-

sidade de aumentar o rendimento a qualquer custo.

Outros autores são mais explícitos no que se refere a atos desse tipo, recomendando aos atletas abertamente, que eles devem "procurar provocar faltas nos homens altos do adversário para que o técnico seja obrigado a substituí-los" (Vidal, 1987:11). Essa recomendação é encontrada também em Monsalve (1986), o que levanta uma outra questão. As atitudes de competitividade abusiva e agressão anteriormente coibidas, buscando sua punição através do regário esportivo, passam hoje a ser utilizadas como recursos táticos. Estas atitudes antes condenadas, tornam-se qualidades dos atletas, exploradas sistematicamente pelos considerados grandes técnicos, com vistas a obtenção de um padrão de eficiência cada vez maior. Na medida em que estes gestos passam a ser treinados sistematicamente e recomendados insistentemente, apesar da consciência do grau de risco da situação, há indicações de que novas características corporais são criadas e um novo padrão de moral adquire reforço cotidiano. É provável que estes sejam exemplos das "nuances" do movimento e de malícia necessários a um excelente jogador, que Marques citava anteriormente.

3.1.3. As alterações nas táticas:

No estudo de um esporte coletivo como o basquetebol, há ainda algumas questões a serem levantadas, no que se refere as táticas de ataque e defesa propostas. A referência mais antiga encontrada a respeito, é bastante pobre e genérica, deixando perceber o baixo grau de importância das táticas para aquele momento do esporte. A referência encontrada é a seguinte: "o jogo simples tem provado ser o de maior sucesso. Maiores complicações no jogo acarretam uma maior oportunidade para os jogadores esquecerem o necessário ajustamento. Se um jogo complicado for utilizado, haverá um maior tempo e maiores oportunidades para a defesa fazer intercepções" (Frymier, 1928:133). Era ainda, uma forma simples de prática do esporte, baseada quase que exclusivamente na jogadas individuais, não apresentando grandes pretensões de performance. Na década de quarenta, surgem elementos de tática que apontam para o alto grau de dinamicidade e planejamento encontrados no esporte atual. Algumas expressões inclusive, são as mesmas utilizadas até hoje, ainda que os movimentos indicados por elas sejam diferentes. Naquele estágio do esporte, "era impraticável utilizar a defesa zona ou a defesa homem a homem isoladamente. A mais efetiva defesa era constituída da combinação destas duas formas" (Meissner & Meyers, 1940:81). Em relação as táticas ofensivas, as referências parecem se limitar ao domínio individual dos princípios básicos do esporte, destacando o bom passe como uma característica de um bom time ofensivo. As recomendações para organizar uma ofensiva contra a defesa zona, limitavam-se a recomendar o uso de passes curtos, como sendo os de mais difícil intercepção.

Outro autor desse período, comentando sobre as alterações das regras e as suas influências sobre a defesa no basquetebol, apresenta uma perspectiva diferente. "Desde a supressão do salto central em 1937, o basquetebol tende a buscar a velocidade sobre todas as coisas. Alguns treinadores denominavam este tipo de jogo veloz basquetebol sem defesas. A expressão pode ser interpretada em dois sentidos. Primeiro, que o jogo está tão veloz que nenhuma defesa consegue controlá-lo. E segundo, que a marcada preferência do público pelo tipo de basquetebol ofensivo, jogado continuamente sobre a quadra, torna desnecessária toda a defesa" (Bee, 1955:21 e 22). Esse autor, quando questionado sobre os perigos para a saúde do jogador, que após as mudanças de regras em 1932 e 1936 correm a quadra toda, argumenta utilizando a ciência: "Os médicos têm demonstrado, por sua parte, que só se trata de uma questão de treinamento; com efeito, se os jogadores alcançam um alto grau de preparação física, podem suportar a velocidade do jogo, eliminando seus efeitos prejudiciais" (Bee, 1955:22). É possível considerar situações como essa, não só como indícios de que a ciência passa a justificar atitudes e comportamentos nos esportes, como o próprio basquetebol começa a se voltar para o público, secundarizando o jogador. Gladman, contemporâneo desses autores, mostra uma posição contrária, ao discutir táticas que dinamizem o jogo. Ele acredita que "toda atuação que obrigue a sofrer desgaste físico e prejuízo orgânico, não é uma exaltação da cultura física, sim o uso inadequado de algumas faculdades, sempre limitadas, que se põem a serviço de um espetáculo antes do que da saúde do corpo e da mente" (Gladman, 1953:09 e 10).

Na atualidade, dificilmente se encontraria questionamentos desse tipo. Os sistemas de ataque e defesa atingem um tal grau

de complexidade, que levam em consideração dezenas de componentes na sua escolha e montagem. As características morfológicas de cada atleta do time, seus graus de habilidades em cada fundamento do esporte, suas características psicológicas, o grau de entrosamento do grupo, o tipo de público, época e etapa da competição, os adversários e a arbitragem, entre outras coisas.

Nem tanto o número de sistemas é surpreendente, como o grau de previsão nas suas escolhas, levando a treinar uma jogada de ataque para cada tipo de defesa e uma defesa diferente, para cada sistema de ataque, o que faz lembrar um jogo de xadrez em novas dimensões. "Tudo que se faça na quadra tem que ser preparado; que não ocorra por acidente, mas sim porque estava previsto. Isso só se consegue com repetição, perseverança e trabalho duro" (Carneseca, 1980:55).

A compreensão dos técnicos sobre os fatores a serem considerados na escolha das táticas de seu time, levanta algumas questões interessantes, como se percebe no depoimento de Neal Baisi, técnico do Instituto Tecnológico do West Virginia. "Uma das vantagens dos sistemas defensivos de pressão, seja de zona, seja individual, reside em sua potencialidade econômica. Especialmente a zona-pressão é uma tremenda atração de público. Se ela é utilizada corretamente, pode não ajudar a ganhar, porém despertará a fantasia dos espectadores. Quando comecei a desenvolver e a utilizar a zona-pressão, a concorrência a nossos jogos se elevou quase tanto quanto o score da equipe (mais de 100 pontos por jogo). Isto proporcionou a nossa instituição, bem como à cidade e ao estado, uma grande publicidade em todo o país" (Baisi, 1980:34). O comentário deste técnico, aponta a importância que o fator econômico passa a ter na determinação da tática escolhida para um equipe.

Este exemplo mostra especificamente, a escolha de um sistema defensivo que privilegia o espetáculo para o público pagante. Isso pode ser observado também nas escolhas dos sistemas de ataque, como se percebe na opinião de Primo, técnico da seleção italiana na década de oitenta, considerada como uma das melhores do mundo. Para ele, "o desenvolvimento desta tática - o contra-ataque - torna muito mais brilhante o jogo em qualquer equipe e fascina os jogadores e o público..." (Primo, 1980:23).

Juntamente com esse caráter de espetacularidade buscado pelos técnicos e talvez, mantendo também uma relação com esse caráter, as características psicológicas da equipe são ponto importante na escolha das táticas. Características estas que tornam-se tão marcantes, a ponto do processo de escolha de novos jogadores as tomar como condição prévia, ou a ponto de induzirem os jogadores a se comportar de acordo com elas. A agressividade pode ser um bom exemplo nesta questão, como se observa na equipe da Universidade do Kentucky, campeã norte-americana 77/78, segundo as palavras de seu técnico: "Em Kentucky nós jogamos um basquetebol muito agressivo; nós pensamos que o treinamento dos jogadores jovens de hoje, é positivo no novo estilo de vida; é criativo no método e agressivo. Os nossos jogadores gostam de contra-ataque e, por isto, preferem uma defesa que, por sua vez, ataque o adversário. Nós queremos ser agressivos em ataque e defesa. Por esta razão, a defesa principal do Kentucky é uma defesa homem a homem" (Hall, 1980:38). Como se observa, a agressividade é assumida explicitamente, enquanto uma marca registrada da equipe e, implicitamente, nos sistemas de ataque e defesa que escolhe.

O trabalho de treinamento realizado profissionalmente, é amparado nas pesquisas realizadas nos vários setores relacionados

ao esporte. Tal processo acaba determinando até os pormenores da prática esportiva, no que se refere também às táticas de ataque e defesa. A equipe do Kentucky pode bem exemplificar tal situação. O sistema de defesa é uma combinação da defesa homem a homem, com a defesa por zona. A formação da defesa por zona é 1-3-1 (um homem a frente, três lado a lado na "boca" do garrafão e um abaixo da cesta). Dentro desse tipo de defesa por zona, dependendo do tipo de jogo, eles a utilizam de três maneiras: 1ª) com trap (cilada) fora e dentro dos quatro ângulos; 2ª) com trap só na zona externa; 3ª) sem trap, antecipando-se na linha do passe. Em cada uma dessas maneiras, o técnico faz um detalhamento das responsabilidades de cada um dos jogadores, a ponto de determinar seu comportamento a partir de cada uma das opções de jogada que os adversários possam realizar. Chega inclusive, a determinar as situações em que um dos jogadores da defesa deve provocar pânico no adversário com posse de bola, e quais os gestos e movimentação que devem ser feitos para atingir tal efeito (cf. Hall, 1980).

A mecânica de funcionamento dos sistemas de ataque e defesa, talvez seja o componente do basquetebol que deixa perceber com maior clareza, os novos objetivos deste esporte e, paralelamente, os novos movimentos e relações existentes em seu interior. Esta compreensão aponta no sentido de que a abstração e a quantificação passam a predominar também no interior deste esporte.

3.1.4. As alterações no treinamento:

O basquetebol, para atingir esse padrão de eficiência, tem apresentado alterações em seu processo de treinamento ao longo dos anos. Mesmo na década de sessenta, quando este esporte já gozava de certo destaque e a profissionalização de seus jogadores era um fato, o treinamento apresentava outras características e pretensões.

A periodicidade dos treinos era de uma sessão semanal, sendo duas considerado o número ideal, com uma duração média de 80min cada. A primeira parte da sessão de treinos, com um tempo de 30 a 40min, era destinada ao aperfeiçoamento do estilo e dos arremessos. Consistia de exercícios preparatórios dos fundamentos do basquetebol, executados em colunas, fileiras, círculos ou pequenos jogos semelhantes a este esporte. A parte seguinte da sessão era de treinamento tático, com 15 a 20min de duração, onde se fazia o estudo das combinações táticas e pequenas partidas de aplicação. As combinações eram estudadas no quadro negro, depois na quadra de basquete; primeiro sem adversário, em seguida com adversário passivo e por último, com adversário ativo. A última parte da sessão, com 30min, consistia na preparação física, que utilizava a ginástica educativa como único meio para chegar ao desenvolvimento completo e harmonioso do jogador, compensando a repetição contínua dos mesmos gestos e do uso dos mesmos grupos musculares. Durante a temporada, uma sessão semanal de 20 a 30min era considerada como suficiente (cf. Valdés, 1967).

Este tipo de treinamento, apesar de mostrar um nível de exigência inferior ao atual, representava um trabalho de sistema-

tização e aprofundamento científico que se acirra a cada ano. Os técnicos das equipes de maior destaque, representaram um papel importante nas alterações que o treinamento sofreu neste período. "O Comitê de Pesquisa da Associação Nacional de Preparadores de Basquetebol tem levado a cabo um excelente trabalho nos últimos anos, ao incorporar a pesquisa nos problemas do basquetebol (...). As maiores mudanças no jogo nos últimos anos obedecem a intervenção desse grupo" (Dean, 1972:338). Se até aquele momento a pesquisa voltada para o basquete era feita por Associações e Universidades, essa configuração não se confirma na atualidade, com o evidente investimento dos clubes-empresas, das indústrias de material esportivo e dos demais patrocinadores.

O processo de treinamento tem, conseqüentemente, características diferenciadas deste período anterior e que podem ser percebidas, tanto na duração, como no próprio conteúdo do treinamento. Para atingir o nível de desempenho necessário aos novos objetivos que se impõem ao esporte e a nova fundamentação científica que contribui para com esses objetivos, o treinamento atinge um nível de intensidade nunca visto.

Para Vidal, ex-técnico da seleção brasileira masculina, deve-se "treinar em ritmo mais forte do que se poderia encontrar nos jogos reais (...). Os treinamentos devem durar, pelo menos, seis vezes mais do que o tempo real de jogo. Deve-se treinar, no mínimo, 4 horas por dia e se possível, em dois períodos. A equipe não deve passar 24 horas sem uma atividade. Sempre programar algo, mesmo nos dias de folga (domingo)(...). Criar competição entre os jogadores. Esta competição cria um clima de maior tensão entre eles e isto leva a uma maior vontade de acertar. Conseqüentemente melhora o aproveitamento da equipe" (Vidal, 1987:11).

Em relação ao treino dos fundamentos do basquetebol, duas alterações se destacam. Não são encontradas recomendações dos técnicos para a utilização de atividades recreativas ou pequenos jogos, como na década de sessenta. O trabalho desenvolvido é marcado pela repetição das jogadas a serem utilizadas durante os jogos. A outra alteração diz respeito a forma de treino dos fundamentos do esporte. Encontra-se basicamente, o uso dos passes, dribles e arremessos sendo praticados durante o treinamento das jogadas de ataque e defesa, ou seja, incorporados a situações de jogo onde eles serão utilizados. Mesmo essas jogadas táticas são treinadas contando-se com jogadores de ataque e defesa, sem as etapas anteriores de treino isolado, como se pode observar no trabalho de Maria Helena Cardoso (1987), técnica da seleção brasileira feminina.

O trabalho de preparação física é, claramente, um novo trabalho. Não utiliza sistemas já existentes, como é o caso da ginástica educativa, adaptando-os ao esporte em questão. É um processo altamente diferenciado, pois considera-se que "o aquecimento específico é, quase que invariavelmente benéfico. As atividades que envolvam a coordenação e outros fatores educáveis diferenciam-se das atividades constituídas principalmente das funções fisiológicas puras, sendo as mais sensíveis à prática preliminar" (Rasch & Burke, 1977:496). Mas não só o aquecimento é diferenciado, baseado nas especificidades do basquetebol. Toda a preparação física dos jogadores tem um acompanhamento especializado e quase que individualizado. Considera-se que "a natureza complexa do basquetebol, com suas elevadas exigências físicas, mentais e táticas requer uma compreensão das diferentes exigências para se atingir padrões elevados de rendimento" (Barbanti, 1987:17). Segundo este autor, as exigências físicas e coordenativas do basquetebol, se-

riam a força de salto, força de sprint, agilidade, reação, resistência aeróbica, resistência de saltos, resistência de velocidade, flexibilidade, capacidade de controle motor, diferenciação motora, adaptação motora, combinação motora e equilíbrio motor, sendo que cada uma destas precisa ser desenvolvida no processo de treinamento.

Torna-se claro que, além de um grau de cientificidade mais elevado, o treinamento tem novos objetivos. Não mais o desenvolvimento completo e harmonioso do indivíduo como anteriormente, mas um padrão elevado de rendimento que precisa ser atingido, com vistas a ampliar sua espetacularidade e melhor colocá-lo no mercado.

Substimar os interesses e objetivos dos esportistas é um processo que se dá de forma ambivalente. No basquete, isso pode ser detectado com clareza, através do depoimento dos técnicos, especialmente aqueles ligados ao esporte espetáculo. Os jogadores são levados a manter um ritmo muito intensivo durante os treinamentos, mesmo que esta não seja sua disposição inicial. E ao técnico cabe exigir tal coisa, como comenta Baisi: "em qualquer manobra que se realize, espera-se 100% de esforço. A responsabilidade do técnico é a de cuidar para que isto se cumpra (...). Considero que um jogador não está totalmente cansado, até que caia no piso, sem forças para levantar-se só. Digo aos meus jogadores que somente estão cansados quando caem de cara no chão e não tem força para evitá-lo. Se você é um real competidor, não está necessariamente exausto somente porque não se sente cômodo. Mantenha-se ativo e recuperará seu ritmo respiratório. Aprenda a jogar estando cansado. Então, aí sim, será um jogador de basquete. Se pretendem formar uma equipe vencedora, então é necessário que trabalhem duro o

técnico e os jogadores" (Baisi, 1980:35 e 36). Diferentemente das formas explícitas de exigência no treinamento, os esportistas são levados subjetivamente a concordarem com esses procedimentos. De forma inquestionável, acreditam que o correto é submeterem-se a esse nível de intensidade e exigência, julgando-os indispensáveis. Assumem a necessidade de atingir a esses novos padrões de eficiência, acima de qualquer outro interesse e a qualquer custo.

A alteração nos objetivos observada nesta parte do treinamento esportivo, se estende a este esporte como um todo. O basquetebol é um bom exemplo das alterações nos esportes, criados no seio da economia de mercado e por ela também mercadorizado. Esse processo de mercadorização vai se processando internamente no esporte, no sentido de alterar as suas características de um produto não material. Muda o gosto esportivo, muda a conformação do esporte e as relações entre os esportistas, em função desses novos objetivos. Na mercadorização, ocorrendo basicamente através dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, faz com que a produção deste esporte seja direcionada pela mídia e tendo como subsídio para tanto, a produção das ciências aplicadas. "A mídia forma o gosto e, concomitantemente, reconstrói o desporto em um processo de causa-efeito onde tudo se faz conforme a determinação não dos homens que se movimentam, mas sim do mercado" (Ghiraldelli Jr, 1991:06).

Esporte de Rendimento

O "comercialismo" em torno do esporte, no final do século passado, indicava o início de um processo que assume grandes proporções na atualidade - a mercadorização do esporte e consequente mercadorização do movimento corporal humano que lhe é substantivo. A circulação de capital em torno da indústria cultural esportiva é expressiva perante o capital mundial. A mercadoria básica dessa indústria, o esporte espetáculo, é "insumo" de diversos processos produtivos. A amplitude do mercado do espetáculo esportivo, atinge uma grande quantidade de países, perfazendo bilhões de consumidores (espectadores). A quantidade de produtos veiculados através do marketing esportivo é significativa. O grau de profissionalização exigido dos esportistas e em especial dos atletas, é comparável ao nível de exigência de poucas categorias profissionais.

Todos esses aspectos do mesmo fenômeno apontam no sentido do "trato", das atenções especiais que o esporte espetáculo recebe em seu processo produtivo. O alto valor de-troca desta mercadoria exige um investimento sempre crescente, tanto na forma de sua produção, aprimorando-a, como em sua colocação no mercado, reproduzindo-a. Numa sociedade em que ocorre a subsunção real do trabalho ao capital, algumas alterações vão ocorrendo para melhor viabilizar esse feito. O processo de treinamento e de competições esportivas é alterado. O nível empírico e amador cede espaço para a profissionalização e a cientificidade.

A ciência e a tecnologia assumem a tarefa de aprimorar e reproduzir o espetáculo esportivo. A produtividade do treinamento e das competições é rapidamente aumentada. O investimento cientí-

142
fico ocorre, inicialmente, sobre a forma do produto, em sua materialização e reprodução. Essas são condições básicas para a ampliação de seu consumo e aumento da mais-valia.

O que vai ocorrendo, paralelamente (com a aproximação das ciências aplicadas e dos meios de comunicação de massa), é uma outra alteração, bem mais profunda. O movimento humano no interior do esporte vai sendo alterado. Com o respaldo da ciência e a exigência da popularidade, o gesto esportivo realizado é outro. Sob a alegação da necessidade de eficácia, de performance e de rendimento, se eleva o grau de espetacularidade do esporte, possibilitando sua melhor inserção no mercado, por um superior valor-de-troca.

Assim, portanto, novos objetivos que o esporte assume. Para melhor se adequar a eles, novas características corporais são geradas, novos padrões de eficiência em seus gestos, novos conceitos estéticos em seus praticantes e espectadores, novas relações entre as pessoas e novos moldes de comportamento. O esporte com esses novos objetivos é um fenômeno cultural com diferentes características mais próprias da forma mercadoria.

A natureza não material do movimento, do gesto esportivo, impunha limites a sua exploração na forma capitalista. Ao ser materializado, com vistas a sua exploração na forma mercadorizada, o movimento corporal humano não é mais o mesmo. É outro, realizado de acordo com novos objetivos e a partir de novos fundamentos científicos.

A mercadoria esporte espetáculo passa a ser um fetiche. Subordina os homens a seus interesses e moldes. Reforça o processo de reificação já existente na consciência humana. Substitui, a partir da sua difusão, o valor-de-uso pelo valor-de-troca, passando este último a ser o objeto da necessidade humana.

O fato do movimento corporal humano sofrer alterações no decorrer do seu processo de mercadorização, indica que a sua natureza não material impõe limites a este processo. Transformando-se, o movimento corporal humano, na forma mercadorizada, é um novo movimento.

Essa questão aponta para a necessidade de aprofundar o entendimento da categoria de produto não material. É possível tomá-la como eixo de estudos, na busca por compreender este fenômeno da cultura e, principalmente, por compreender o homem que se movimenta.

Outro ponto a ser melhor desenvolvido, é a análise das subjetividades dos homens envolvidos neste processo. Isso porque, na transformação do esporte em mercadoria, não ocorrem apenas mudanças objetivas de regras, gestos, táticas e treinamento. Ocorre, concomitantemente, mudanças subjetivas, relativas a conceitos de estética, a padrões morais, a possibilidades de expressão e comunicação, entre outras. Carece-se de uma análise que deveria englobar tanto as mudanças que ocorrem nos atletas, como nos praticantes de forma geral e nos (tele)espectadores do esporte. Este estudo, apresentado aqui na forma de dissertação, apenas indica tais mudanças, mas seu referencial não possibilita a realização de uma análise, restringindo-se as alterações objetivas relativas ao esporte.

A discussão sobre o fetiche do esporte espetáculo levanta outra questão interessante que mereceria um maior aprofundamento. Seria importante conhecer em que medida esta fetichização do espetáculo esportivo está instalada na sociedade, determinando a atividade dos homens que atuam em outros setores, mais distantes da indústria cultural esportiva. O trabalho escolar parece ser um bom

145
exemplo dessa ocorrência. A educação física, enquanto disciplina curricular, reproduz quase que integralmente o modelo do esporte espetáculo. A formação do profissional de educação física e a pesquisa realizada nessa área, têm se dedicado, prioritariamente, a discutir o esporte acriticamente. Essas questões parecem indicar a reificação dos homens perante o fetiche do esporte espetáculo e, por isso, mereceriam uma análise mais detalhada.

BIBLIOGRAFIA

- . ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In COHN, Gabriel (org). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1978.
- . ----- . Televisão, consciência e indústria cultural. In COHN, Gabriel (org). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1978.
- . ----- . Fetichismo na música e a regressão da audição. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril, 1980a.
- . ----- . Idéias para a sociologia da música. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril, 1980b.
- . ANDERSON, Forrest. El Baloncesto deporte atlético. Barcelona: Hispano-Europea, 1956.
- . ARNAUD, P. Pratiques et pratiquants: les transformations de la sociabilite sportive. Lyon: Presses Universitaires, 1986.
- . BAISI, Neal. Treinando defesa pressão e individual. In Caderno Técnico-didático de Basquetebol, MEC/DDD: Brasília, 1980.
- . BARBANTI, Valdir. Trabalho realizado com a seleção brasileira masculina como preparativo para a disputa dos X jogos pan-americanos - 1987. Boletim Técnico da Brasteba, São Paulo, nov/87.
- . BARBOSA, Wilmar do Valle. Para repensar a questão da técnica. Rio de Janeiro: Rev. Filosófica Brasileira/UFRJ, vol IV, nº 02, out/88.
- . BEE, Clair. Basketball. Buenos Aires: Paidós, 1955.
- . BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril, 1980.

- . BOSI, Alfredo. Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.
- . BOSI, Eclóa. Cultura de massa e cultura popular. Petrópolis: Vozes, 1986.
- . BRACHT, Valter. Esporte-Estado-Sociedade. Campinas: RBCE/CBCE, vol 10, nº 02, jan/89a.
- . ----- . Educação física: a busca da autonomia pedagógica. Maringá: Rev. da Educação física/UEM, vol 01, nº 0, 1989b.
- . BROWN, Dale. Fundamentos: considerações gerais. Boletim Técnico da Brasteba, São Paulo, nov/87.
- . CAGIGAL, José Maria. Oh, deporte! anatomia de un gigante. Valadolid: Minon, 1981.
- . CARDOSO, Maria Helena. VIII estágio sul-americano de técnicos em basquetebol. Boletim Técnico da Brasteba, nov/87.
- . CARNESECCA, Lou. Notas sobre a clínica de Lou Carnesecca. In Caderno Técnico-didático de Basquetebol, MEC/DDD: Brasília, 1980.
- . COMAS, Manoel. Baloncesto: más que un juego. Madrid: Gymnos, 1991.
- . COMISSÃO PRÓ-OLIMPIADA 2000. Olimpíada: que? quem? como? quando? onde? porque?. Brasília, 1991.
- . CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. Regras oficiais de basquetebol 1989-92. Rio de Janeiro: Sprint, 1989.
- . CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. Alterações das regras 1990 - 1994. 1990, mimeo.
- . CUNHA, Renato Brito. Iniciação ao basquetebol. Rio de Janeiro: Grupo Pão de Açúcar, s/d.
- . DEAN, Everett. El baloncesto: tecnica y estrategia. Barcelona:

- Hispano Europea, 1972.
- . DUARTE Marcelo. Almanaque do Basquete. Rev. Placar, São Paulo:Abril, 1986.
 - . DUMAZEDIER, J & outros. Olhares novos sobre o desporto. Lisboa:Compendium, 1961.
 - . FAUSTO, Boris. História geral da civilização brasileira. São Paulo:Difel, v. 11, 1986.
 - . FEIO, Noronha. Desporto e política. Lisboa:Compendium, 1978.
 - . FRYMIR, Alice. Baskett ball for women. New York:Barnes and Company, 1928.
 - . FRACCARDI, José Luiz. Biomecânica: análise dos movimentos. Rio de Janeiro:Cultura Médica, 1981.
 - . GIANNOTTI, José Arthur. Trabalho e reflexão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
 - . GLADMAN, George. Baloncesto. Barcelona:Sintes, 1953.
 - . GOLDMANN, Lucien. Epistemologia e filosofia política. Lisboa:Presença, 1978.
 - . ----- . Consciência possível e comunicação. In COHN, Gabriel (org): Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1978.
 - . ----- . Dialética e cultura. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.
 - . GORZ, André. Crítica da divisão do trabalho. São Paulo:Martins Fontes, 1980.
 - . GHIRALDELLI JR, Paulo. Educação física e pedagogia: a questão dos conteúdos. Campinas:RBCE/EBCE, nº 11, jan/91.
 - . HABERMAS, Jurgen. Técnica e ciência como ideologia. Lisboa: Edições 70, 1987.
 - . ----- . Dialética e hermenêutica. Porto Alegre:L&PM,

1987.

- . HALL, Joel. Kentucky defesa 1-3-1, zona ataque com pivô embaixo. In Caderno Técnico-didático de Basquetebol, MEC/DBB; Brasília, 1980.
- . HAY, J. biomecânica do movimento humano. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1981.
- . HAY, J & REID, J. As bases anatômicas e mecânicas do movimento humano. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1985.
- . HOBBSBAWM Eric. A era dos impérios 1875 - 1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- . HOCHMUTH, Gerhard. Biomecânica de los movimientos desportivos. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física, 1973.
- . HORKHEIMER, Max. Eclipse da razão. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- . ----- . Teoria tradicional e teoria crítica. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril, 1980a.
- . ----- . Filosofia e teoria crítica. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril, 1980b.
- . KOSÍK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- . LIMA, Heleno Fonseca. As constantes mudanças: sinal de evolução. Rev. Superbasquete, São Paulo: Fast Editora, abril/88.
- . LOTUFO, João. Técnica de Basketball. São Paulo: Companhia Brasil, 1953.
- . LYRA FILHO, João. Introdução à sociologia dos desportos. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- . LUKACS, Georg. História e consciência de classe. Lisboa: Scorpião, 1974.
- . ----- . Existencialismo e marxismo. São Paulo: Ciências

Humanas, 1979.

. MAGILL, Richard. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações.
São Paulo: Editora Edgard Bluecher Ltda, 1984.

. MARQUES, Wlamir. Caderno técnico-didático: basquetebol.
Brasília: MEC/DDD, 1980.

. MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São
Paulo: Martins Fontes, 1977.

. ----- . Capítulo VI (inédito de o capital). São Paulo: Moraes,
1985.

. ----- . O Capital. São Paulo: Difel, 1987.

. MARX & ENGELS. Ideologia alemã. São Paulo: Ciências Humanas,
1982.

. MAYER, Arno. A força da tradição: a persistência do antigo
regime. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

. MELO JÚNIOR. As novas regras de basketball. Rio de Janeiro:
Cia Brasil Editora, 1940.

. MELO DE CARVALHO, A. Cultura física e desenvolvimento.
Lisboa: Compendium, 1979.

. MONSALVE, José Mocho. Ataque. Boletim Técnico da Brasteba,
São Paulo, dez/86.

. NAPOLEONI, Cláudio. Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de
Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

. ----- . Smith, Ricardo, Marx. Rio de Janeiro: Graal,
1985.

. OLIVEIRA, Francisco. O surgimento do anti-valor. São Paulo: Novos
Estudos CEBRAP, nº 22, 1988.

. ORO, Ubirajara. Concepções político-filosóficas da motricidade
humana no esporte convencional. Campinas: RBCE/CBCE,
vol 10, nº 03, maio/89.

- . PARLEBAS, Pierre. La sociabilité de l'antagonisme dans le sport. Lyon:Presses Universitaires, 1986.
- . PERES, Waldir Pagan. Situações de ofensiva: situações especiais. Boletim Técnico da Brasteba, São Paulo, fev/86.
- . PRIMO, Giancarlo. O contra-ataque. In Caderno Técnico-didático de Basquetebol, MEC/DDD:Brasília, 1980.
- . RASCH, P & BURKE, R. Cinesiologia e anatomia aplicada a ciência do movimento. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 1977.
- . RADER, Benjamin. American sports: from the age of folk games to the age of spectators. New York:Prentice-Hall, 1983.
- . ROSSI-LANDI, Ferruccio. A linguagem como trabalho e como mercado. São Paulo:Difel, 1985.
- . RUBIN, Isaak Illich. A teoria marxista do valor. São Paulo:Polis, 1987.
- . RUPP, Adolph. Rupp's Championship basketball. New York:Prentice Hall, 1948.
- . SAVIANI, Dermeval. Ensino público e algumas falas sobre universidade. São Paulo:Cortez, 1987.
- . SMITH, Dean. Il basket: attacco e difesa si squadra. Bologna: Zanichelli, 1981.
- . TRACHELIO, Cláudio. Exame analítico dos grupos musculares envolvidos nas principais ações motoras em basquetebol. Boletim Técnico da Brasteba, São Paulo, agosto/85.
- . TSETLIN, P. Baloncesto. Moscú:Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1961.
- . VASQUEZ, Adolfo Sanches. As idéias estéticas de Marx. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1978.
- . ----- Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

- VIDAL, Ari Ventura. Aspectos importantes para o treinamento de uma equipe. Boletim Técnico da Brasteba, São Paulo, nov/87.
- WEBER, Eugen. La petite reine. Lyon:Presses Universitaires, 1986.
- WOODEN, John. Il basket. Bologna:Zanichelli, 1981.